

Christina Bielinski Ramalho
Jeane de Cassia Nascimento Santos
Organizadoras



PROFLETRAS

Rede Nacional

EDIÇÕES
PROFLETRAS

A CRÔNICA EM SALA DE AULA

Adeilza Góis Santos Pacheco | Adriana Alvina da Silva |
Alberio Santana de Aragão | Orleanne Santana Couto |
Aline Higino da Silva | Antônio Carlos de Santana | José
Gleison Guimarães | Bruna Carvalho Dias | Denilson de
Souza Santos | José Cícero Melo dos Santos | Edimarks
da Silva Menezes | Joice Sales Santos | Kamilla Dida |
Leidiane Rodrigues Gaia | Patrícia Anjo da Silva Almeida |
Priscylla Silva Godoy | Washington Luís de Almeida Santos



Criação Editora

A CRÔNICA EM SALA DE AULA

Christina Bielinski Ramalho
Jeane de Cassia Nascimento Santos

ISBN 978-85-8413-820-3



Criação Editora

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Fábio Alves dos Santos
Gilvan Rodrigues dos Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Christina Bielinski Ramalho
Jeane de Cassia Nascimento Santos
Organizadoras



EDIÇÕES
PROFLETRAS

A CRÔNICA EM SALA DE AULA



Criação Editora
Aracaju | 2026

Copyright © 2026, by organizadoras

É proibido reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Editoração eletrônica
Adilma Menezes

Revisão do autor

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

C947 A crônica em sala de aula/ Orgs. Christina Bielinski
 Ramalho e Jeane de Cassia Nascimento Santos. –
 Aracaju: Criação Editora, 2026.
 254 p.
 E-book
 ISBN: 978-85-8413-820-3

1. Literatura brasileira. 2. Crônica. 3. Metodologia
de ensino. 4. Ensino da leitura. 5. Literatura crítica.
I. Ramalho, Christina(org.). II. Santos, Jeane de Cassia
Nascimento(org.).

CDU: 37.02:821.134.3(81)-94

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Jeane de Cassia Nascimento Santos</i>	
<i>Christina Bielinski Ramalho</i>	
“— TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”, DE ÉVERTON SANTOS: A CRÔNICA COMO ESTÍMULO À LEITURA	10
<i>Adeilza Góis Santos Pacheco</i>	
A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: LEITURA SUBJETIVA E LITERARIEDADE EM “SER(TÃO) DE ÁGUAS”, DE ILANE FERREIRA CAVALCANTE	26
<i>Adriana Alvina da Silva</i>	
O GUARDA-CHUVA COMO SÍMBOLO DA SECA: ANÁLISE E PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	48
<i>Alberio Santana de Aragão</i>	
<i>Orleanne Santana Couto</i>	
ENTRE PEIXES E EXISTÊNCIAS: UMA LEITURA SUBJETIVA DA CRÔNICA “— TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”, DE ÉVERTON SANTOS	67
<i>Aline Higino da Silva</i>	
A LITERARIEDADE E A CRÍTICA SOCIAL NA CRÔNICA “CARCARÁ DE TERNO”, DE AÉCIO SILVA JÚNIOR	85
<i>Antônio Carlos de Santana</i>	
<i>José Gleison Guimarães</i>	
A CRÔNICA E AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DA CRÔNICA “DAS ÁGUAS QUE FARTAM”, DE ANA SANTANA SOUZA	104
<i>Bruna Carvalho Dias</i>	
A METÁFORA DA ÁGUA E A CONSTRUÇÃO DA LITERARIEDADE EM DUAS CRÔNICAS DE ÉVERTON SANTOS	120
<i>Denilson de Souza Santos</i>	
<i>José Cícero Melo dos Santos</i>	

ENTRE VIVÊNCIAS: A PRESENÇA DA VIDA EM DUAS CRÔNICAS SERGIPANAS	145
<i>Edimarks da Silva Menezes</i>	
A CRÔNICA NO E-BOOK <i>TODAS AS ÁGUAS</i>: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO	162
<i>Joice Sales Santos</i>	
ANÁLISE DA CRÔNICA “A ÁGUA DO BANHO” DE AÉCIO SILVA JÚNIOR	183
<i>Kamilla Dida</i>	
APRECIÇÃO ESTÍLISTICA E CRÍTICA DE “CARCARÁ DE TERNO”, DE AÉCIO SILVA JÚNIOR, E A FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA	197
<i>Leidiane Rodrigues Gaia</i>	
“DAS ÁGUAS QUE FARTAM” AO “SER TÃO PURO”: UMA ANÁLISE DO ELEMENTO ÁGUA EM DUAS CRÔNICAS	215
<i>Patrícia Anjo da Silva Almeida</i>	
OS MÚLTIPLOS OLHARES DO COTIDIANO: A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE EXPRESSÃO SUBJETIVA EM SALA DE AULA	234
<i>Priscylla Silva Godoy</i>	
<i>Washington Luís de Almeida Santos</i>	

APRESENTAÇÃO

A decisão de realizar um Mestrado Profissional em Letras se configura, para docentes do Ensino Básico, não só como um projeto individual de incremento da própria trajetória acadêmica e profissional que envolve esforços consideráveis em meio à rotina docente, como também propicia o encontro com colegas que vivem desafios parecidos e o acesso a leituras e debates que colocam o ensino como figura principal.

Assim, abrimos esta apresentação já destacando que, também para nós, docentes do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, o encontro com os mestrandos e as mestrandas de nossas turmas, aqui, em especial, da turma Literatura e Ensino 2026.1, enriquece nossa própria visão sobre a realidade do ensino Básico em nosso estado e em estados vizinhos, já que recebemos turmas com participantes de diferentes origens. Ou seja, todas as pessoas envolvidas nesta publicação viveram momentos de proveitosas trocas de conhecimento e de transformação. E somos gratas, por isso.

A decisão de publicarmos os textos aqui presentes veio do entusiasmo com que foram produzidos todos os estudos e propostas de ensino que serão apresentados a vocês, leitores e leitoras. E ao entusiasmo se somou, como se verá, a constatação de que o gênero crônica é, de fato, um grande instrumento para o estímulo à prática de leitura, análise e interpretação de textos nos quais se reconhecem as artimanhas da literatura. E a razão para isso é de fácil entendimento: flutuando entre a comunicação breve, próxima da linguagem coloquial e focada em temas humanos do dia a dia muito próximos de todos/as nós e as possibilidades que a linguagem figurada oferece, a crônica vai, mansa-

mente, fazendo seus leitores e suas leitoras compreenderem a graça e a beleza contida em um texto quando ele consegue acertar, ao mesmo tempo, nosso coração e nossa sensibilidade crítica.

Individualmente ou em dupla, os dezesseis docentes que assinam os capítulos desse livro escolheram, livremente, crônicas do e-book *Todas as águas* (2019, organização Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra), com o objetivo de realizar análises críticas e de propor atividades para as salas de aula do Ensino Básico. O resultado, voltamos a dizer, foram textos muito consistentes que, por isso, podem ser bons instrumentos para outros e outras docentes que se interessem pelas atividades propostas.

A escolha do e-book pode ser explicada em trecho da “Apresentação dos organizadores” (2019, p. 9):

Este livro é o rio-mar e também as embarcações desejadas. Nasceu do encontro de águas mineiras, paraibanas e cariocas que, por motivos diversos, se fizeram afluentes permanentes ou temporários (nunca se sabe) das águas amazônicas estendidas no solo do Amapá. E rios assim, quando se encontram, promovem, inevitavelmente, uma pororoca de ideias e, ao mesmo tempo, desenham múltiplos contornos de embarcações.

Diversidade, distintas espacialidades e o elemento águas em igualmente plurais contextos fazem chover sobre nós os muitos líquidos que transitam pelas veias da vida. Além disso, o fato de ser um e-book de acesso gratuito permite que as propostas aqui presentes sejam realmente exequíveis para quem quiser essas águas e o que aqui se diz sobre elas para outros lugares.

A base teórica de suas abordagens deu realce considerável às ideias de Annie Rouxel, Antonio Candido e Rildo Cosson, às quais forma

somadas outras reflexões sobre a presença da literatura nas salas de aula, o que envolveu conceitos como “leitura subjetiva”, “letramento literário” e “direito à literatura”, entre outros, além de aspectos teóricos diretamente relacionados à história da crônica e a seus elementos mais característicos.

Dito isso, deixamos o convite à leitura de cada capítulo, de modo a que possam, de um lado, perceber a seriedade e o empenho que reconhecemos prontamente no perfil da turma que nos reuniu a esse grupo de mestrandos e mestrandas e, de outro, quem sabe, levar para outras salas de aula as crônicas e as metodologias propostas. Fica também o registro do link para o acesso ao e-book *Todas as águas*, para o caso dos capítulos em que o texto integral não estiver citado.

Ótima leitura!

Jeane de Cassia Nascimento Santos

Christina Bielinski Ramalho

Docentes do PROFLETRAS/UFS/ITABAIANA

“— TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”, DE ÉVERTON SANTOS: A CRÔNICA COMO ESTÍMULO À LEITURA

Adeilza Góis Santos Pacheco*

INTRODUÇÃO

*A água é essencial para a vida,
e a crônica para a leitura na escola*

A realidade da sala de aula, no que se refere ao gosto do aluno pela leitura, faz-nos repensar a prática diária e perceber a necessidade de a leitura ser o ponto principal das aulas. Segundo Irandé Antunes, no prefácio do livro *Um diálogo entre os gêneros* (2009), muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino da língua cada vez mais útil e contextualmente significativo. Nesse sentido, pensar numa didática a partir de crônica é fundamental, por ser ela um texto curto, leve, reflexivo e, na maioria das vezes, próximo da realidade dos discentes.

Também sobre essa realidade, Isabel Solé (1998, p.118) afirma que quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento, estabelecer relações e transferir o que foi aprendido para outros contextos. Diante do exposto, a inserção dos diversos gêneros literários nas rotinas das salas de aula ajuda os alunos a fazerem essa relação entre o que se leu e apreendeu e as próprias vivências.

* Mestranda do PROFLETRAS/ITA da UFS. Centro de Excelência de Educação em Tempo Integral Abdias Bezerra, Ribeirópolis, SE. Professora do Centro de Excelência de Educação em Tempo Integral Abdias Bezerra, Ribeirópolis, SE.

O espaço para que a leitura adentre a sala de aula precisa ser ampliado nas instituições de ensino, pois é a partir delas que o protagonismo acontece através de ações pedagógicas desenvolvidas com foco no que é lido, analisado, refletido e transformado. Conforme Maria Amélia Dalvi (2013, p.75), os textos literários muitas vezes são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Por isso, o objetivo deste artigo é suscitar nos docentes a centralidade da leitura, diariamente, no ambiente estudantil, expandindo para o debate, a releitura, a produção textos e as diversas nuances possíveis que um texto oferece, partindo de temáticas do cotidiano.

O e-book de crônicas *Todas as águas* (2019), organizado por Christina Ramalho, Ítalo Ramalho e Rafael Senra, conta com 28 escritores, os quais trazem uma abordagem abrangente sobre o que realmente é essencial à vida, propondo analogias com um dos elementos naturais essenciais aos seres vivos: a água. Os textos refletem sobre a ausência, a abundância e as diversas utilidades dela, levando em consideração as consequências e os efeitos em cada situação em que ela é colocada.

Ao falar sobre a essência vital, Antonio Candido (2012) diz que, assim como as pessoas precisam de comida e moradia, também precisam de cultura e expressão artística. Diante disso, não é forçada a alusão à necessidade da presença do texto em sala de aula para que as expressões artísticas e culturais existam. Ao pensar assim, a abordagem a uma das crônicas da coletânea, a saber, “— Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, perpassará pela metodologia da pré-leitura, com indagações motivadoras acerca das questões existenciais, das expressões dos relatos de experiência dos alunos da cultura da pesca, de já terem pescado ou não ou de terem presenciado um peixe agonizando. Na sequência, será feita a leitura do texto, suscitando de-

bates sobre as marcas e os elementos linguísticos, a subjetividade, a questão da ética, da conotação e denotação, do estranhamento e da reflexão social. Antes, porém, cabem algumas considerações sobre o gênero crônica, em especial a literária.

1. A CRÔNICA LITERÁRIA

A crônica literária tem como característica ser um texto curto, com linguagem simples, intimista, com temas que partem do cotidiano, ou seja, de fatos banais que desencadeiam alguns questionamentos ao narrador e ao leitor. São vários os tipos de crônicas: jornalística, humorística, esportiva, lírica, reflexiva entre outros, mas o ponto em comum entre todos eles é essa proximidade com os acontecimentos na vida do leitor, que despertam lembranças, emoções e reflexões muitas vezes até adormecidas. A intenção é sempre prender o amigoso leitor à narrativa pela intimidade que se cria entre ambos.

A palavra crônica deriva do latim *chronica*, que significa narrativa cronológica. Sua essência é mantida até hoje: apresentar ou fazer uma análise das situações do cotidiano. Historicamente, no Brasil, os primeiros relatos de crônica são os dos cronistas do descobrimento. Naquela época, o objetivo era colocar no papel as aventuras das viagens e apresentar ao rei de Portugal um panorama das novas terras descobertas, no entanto, esse objetivo não se distancia tanto da crônica literária atual, pois esta continua apresentando acontecimentos do cotidiano, subjetividade, com linguagem metafórica, ajudando o indivíduo a entender o outro, situando-o no espaço e no tempo.

Sobre a importância do universo do texto literário, Antonio Candido diz:

(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não

há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabuloso. (Cândido. 1988 p. 176)

O texto literário amplia a visão de mundo e desperta emoções no leitor. Dessa forma, a crônica literária – que recebe esse título tanto pelo vínculo de seu autor ou de sua autora com a literatura como pelo trabalho com a linguagem figurada – tem essa função de aproximar o leitor do texto, por todas as características já apresentadas aqui. De acordo com Márcia Porto (2009), assim como o repórter, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários que constituem a base da crônica.

Para Annie Rouxiel (2012), se desejamos formar leitores de literatura no ensino médio, convém sair do formalismo e reabilitar a subjetividade do leitor. Toda verdadeira experiência de leitura envolve a totalidade do ser. Isso quer dizer que as reflexões que o texto desperta somadas à bagagem do leitor produzem inferências fascinantes que efetivam a leitura significativa, causando um efeito curioso no leitor. Já Rildo Cosson (2014, p. 17) afirma que, no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Sendo assim, levar a crônica literária para a sala de aula é uma iniciativa que pode se fazer importante instrumento para ampliar o gosto pela leitura literária entre crianças, adolescentes e jovens.

2. UM ESTUDO DA CRÔNICA “– TU VAI NOS DEIXAR MORRER?”

A crônica “– Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, tem como título uma indagação. Inicialmente, o leitor não sabe de quem são essas

vozes, mas já pode inferir que é de mais de um ser, por estar no plural. Também traz o alento de que, ao longo da leitura, os personagens sejam descobertos, e a pergunta, respondida. O fato de o título ser uma pergunta já desencadeia várias outras no ambiente escolar sobre o que é perguntado, quem está perguntando e a quem, portanto, estamos falando dos elementos da comunicação.

O texto segue uma ordem cronológica dos fatos e situa o leitor no tempo, através da locução adverbial “pela manhã”, e no espaço com a frase verbal: “o peixeiro passou aqui em casa”. Nesse momento, com o verbo “passar” é posto no pretérito perfeito, indicando semanticamente um ato rápido e uma ação concluída. É importante ressaltar a fluidez das ações que dão sequências a outras, indicando a certeza dos acontecimentos. Com elas, assim, inicia-se a situação banal: um peixeiro entrega uma penca de peixes, unidos todos pela boca por uma palha verde. Mas qual o problema? A mãe do narrador não está em casa para receber a encomenda e dar um destino a ela, fica então a situação sob a responsabilidade do filho.

É pertinente aqui uma análise do foco narrativo. Como saber quem é esse narrador? Alguns trechos permitem essa identificação; “fiquei transtornado”; “virar vegetariano?”. A desinência de gênero permite a identificação de que é alguém do sexo masculino e, aparentemente, dependente da mãe para preparar os alimentos: “Nunca agredi a cadeia alimentar e afinal eu sabia que era fato que os homens comiam peixe, assim como outros tantos animais(...)”. (Santos, 2019, p. 47)

Há também um momento de estranhamento quando o personagem percebe que alguns peixes estavam vivos, ao debaterem-se, procurando água, e a partir daí surge a falta de ar também dele, por ver aquela situação e não saber como agir diante do inusitado. Esse narrador apresenta, então, uma sequência descritiva com riqueza de detalhes, fazendo com que a cena seja desenhada na mente do leitor, através de

uma subjetividade precisa, capaz de sentir o “sufocamento” dele e dos peixes.

2.1 A metáfora da água e outras conotações

O narrador, já no início, afirma que os peixes pediam água, lutando contra a morte, fora do seu habitat. A linguagem conotativa está presente em toda a narrativa, mas não de forma exagerada e, por meio dela, o leitor adentra no mais íntimo da mente do narrador. Já na primeira linha, é apresentada a figura do peixeiro, através de uma metonímia. Ele não tem nome, é anunciado pela profissão, com a intenção de generalizar: poderia ser qualquer peixeiro, uma vez que o foco não está nele, mas naquilo que ele traz preso por uma palha verde.

Seguindo com o recurso das figuras de linguagens – marca bastante presente em crônicas literárias –, observa-se que, ainda no início, o sufocamento dos peixes coloca as duas raças de seres vivos na mesma condição: uma falta de ar insuportável. A dos peixes se dá pela ausência do líquido essencial à vida, e a de quem os recebe, pelo pânico de estar com aqueles seres ainda vivos em suas mãos, sem saber o que fazer.

Essa água se torna uma metáfora quando ele, no meio do enredo, começa de forma implícita a fazer uma relação comparativa entre o que era fundamental para a sobrevivência dele e para a dos peixes, que “eram seres esbugalhados de sede” (Santos, 2019, p. 47). Dessa forma, “se o elemento essencial para os peixes é a água, para ele o que seria vital?” (Santos, 2019, p.48). O narrador chega a uma conclusão: a água é para os peixes aquilo que o amor chega a ser para tantos humanos.

A necessidade de água, naquele contexto, o faz refletir sobre os afetos que podiam prendê-lo, a ausência de amor presente nas relações, fazendo uma analogia à palha verde. Nesse sentido, lembro que a cultu-

ra popular faz referência à cor verde como simbologia da esperança, e isso também passa a ser fonte de reflexões para o narrador: ao quê ou a quem ele estaria ligado até morrer?, há alguma forma de substituir o que é tirado? São muitas as reflexões que parecem ser labirintos dos quais parece não ser mais possível sair. A situação assemelha-se à vida dos peixes presa por um fio de esperança, teimando em escapar do domínio do vivente.

A personificação é outra figura de linguagem presente na crônica. Os peixes têm sentimentos e falas como a colocada no título do texto, com o travessão indicando o diálogo. É com ela que é possível saber quem faz a indagação que se juntará a tantas outras ao longo da narrativa. São animais que, de forma conativa, pedem água, balbuciam, lutam e se negam a dar o último suspiro. Nesses verbos percebe-se a enumeração gradativa, mais um recurso na narrativa, das ações de quem luta pelo último suspiro. A prosopopeia ressurge em trechos como: “um instinto vegetariano havia gritado em mim e pedia para que eu encontrasse o rio mais próximo para devolver a vida que se esvaia” (Santos, 2019, p.47). Neste finalzinho, há uma antítese que mostra a fugacidade da vida.

O texto também traz ironia junto com a comparação, a exemplo de “minha única ação – ou reação? – foi colocá-los num vasilhame que eu sabia servir como uma maca de hospital, na qual eles, enfim, iriam expirar”, ou seja, há um deboche perceptível no jogo de palavras ação x reação e a associação da vasilha como uma maca de hospital, na qual eles ficariam acomodados, esperando atendimento. No entanto, não se pode considerar uma ajuda, uma vez que ele sabia que o final deles seria a morte. Essa ironia segue com uma suavização da morte – iriam expirar – apresentando mais uma figura de linguagem: o eufemismo.

2.2 Conflito ético e existencial

O texto literário é a representação da realidade e mostra a representatividade dos conflitos éticos diante de si, do outro e da lei, tentando atender às necessidades do ser humano. Uma das características da crônica é apresentar a profundidade humana, expondo os questionamentos íntimos, dialogando com temas atuais e existenciais. Na crônica em estudo, o narrador vive um conflito ético ao se questionar se deixa ou não os peixes morrerem:

a minha única ação – ou reação? – foi colocá-los num vasilhame, que eu sabia servir como uma maca de hospital, na qual eles, enfim, iriam expirar. Fiquei transtornado. A água era essencial para os peixes, e o que era de tal importante para mim? Sem o que eu não viveria? Será que, assim como aquela palha que unia os animais na hora da morte, estaria eu ligado a algo, a alguém, de forma que, sem isso, eu também fosse definhar até o silêncio do fim? O que há em cada momento vivenciado que me mantém de pé, dando-me suporte para que o vazio não me absorva? Será, me pergunto ainda, que podem os peixes me trazer essa dor de cabeça maçante impregnar meu corpo com um súbito mal-estar? Lamento dizer, mas cada um carrega um ponto fraco(...) (Éverton Santos, 2019, p.45)

Segundo Antônio Cândido (1988), quando o autor deseja expressamente assumir posições em face dos problemas, ele produz uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanística. Nesse contexto, a responsabilidade de decidir sobre a vida de um outro ser coloca o narrador em conflito. Por isso, ele tenta diminuir a culpa, enganar a si mesmo, ao refletir que nunca agrediu nenhum ser vivo e ao pensar por um instante ter tido um instinto vegetariano. Tais pensamento colocam em evidência a questão do

ato responsável enfatizado por Bakhtin (2010, p.24) sobre a responsabilidade que temos sobre a nossa vida e a do outro, ao afirmar que não somos indiferentes à morte nossa e a do próximo:

falando genericamente, cada homem é mortal, mas isso adquire sentido e valor somente a partir do lugar único de uma pessoa única, e o sentido e o valor da minha morte, da morte do outro, do meu próximo, de cada homem real, da humanidade inteira, varia profundamente caso a caso, já que são todos momentos diversos do existir evento singular. Somente para um sujeito desencarnado, não participante, indiferente, todas as mortes podem ser indiferentemente iguais. Mas ninguém vive, diz Bakhtin, em um mundo em que todos são, em relação ao valor, igualmente mortais. (Bakhtin, 2010, p. 18)

A tomada de decisão apresenta um choque de valores, exige reflexão e responsabilidade dos seus atos, que trazem, com eles, as consequências. Essa abordagem discursiva convida o leitor a explorar dilemas humanos, através de uma reflexão crítica com relação a valores, empatia, visão de mundo e análise de diferentes pontos de vista. Diante disso, é necessário perceber o campo da significação dos elementos linguísticos inseridos no enredo para demonstrar toda essa angústia. Um dos recursos é o uso excessivo das perguntas diretas, com o sinal de interrogação sempre presente do início ao fim do texto.

Desse modo, confirma-se que a leitura, com o auxílio de vários recursos interpretativos, amplia a visão de mundo e ajuda o leitor a fazer inferências sobre os conhecimentos prévios, a relacionar literatura e sociedade.

Um símbolo social citado no final do texto é o “Marco Zero”. Ele está presente nas cidades mais antigas, simbolizando um ponto de orientação espacial e um ponto de partida, ou seja, um momento de decisão.

Por fim, utilizando uma oração adverbial de tempo, eis que o desfecho é revelado: “Enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se debater”. É interessante pensar na frieza desse momento e do local onde os peixes foram colocados: na geladeira. Local reservado para conservar elementos sem vida e com destino alimentício. Essa parte da narrativa faz-nos voltar ao marco inicial: -“ — Tu vais nos deixar morrer?”

Finalmente, a resposta.

2.3 A intertextualidade

A crônica “– Tu vais nos deixar morrer?” dialoga com outros textos literários. Por exemplo, ao pensar no ego, nas coisas que o ser humano coloca em prática para se satisfazer ou se posicionar superior a outro ser, percebemos uma referência ao conto “O espelho”, de Machado de Assis, que, por meio da ironia, aborda o comportamento humano, mostra o mundo das aparências para atender aos padrões sociais, apresentando que o ser humano tem a alma externa para atender ao quesito citado e a interna que é a personalidade real, sendo esta o ponto fraco do indivíduo citado na crônica.

Além disso, menciona períodos históricos, citando personagens da mitologia grega, como Prometeu e a Esfinge. No final da crônica, o narrador diz que é preciso ter coragem para reencontrar as rédeas da vida e, principalmente, quando a luz não está acesa, começar a se perguntar onde está Prometeu. Quem é este? Na mitologia, ele é famoso por ser se compadecer da humanidade, roubar o fogo dos deuses e dar aos homens a superioridade em relação aos outros animais. É por isso que o narrador clama por ele para trazer conhecimento sobre os seus questionamentos.

Na sequência, é a vez de invocar Sócrates. Uma breve pausa para relembramos a importância desse filósofo. Também da Grécia Antiga, Sócrates é

conhecido por sua atuação no campo da ética, dos questionamentos internos e por decifrar enigmas. Daí a relação com o chamamento do narrador para desvendar os conflitos internos e éticos que passam na mente dele. Por acreditar que nenhum desses atenderá aos seus clamores, o narrador lamenta-se, chegando à conclusão de que a Esfinge irá devorá-lo. Mas afinal, quem é esse ser? Mais uma vez uma referência a um mito grego, que personifica a Esfinge, com corpo leonino, rosto feminino e asas, um monstro vingativo e devorador que propõe enigmas de difícil solução.

Márcia Porto (p. 9, 2009) faz um comentário interessante sobre essa questão da conversa entre os textos. Para ela é preciso trabalhar com uma forma de leitura que leve o aluno a reelaborar sua própria história de leitura, acessando a história de leituras de outros textos e de outros momentos históricos. Ademais, convém ressaltar que, para aqueles que desconhecem essas referências, é um momento singular para serem apresentados a essas outras histórias.

3. UMA PROPOSTA DA ABORDAGEM DA CRÔNICA “ – TU VAI NOS DEIXAR MORRER?” COM A 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A sala de aula é um espaço propício para trabalhar a leitura subjetiva, instigando o sujeito-leitor a uma reflexão do texto lido, relacionando-a às suas vivências. Essa relação torna a leitura prazerosa e significativa, pois leva em consideração a memória e os conhecimentos prévios do sujeito na construção de sentidos. Para Annie Roux (2012), é possível modificar a relação com o texto construído por meio da leitura escolar desenvolvendo uma “didática da implicação” do sujeito leitor na obra. Nesse contexto, cada leitor estabelece um diálogo individual com o texto.

As habilidades da Base Nacional Comum dialogam com a análise da literatura como instrumento de reflexão social.

Analisar efeitos de sentido decorrentes do uso expressivo da linguagem, escolhas vocabulares e recursos estilísticos Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas dos gêneros literários, reconhecendo a apreensão pessoal do cotidiano característica das crônicas. Analisar obras significativas da literatura brasileira e de outros países, avaliando aspectos éticos, estéticos e políticos. (BRASIL, 2018)

A partir das habilidades citadas, a proposta é que o professor utilize a crônica de Éverton Santos, partindo da seguinte metodologia:

- Iniciar a aula com perguntas motivadoras, como sugere Annie Roux, explorando as vivências dos estudantes sobre a temática, fazendo reflexões e observações, partindo do fato do cotidiano explorado na temática.
- Relacionar o texto à música popular infantil “Peixe Vivo”
- Entregar aos alunos uma cópia da crônica para que a leitura seja feita pelo aluno;
- Retomar as perguntas motivadoras e relacioná-las com o texto, inferindo os pontos que tenham semelhança, divergência com o que foi discutido.
- Analisar as questões éticas e respondê-las;
- Trabalhar os elementos da narração e das figuras de linguagem;
- Solicitar que os alunos produzam um desenho que ilustre o que foi lido e crie um poema, revelando sentimentos de como eles se sentem ao se perceberem vivos e atuantes na sociedade.

- Fazer a socialização dos textos em um mural em sala de aula.

Essa proposta também dialoga com o letramento literário, proposto por Rildo Cosson (2014), como prática primordial nas escolas para trabalhar a escrita criativa, com uso da memória, do imaginário e das reflexões sociais associadas ao uso da literariedade.

Finalizo, deixando aqui a crônica na íntegra:

“– Tu vai nos deixar morrer?”

Pela manhã, o peixeiro passou aqui em casa e trouxe a encomenda de mamãe. Como ela não estava, fui buscar a penca de peixes, uns seis, unidos todos pela boca por uma palha verde. Segurei pela amarração e só então, dado o repentino reboliço quase generalizado por parte dos animais em minha mão, percebi que alguns ainda estavam vivos, frescos, e senti como uma falta de ar: aqueles peixes pediam água, balbuciavam serenamente, lutavam contra a morte, negavam-se a dar o último suspiro, tentavam encontrar forças fora do seu hábitat.

Foi aí que me vi como culpado, apesar de já ter pescado tantas vezes. Nunca agredi a cadeia alimentar e afinal eu sabia que era fato que os homens comiam peixe, assim como outros tantos animais faziam parte da culinária rica em proteínas que a maioria das pessoas consome. Por um instante imaginei que um instinto vegetariano havia gritado em mim e pedia para que eu encontrasse o rio mais próximo para devolver a vida que se esvaía naqueles inofensivos seres esbugalhados de sede. Contudo, a minha única ação - ou reação? - foi colocá-los num vasilhame, que eu sabia servir como uma maca de hospital, na qual eles, enfim, iriam expirar.

Fiquei transtornado. A água era essencial para os peixes, e o que era de tal importância para mim? Sem o que eu não viveria? Será que, assim como aquela palha que unia os animais na hora da morte, estaria eu ligado a algo, a alguém, de forma que, sem isso, eu também fosse definhar até o silêncio do fim? O que há em cada momento vivenciado que me mantém de pé, dando-me suporte para que o vazio não me absorva? Será, me pergunto ainda, que podem os peixes me trazer essa dor de cabeça maçante, impregnar meu corpo com um súbito mal-estar?

Lamento dizer, mas cada um carrega um ponto fraco, traz seu edifício interior, seu espelho machadiano. Dentro de si ou no entorno, há, claramente, para todos, as muletas que amparam e possibilitam a trajetória. A água é para os peixes aquilo que o amor chega a ser para tantos humanos. Assim como o trabalho, a casa, a família, o ego que se satisfaz em si mesmo. Perdendo isso, o que resta? O insosso, o dissabor, o oco impreenchível? E onde o ânimo para recomeçar? Conseguimos, de alguma forma, substituir algo fundamental quando de nós é retirado? Teremos mais sorte que os peixes? Sabemos sair dos labirintos, nos desenredar das teias, levantar da cama e começar a contagem a partir da origem, do marco zero?

É preciso coragem para reencontrar as rédeas, principalmente quando a luz não está acesa. Da chama que se apaga, onde estará Prometeu? Poderia ele me trazer a paz do conhecimento? Oh Sócrates, poderia você me ajudar a decifrar esse desafio?

Lamento, mas acho que a Esfinge me há de devorar.

Enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se debater.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber a quantidade de informações que se pode extrair de um texto e como a sala de aula é o espaço propício para trabalhar

e-books como o apresentado neste artigo. São escritos que permitem uma proximidade com o leitor, de forma intimista e reflexiva. Em outras crônicas da mesma coletânea são abordadas questões sociais como fome, sede, enchentes, crenças e rituais, partindo de um substantivo central: água. Tudo isso evidencia como a palavra é poderosa a ponto de nortear narrativas inteiras e de diferentes formas, revelando a mágica da escrita criativa dos autores do livro *Todas as águas*.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Préfacio. In: PORTO, Márcia. Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais.** Curitiba: Aymar, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PORTO, MÁRCIA. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais.** Curitiba: Aymar, 2009.

RAMALHO, Christina. **Todas as águas: crônicas.** / Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho, Rafael Senra. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.42, n. 145, p.272-283, jan/abr. 2012. DOI: 10.1590/S0100-15742012000100015

SANTOS, Éverton. **Tu vais nos deixar morrer?**. In: Todas as águas: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019, p. 45-47.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: LEITURA SUBJETIVA E LITERARIEDADE EM “SER(TÃO) DE ÁGUAS”, DE ILANE FERREIRA CAVALCANTE

*Adriana Alvina da Silva**

INTRODUÇÃO

A crônica é, provavelmente, um dos gêneros mais populares de todos os tempos. Considerada um gênero híbrido por permear pela esfera jornalística e literária, pode ser comumente encontrada em jornais, revistas, sites, o que faz aumentar consideravelmente seu público leitor. Outro ponto marcante refere-se à sua estrutura de composição curta e linguagem simples, permitindo maior entendimento e proximidade do leitor com o texto.

Diante do hibridismo inerente à crônica, embora verse, em geral, sobre questões de seu tempo, a abordagem de fatos históricos narrados cronologicamente à medida em que iam acontecendo vem sido deixada de lado, para abrir espaço para uma divagação subjetiva e lírica, capaz de transformar uma situação simples do cotidiano de maneira pessoal, crítica, reflexiva, humorística.

A relevância da crônica, como gênero literário, assumiu características próprias. No memorável texto “A vida ao Rés-do-chão”, Antonio Candido aponta que: “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia

* Mestranda do Proletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola Municipal Antônio Guimarães de Carvalho, Rio Real - BA.

dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.” (1989, p. 6-7). Com seu estilo diferenciado, a crônica se apresenta como um espaço de opiniões que fogem ao senso comum sob o olhar de um cronista que observa o mundo e o apresenta aos leitores segundo sua visão sobre a realidade, temas da atualidade.

Nesse sentido, a crônica vai além da objetividade jornalística, pois, amplia as possibilidades de leitura que exploram textos marcados por comentários pessoais e olhar subjetivo de fatos e da atualidade, com tom de conversa leve e acessível que refletem “uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas” (Candido, 1992, p. 14).

A linguagem trabalhada pelo cronista consegue inserir na narrativa sua visão pessoal e subjetiva da realidade. Contudo, não é uma tarefa fácil modificar um fato cotidiano em algo atrativo ao leitor. Segundo Arrigucci (1987), o cronista deve buscar estratégias literárias de não se afundar agarrado ao efêmero. Vejamos o que ele nos diz:

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo (Arrigucci, 1987, p. 55).

Os temas abordados nas crônicas são infinitos e mostram que esse gênero vai além de relatar o dia a dia, mas é capaz de compreender a condição humana por meio de detalhes insignificantes que dizem muito sobre quem nós somos e como agimos diante da vida.

Nessa perspectiva, este trabalho tem o intuito de analisar os elementos de subjetividade e literariedade na crônica “Ser(tão) de águas”, de Ilane Ferreira Cavalcante, observando de que modo a autora ressignifica uma simples situação do cotidiano e a transforma em objeto literário através de estratégias narrativas, escolhas linguísticas e imagens poéticas. O corpus deste trabalho é constituído pela referida crônica, utilizada como texto central para a investigação dos mecanismos de construção do sentido e dos efeitos estéticos produzidos no texto.

Pretende-se que este artigo, possa contribuir não apenas para ampliar as discussões teóricas sobre a crônica literária, mas também propor uma estratégia pedagógica de leitura em sala de aula que favoreça o desenvolvimento da leitura crítica, sensível e subjetiva por meio de experiências estéticas e interpretativas mais aprofundadas.

1. A SUBJETIVIDADE DA CRÔNICA

A subjetividade na literatura, desde tempos imemoriais, sempre foi um conceito complexo por se tratar da experiência individual e pessoal de cada um, motivada por sentidos, valores e emoções. Nos textos literário, essa construção subjetiva não é apenas um reflexo do autor, mas também uma ponte para o leitor que surge por meio das palavras, possibilitando ao leitor reconhecer-se com as emoções e experiências expostas, com suas inquietações e construir sua própria subjetividade.

Essa subjetividade da crônica é uma das características que mais a aproxima do contexto literário. A crônica não busca apenas contar fatos

cotidianos, mas interpretá-los a partir de uma visão pessoal do cronista que manifesta impressões, sentimentos, reflexões e memórias, diferentemente do olhar objetivo dos textos estritamente informativos.

Nesse sentido, a crônica possibilita que o leitor estabeleça uma relação íntima com as imagens evocadas pela autora, transformando a leitura em uma experiência de encontro entre texto e leitor. Sob a ótica da leitura subjetiva, cada leitor reage de maneira distinta ao texto. Segundo Annie Rouxel (2012, p.278), “O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir”. Sendo assim, a leitura literária abrange um investimento particular do leitor, que confere significados ao texto a partir de sua subjetividade.

Nesse gênero, a leitura subjetiva acontece quando o leitor atribui sentidos próprios ao texto de acordo a suas emoções, suas experiências, seus valores, ao funcionar como um espaço de liberdade expressiva que promove o encontro entre a subjetividade do autor e a do leitor diante de um fato cotidiano em reflexão, sentimento e interpretação.

2. TODAS AS ÁGUAS: ENTRE ÁGUAS E SENTIDOS

O e-book intitulado *Todas as águas* é composto por 27 crônicas que retratam a variedade de sentimentos, lugares e vivências que constituem a experiência humana. Vindos de diferentes contextos, seus autores arquitetam um conjunto de histórias que transitam entre o contentamento e a melancolia, a esperança e dificuldades encontradas do cotidiano. Os textos convidam o leitor a navegar por caminhos variados, descobrindo, na diversidade, aquilo que nos alcança e nos torna parecidos.

Em *Todas as águas* os escritos convidam o leitor a uma passagem pelo mundo peculiar das águas, enquanto elemento que concebe vida, a

lembrança, os encontros e diferentes experiências humanas. O e-book é um espaço de partilha, onde correntes culturais distintas, vozes e olhares se conectam para exaltar o poder de criação das palavras e a abundância das múltiplas águas que nos compõem.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância da autora Ilane Ferreira Cavalcante como professora, pesquisadora e escritora do Rio Grande do Norte, cuja atuação transita entre as áreas de Letras e Educação, com ênfase em literatura e história da educação. Sua produção literária e acadêmica demonstra um interesse por temáticas como educação a distância, educação profissional, formação docente, gênero e literatura, manifestando uma trajetória caracterizada pela articulação entre reflexão crítica e criação estética. Nesse contexto, sua produção contribui para ampliar o diálogo entre literatura e educação, o que se reflete também em crônicas como “Ser(tão) de águas”, presente no e-book *Todas as águas*, na qual a autora incorpora sensibilidade estética e reflexão crítica, trazendo o leitor para uma experiência de leitura marcada pela subjetividade e pela construção de sentidos.

2.1 Os efeitos de literariedade e a subjetividade em “Ser(tão) de águas”

A crônica “Ser(tão) de águas” já revela no próprio título uma estratégia estética do texto, a fusão entre as “sertão” e “ser tão”, possibilitando ao leitor criar múltiplos sentidos e ampliar suas possibilidades interpretativas. O “sertão” refere-se a um espaço geográfico da região Nordeste, marcado pelo histórico da seca, pela resistência, luta pela sobrevivência e cultura popular. E “ser tão” é um termo que sugere uma reflexão existencial acerca da condição humana. Essa polissemia contribui para a expressividade do texto, pois permite que uma mesma palavra tenha diferentes interpretações e a construção de sentidos variados no leitor.

Na leitura de “Ser(tão) de águas”, a narrativa transforma uma realidade caracterizada pelo conflito entre a seca, a escassez e a resistência dos sertanejos em experiência simbólica e estética para o leitor. Com isso, a crônica reafirma o que Antonio Candido menciona: “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade e para o semelhante” (Candido, 2004), pois o leitor é direcionado a sair de uma percepção simplesmente informativa e a adentrar em uma experiência estética, sensível e reflexiva do mundo.

Embora a crônica seja ligada ao cotidiano, ela assume, em “Ser(tão) de águas”, uma linguagem poética ao ultrapassar o simples narrar e utilizar alguns recursos expressivos que trazem ao texto, emoção, beleza e múltiplos sentidos. Por meio deles, a autora cria uma experiência estética que leva o leitor a sentir, imaginar o sertão de maneira intensa através das imagens evocadas pela linguagem capaz de transformar uma simples leitura em uma experiência sensível.

Nas estradas que cortam o sertão, em pleno semiárido, minha memória viaja entre lembranças vividas, lidas ou imaginadas e pairam sobre as águas. Sim, sobre as águas. Em pleno sertão, no que parece ser fim de uma seca de quase sete anos, meus pensamentos sobejam água. Não, não é pela sede, mas pela sua presença, implícita, em cada curva do caminho, em cada trecho da estrada. (Cavalcante, 2019, p. 72, grifos meus)

Os termos sublinhados são marcas da presença de um narrador em primeira pessoa, cuja subjetividade é relevada ao expressar percepções, memórias e sua relação afetiva com o sertão e a água. A linguagem conotativa e sensorial, que aproxima a crônica da literatura poética, transforma uma experiência pessoal em uma reflexão estética ao colocar o espaço “sertão” como lugar de memórias, identidade, esperança e pertencimento.

Nessa crônica, a elaboração estética da linguagem desempenha um papel relevante para ampliar os sentidos do texto, intensificar a expressividade e contribuir para a representação poética do sertão nordestino. Ainda tendo como exemplo, o título da narrativa, a expressão “sertão de águas” ao aproximar ideias aparentemente contraditórias, uma vez que a falta de água costuma ser associada à seca, um fator marcante no sertão, pode ser entendida como paradoxal, em que o sertão e a fartura de águas coexistem.

A água funciona como um emblema na narrativa. Deixa de ser apenas um elemento natural e passa a assumir um valor de identidade, ligado à experiência dos sertanejos nordestinos com o seu lugar, o sertão. Ela é representatividade da vida, esperança, resistência e memória nesse cenário.

Na continuidade, a voz narrativa cria um cenário que permite ao leitor construir mentalmente uma paisagem com movimento e cor, um sertão para além dos estereótipos da seca:

Seca verde, é o fenômeno que sucede a esse leve período de chuvas, quando brotam os primeiros verdes na caatinga e as paisagens se colorem, perdendo, lentamente, os seus variados tons de caqui, marrom e cinza. Ainda não é inverno, estação das chuvas, e pode nem chegar a sê-lo, mas só quem vive ou percorre frequentemente essas paisagens sertanejas sabe o sabor de esperança que essas primeiras folhas despertam. (Cavalcante, 2019, p. 72)

Na descrição da paisagem, a expressão “Seca verde” é fruto da junção de dois termos aparentemente contraditórios, pois, “seca” relaciona-se a falta de água, aridez, vegetação murcha e “verde” remete à renovação vegetativa, à vida. No contexto, a expressão faz alusão às chuvas que

fazem a vegetação começar a brotar, porém não de forma suficiente para garantir água que termine um período de seca.

Nesse contexto, “brotam os primeiros verdes na caatinga” e “tons de cajú, marrom e cinza” revelam uma contraposição: enquanto o marrom e o cinza retratam a estiagem, o verde representa a renovação ocasionada pela chuva ou ainda, a esperança para um contexto de aridez.

Um dos aspectos relevantes da crônica em estudo é a desconstrução de estereótipos em que o sertão é representado como lugar de seca, sofrimento e abandono. O texto traz esse ambiente em uma nova perspectiva, um sertão que é atravessado pela presença das águas, que é um lugar de abundância afetiva e humana. Nesse espaço, a água e a seca convivem como possibilidade de resistência e permanência, pois a água não elimina a seca.

“Ser(tão) de águas” apresenta uma escrita que une crônica, poesia, memória e cultura. O espaço natural nordestino é retratado por meio de elementos carregados de história e significado como podemos observar no trecho a seguir:

E há os rios, que, descendo, buscam caminhos de pedra, nunca leito de areia, pois, lembra João Cabral, as pedras protegem as águas, cerceiam suas margens, amparam seu fluxo, buscam o silêncio. Quem sabe! Não tem altura o silêncio das pedras, não é Manoel? O leito de areia, próprio do mar, com suas bocas multiplicadas, nada ampara, nada cerca, nada esconde, tudo deixa fugir e fluir. Esses rios, no sertão, se amparam em grandes rochedos, sinuosos, cortando serras, serrotes, outeiros, se escondem em grutas. Nelas, outrora, quilombos foram erguidos, cangaceiros se acoitaram, ciladas e emboscadas se realizaram. Antes, bem antes, numa história que se perde no tempo e além

das águas, os lajedos guardam segredos dos povos antigos, ancestrais, rupestres: Ingá, Pai Mateus, Soledade. (Cavalcante, 2019, p. 73)

Nesse caso, os rios são retratados como seres que têm vontade própria ao dizer que eles “buscam os caminhos de pedra”. E ao procurar esses caminhos, os rios esperam ser guardados pelas pedras. E como nos mostra a intertextualidade feita com o poema de João Cabral de Melo Neto: “Por isso é que ao descer/caminho de pedras eu buscava/que não leito de areia/com suas bocas multiplicadas” (Melo Neto, s.d.). O rio prefere as pedras porque elas preservam seu curso. Já a areia, absorvem sua água, portanto pode ser vista como inimiga do rio por representar várias bocas que estão prontas para sugar sua água. As águas do rio assumem aqui, significados afetivos e existenciais.

Parafraseando Manoel de Barros em “Não tem altura o silêncio das pedras” (Barros, 1993, p. 19), o silêncio é mencionado como algo que resiste ao tempo, são histórias e mistérios guardados pelas pedras. Nesse contexto, pedras e lajedos recebem ações humanas como: proteger as águas, cercar as margens dos rios e guardar segredos.

Outro aspecto marcante ainda desse trecho, é o paralelismo sintático em “nada ampara, nada cerca, nada esconde, tudo deixa fugir e fluir”. Essa sequência de repetições expressivas revela o contraste entre o mar e os rios do sertão, além de apresentar uma forma sensível e criativa de se recriar a realidade, que causa emoção e reflexão no leitor.

O olhar narrativo em “Ser(tão)de águas” apresenta uma visão lírica da realidade por meio de uma linguagem emotiva, contemplativa e poética. A exemplo, em “As cidades brotam de água, no sertão” ao invés de se dizer que as cidades foram construídas perto da água no sertão, utiliza-se o verbo “brotam” para expressar “nascimento”. Como se as

idades dependessem da água para surgirem na terra como plantas que brotam depois da chuva. Observemos:

As cidades brotam da água, no sertão. Próximo a lagoas, rios, córregos, riachos. As casas se aglomeram, as ruas se desenhavam ladeando as águas, os quintais se projetam sobre elas e as algarobas tecem sua sombra onde os animais, cansados de luz, se protegem em busca do sono leve da tarde. Ao longo da estrada, essa simbiose se estabelece, a cada pequena ponte, lembrando um rio que passa, ou passou; a cada lajedo, cortando em grutas os riachos, estão as vilas, as cidades, os territórios humanos. Às margens da água, lavadeiras tecem seu ofício, ensaboam, torcem, enxáguam. Sertanejos velam pelos animais que pastam. Crianças pulam em festa, casais se enamoram e a noite, a noite plena, do sertão, se mira, coroada de estrelas. (Cavalcante, 2019, p. 73-74)

Na expressão: “onde os animais, cansados de luz, se protegem em busca do sono leve da tarde” o termo sublinhado indica uma descrição suave para o calor intenso causado pelo sol no sertão. O que cansa os animais, não é especificamente “a luz” em si, mas o calor do sol. E logo se cria uma atmosfera de calma e paz dos animais, que na sombra das algarobas buscam o seu “sono leve da tarde”.

A narrativa apresenta momentos que representam alegria, amor, celebração da vida. O foco está na representatividade das simples experiências humanas que são compartilhadas e na beleza dos sentimentos. Como podemos perceber em “Crianças pulam em festa, casais se enamoram”.

“E a noite, a noite plena, do sertão, se mira, coroada de estrelas” reflete a noite como uma personagem rodeada de imagens poéticas. Na repe-

tição “A noite, a noite plena” remete a um cenário onde o narrador contempla admiradamente a paisagem. E ao dizer que ela “se mira” a noite é personificada ao receber a ação de “olhar-se”. A imagem da noite é tratada como algo majestoso por estar “coroada de estrelas”, refletindo a beleza e grandiosidade do céu no sertão.

Em uma análise comparativa das frases que introduzem o quinto e o sexto parágrafo, “As cidades brotam da água, no sertão.” e “As cidades também fazem a água, no sertão.” Aparentemente contraditórias, as frases apresentam um paralelismo que reforça a relação de reciprocidade e interdependência, a água cria a cidade e a cidade transforma a água. Observe que a água não é representada apenas como um recurso natural, mas como uma seiva que traz vida e ao mesmo tempo passa por transformações gerada por essa mesma vida.

O quinto parágrafo da crônica marca uma ampliação no simbolismo da água associada à vida, agora assume uma dimensão social, política e histórica, a linguagem literária é utilizada como meio de denúncia social e da elaboração poética na narrativa. A formulação metafórica em “As cidades também fazem a água, no sertão” revela a ação humana sobre a natureza, pois cidades não criam água, mas constroem podem construir açudes e reservatórios ao dizer que “É quando nascem os açudes.” O açude é personificado para aproximar a ação humana e reforçar a ideia de que o sertão pode ser restabelecido através da interação entre o homem e a água.

Outro momento expressivo nesse parágrafo ocorre em “Açudes enormes, construídos por mãos desesperadas de fome”, a expressão “mãos desesperadas de fome” é destacada de forma a simbolizar um todo: os sertanejos, o sofrimento, a luta pela sobrevivência. a fome é atribuída às mãos, mas não são as mãos que sentem fome, e sim, as pessoas.

A beleza da narrativa reside ao se revelar um sertão assolado pela luta humana, pelas desigualdades, pelas memórias e sentimento, sem perder o caráter poético da crônica. Ao mencionar “recebiam migalhas dos governos”, o substantivo migalhas assume um forte valor conotativo para produzir uma crítica social ao representar o abandono, o descaso e a ajuda escassa do governo para com as regiões maltratadas pela seca que pode ser observando ainda em “enquanto os governos se locupletavam com os recursos destinados ao combate da seca.”

A estrutura narrativa da crônica desde o início vem combinando a descrição do sertão, crítica implícita à ideia de escassez da água e a valorização do conhecimento. Para isso, utiliza uma linguagem que vai além do caráter informativo e produz efeito estético por meio de inúmeros recursos expressivos como podemos mais uma vez confirmar em:

Hoje, as estradas são pintadas, também, do branco das cisternas que pontuam os pequenos sítios por onde quer que se adentre o sertão. Cisternas que represam a água das chuvas e plantam na terra as famílias quando vem a seca. As generosas cisternas que provam o quanto há água no sertão, quando se sabe guardá-la. (Cavalcante, 2019, p. 74)

Inicialmente, vejamos como a adjetivação e o emprego do advérbio ajudam a construir o sentido afetivo e histórico nesse fragmento. O advérbio “hoje” além de funcionar como marcador temporal indica um contraste subentendido entre o sertão no passado, associado à seca e escassez e o sertão no presente. Dessa forma, o emprego desse advérbio no início do parágrafo, leva o leitor a perceber uma mudança histórica. O sertão mudou. Algo foi transformado, novas soluções apareceram e a relação do sertanejo com a água não é mais a mesma. A aridez da paisagem até então retratada, agora é caracterizada pela presença das cisternas, símbolo de convivência com a seca.

A adjetivação nesse trecho colabora para o reconhecimento e valorização do sertanejo, ao se apresentar carregada de emoção e avaliação, para despontar o posicionamento afetivo do narrador. Ao empregar “pequenos sítios”, o eu narrativo aproxima o leitor do ambiente familiar e rural. O adjetivo “pequenos” retrata o tamanho da propriedade, a simplicidade da vida no sertão e a proximidade entre o sertanejo e a terra.

E em “generosas cisternas” humaniza o objeto “cisterna” a fim de sugerir abundância, cuidado e proteção. Contudo, do ponto de vista literal, uma cisterna não pode ser generosa. A generosidade é uma característica humana. Por isso, o adjetivo “generosas” produz uma personificação e expressa uma avaliação subjetiva de admiração pelas cisternas.

Assim, a utilização do advérbio temporal e da adjetivação contribuem juntos na construção de um novo retrato do sertão. Enquanto o “hoje” indica a transformação ocorrida em decorrência do tempo, os adjetivos mostram como essa transformação é percebida atualmente pelo olhar afetivo do narrador.

No parágrafo seguinte, a chuva é transformada em um acontecimento coletivo e solene. Esse evento é construído em um cenário repleto de imagens visuais, sensoriais e sonoras que aproximam o leitor da importante experiência que é a chuva no sertão.

Sim, há a chuva, e ela cai em pingos grossos, arrebatando os telhados em goteiras, formando córregos cheios de lama em busca dos rios. Quando há chuva, a felicidade é plena. Sob as gotas grossas, algumas crianças pulam, outras se encolhem embaixo das bicas, em banhos demorados. Os adultos correm a encher potes e panelas, a garantir a limpeza das bicas que desembocam nos poços e cisternas. Os sapos e as rãs aparecem,

do nada, pulando aos milhares, por todos os lados, se escondendo atrás dos potes de água de beber, escondidos nas brechas húmidas das rochas. Diz-se que as rãs sabem a conversa das águas. (Cavalcante, 2019, p. 74-75)

Na afirmação inicial do parágrafo “Sim, há a chuva”, o advérbio “sim” funciona quase como uma resposta a um fato frequentemente ignorado que é o sertão como lugar de chuva e de água. E a partir daí, as imagens sensoriais são um dos aspectos mais ricos desse fragmento, porque permitem ao leitor ser mobilizado pelo texto, acompanhar a transformação da paisagem e a intensidade da chuva, experimentando-a imaginariamente que movimenta diferentes sentidos.

A visão é o sentido mais expressivo nesse cenário. O leitor não imagina uma chuva fina ou discreta, mas gotas grandes e pesadas. Em “ela cai em pingos grossos” o adjetivo “grossos” expande visualmente a dimensão dos pingos da chuva e reflete a ideia de fartura. Outro exemplo pode ser notado na cena “formando córregos cheios de lama em busca dos rios” em que se é possível visualizar a água descendo pelos terrenos e ruas, a terra misturando-se à água e formando lama e pequenos cursos de água que surgem ligeiramente.

A paisagem narrativa parece movimentar-se perante o olhar do leitor. O movimento das crianças refletido em “algumas crianças pulam” avigora a vivacidade do momento, mostrando que tudo está em modificação. Já a expressão metafórica “Os sapos e as rãs aparecem, do nada” sugere uma propagação repentina da vida. O leitor visualiza os animais espalhados pelo cenário sertanejo, que antes deles, parecia silencioso e seco num ar de mistério e encantamento à paisagem do sertão.

Embora se trate de uma crônica, “Ser(tão) de águas”, possui uma linguagem poética que expressa uma visão subjetiva da realidade sertaneja.

O lirismo é um dos elementos mais marcantes na narrativa. Observe-se que, no fragmento a seguir, o lirismo manifesta-se desde o início:

A chuva é pura luxúria no sertão. Nunca vem sozinha, está sempre cercada de raios, que anunciam sua tão desejada chegada. É um desfile triunfal de nuvens, pesadas, recheadas de chuva, o clarão do relâmpago abre o céu em rachaduras de luz que se projetam do chão ao teto, plúmbeo de promessas. Só depois as gotas caem, grossas, quase sólidas, formando imensas manchas húmidas na terra. E assim, a chuva se derrama e tudo canta. Muitas chuvas depois, os córregos perdem sua forma, se espalhando pelos vales, os rios vazam e invadem casas, rompem as pontes, se esparramam em todas as direções e os açudes sangram em cascatas. O sangrar do açude é mais que uma festa, é a certeza da permanência, é a garantia do trabalho, é a esperança da colheita. (Cavalcante, 2019, p. 75)

Na primeira frase “A chuva é pura luxúria no sertão.”, a palavra “luxúria” espanta porque normalmente está atrelada a demasia de desejos. Nesse contexto, ela é usada metaforicamente para indicar abastamento, intensidade e encanto. O fenômeno da chuva, a água tão almejada pelos sertanejos, passa a ser uma experiência emocional. Nesse sentido, o que mais importa são os sentimentos que a chuva desperta.

Outro aspecto relevante é que o texto possui um ritmo que contribui para o caráter lírico da linguagem, conferindo musicalidade como na sequência “É um desfile triunfal de nuvens, pesadas, recheadas de chuva...”. Observe-se que a leitura da enumeração pausada dos adjetivos produz um ritmo que acompanha o movimento das nuvens carregadas que se aproximam lentamente. Ainda, podemos observar o ritmo nas repetições estruturais “é a certeza da permanência, é a garantia do

trabalho, é a esperança da colheita.” A repetição do “é” promove um paralelismo poético com intensidade emocional ao encerramento.

A intertextualidade e as referências culturais constituem um dos aspectos mais ricos da crônica “Ser(tão) de águas”, pois Ilane Ferreira Cavalcante não descreve apenas a água do contexto sertanejo; ela insere um amplo acervo de narrativas, simbologias, imaginários e memórias da região Nordeste. Sendo assim, a cronista busca, por meio do diálogo com outros textos, falas, costumes ou manifestações culturais existentes, mecanismos para ampliar o significado da água, como símbolo da identidade nordestina. Verifiquemos essa ocorrência no penúltimo parágrafo da crônica disposto a seguir:

A água é mito, no sertão, é folclore, é poesia, é prosa. É São Saruê encantada, é lama, lodo e ferrugem. É Una e Capiberibe. É o sinuoso velho Chico e suas carrancas. Nela mora a mãe das águas, nela tocam sinos e rangem carros de boi naufragados. Nas águas do sertão se perdem os filhos das mães solteiras, brincam os fogos-fátuos, assombrando os viajantes incautos. (Cavalcante, 2019, p. 75)

No fragmento, a água é apresentada como uma guardiã de vivências acumuladas ao longo dos anos. Na frase “A água é mito, no sertão, é folclore, é poesia, é prosa.” por exemplo, a autora almeja exceder a dimensão física da água para examinar sua importância cultural e simbólica. Logo em seguida, fazendo referência a literatura de cordel e ao imaginário popular, a autora associa o simbolismo da água a São Saruê, um lugar imaginário criado pelo poeta Leandro Gomes de Barros, onde não há fome, pobreza ou sofrimento e a água é considerada um líquido precioso. Essa associação sugere que a água é algo que possibilita a fartura e a efetivação de sonhos em um lugar marcado historicamente pela escassez de água.

Há ainda, nesse mesmo trecho, uma referência mítica e folclórica, a “mãe das águas”, uma personagem cotidiana em diferentes memórias populares. Ao se dizer “Nela mora a mãe das águas”, a água deixa de ser apenas um recurso da natureza e passa a ser vista como lugar do sagrado e de coisas sobrenaturais.

O emprego da expressão “É o sinuoso velho Chico e suas carrancas.” demonstra familiaridade, respeito e pertencimento cultural. Por outro lado, seguindo a tradição popular, as carrancas são esculturas de madeira colocadas em embarcações do rio São Francisco para afastar espíritos maus, resguardar os navegantes e garantir uma viagem segura. Ao citar essas esculturas, a autora transfere para a crônica um emblema da cultura ribeirinha na região Nordeste.

Em “nela tocam sinos” e “rangem carros de boi naufragados”, a imagem dos sinos está relacionada às histórias, do imaginário nordestino, de lugares inundados pela edificação de barragens ou pelo aumento das águas. Já o carro de boi é um símbolo tradicional da cultura sertaneja. Ao visualizá-los afundados e rangendo sob a água, a autora modifica a paisagem em um ambiente onde os acontecimentos históricos permanecem vivos. A água passa a funcionar com um arquivo de memórias coletivas.

O diálogo com histórias populares e narrativas trágicas fica muito evidente em passagens como “Nas águas do sertão se perdem os filhos das mães solteiras” e “brincam os fogos-fátuos, assombrando os viajantes incautos” e nelas a água continua sendo guardiã de memórias e histórias silenciadas pela sociedade.

O último parágrafo da narrativa iniciado com a expressão “Os tons de verde que surgem” retoma a simbologia da água como vida que renasce. O verde é a representatividade da memória e da expectativa. Ao afirmar

que os tons estão “prenhes de lembranças” e “grávidos de esperança”, associa-se à natureza e ao ato da gestação, indicando que o lugar guarda em si a esperança de um futuro melhor e, paralelamente, guarda os sinais do passado. O verde passa a representar tanto a memória quanto a expectativa.

Enquanto, a expressão “seca verde” propõe uma abordagem mais ampla e menos estereotipada da realidade sertaneja, mostrando a capacidade que o sertanejo tem em reinventar-se perante as adversidades, pois, mesmo em tempos de severa escassez, há sinais de renovação, resistência e continuação da vida.

A crônica “Ser(tão) de águas”, por tudo isso, é um texto que pode contribuir significativamente com o trabalho do docente em sala de aula. Ao trazer à tona memórias, sentimentos e identidade através de uma linguagem poética e ao mesmo tempo reflexiva, a narrativa é capaz de envolver os alunos em práticas de leitura subjetiva, ao relacionarem o contexto ficcional do sertão às suas vivências, a terem uma participação ativa e sensível na construção de sentidos.

3. PROPOSTA DE ABORDAGEM DA CRÔNICA “SER(TÃO) DE ÁGUAS” EM SALA DE AULA

A utilização da crônica “Ser(tão) de Águas” em sala de aula permite o desenvolvimento de práticas de leitura literária que valorizam a subjetividade do leitor, a interpretação crítica e a apreciação estética da linguagem. A crônica retrata um olhar sensível sobre o sertão, enfatizando a presença da água como símbolo essencial da paisagem, da identidade sertaneja da memória e da cultura.

Nesse contexto, o trabalho do professor deve ir além da compreensão literal da crônica, tecendo discussões que levem os estudantes a rela-

cionar à narrativa crônica com suas vivências e percepções do mundo. Sendo assim, as estratégias pedagógicas com a crônica devem ser planejadas com o intuito de propiciar ações em que o aluno se reconheça como coautor dos sentidos do texto, expandindo sua competência leitora e estreitando seus laços com a literatura.

Inicialmente, o professor pode promover um momento inicial de sensibilização e ativação de memórias. Antes de realizar a leitura do texto, pode-se propor uma conversa sobre o sertão, recordações da infância, lugares que marcaram a vida, sobre as lembranças que a chuva traz. Essa ação temo intuito de criar espaço de interação e compartilhamento de experiências pessoais dos alunos.

Em seguida, propõe-se a leitura individual do texto, na qual os estudantes deverão registrar suas impressões sobre a crônica, em um diário de leitura destacando: palavras ou expressões que despertam neles algum sentimento, trechos que mais chamaram atenção, relações entre o texto e suas vivências e outras imagens mentais construídas no processo de leitura, demonstrando assim, a expressão singular de cada um, enquanto sujeito leitor.

Após a leitura e os registros no diário, pode-se promover um momento de compartilhamento das leituras por meio de um círculo de leitura para que cada aluno possa compartilhar com os colegas as impressões sobre o texto que foram registradas. A partir daí, o professor pode enfatizar o papel do texto lido ao possibilitar diferentes interpretações, fortalecendo a ideia de que a leitura do texto literário é uma experiência plural, que também possibilita uma leitura subjetiva que é singular a cada sujeito.

Após a recepção subjetiva, pode-se analisar os recursos literários empregados pela autora como o sentido metafórico de algumas expres-

sões, o jogo de sentidos demonstrado desde o título do texto, as imagens poéticas que envolvem o sertão, a memória e a identidade dos sertanejos. Alguns trechos que possuem esses recursos podem ser destacados no texto e depois, se refletir sobre os significados que esses recursos produzem no texto, como eles causam emoção e beleza na construção da narrativa.

Logo após, sugere-se uma atividade de produção textual, para que os estudantes produzam uma carta destinada à autora da crônica lida, na qual deverão apresentar suas impressões sobre o texto, explicar como interpreta o sertão apresentado na narrativa e dialogar com a autora sobre a mensagem transmitida.

Ao final, é possível realizar uma roda de conversa sobre os temas abordados na crônica, principalmente da importância da água para a vida dos sertanejos e sobre como a literatura pode contribuir para a desconstrução de preconceitos relacionados à realidade sertaneja e a valorização da identidade local.

Dessa forma, a crônica “Ser(tão) de Águas” funciona como uma excelente proposta pedagógica para tornar o ato de ler, na sala de aula, em uma experiência singular para os alunos, permitindo a interação entre texto e leitor, valorizando o aluno como leitor ativo, sensível, capaz de construir sentidos por meio da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora trate de situações simples do cotidiano, a grandeza estética da crônica se manifesta na capacidade da autora em atribuir significado emocional e humano ao que é tratado. E é justamente esse envolvimento do leitor com o texto que proporciona a leitura subjetiva. As metáforas, ambiguidades e imagens poéticas presentes na narrativa abrem

espaços para que o leitor atribua sentidos próprios, pois, ao invés de atribuir apenas uma mensagem única a autora constrói uma crônica que possibilita diferentes interpretações. A experiência de leitura em “Ser(tão) de águas” é um encontro simbólico entre o universo criado pela autora e o repertório singular do leitor, no seu diálogo com as imagens e relação com as vivências no sertão.

“Ser(tão) de águas” evidencia o potencial da crônica literária ao transformar vivências simples do cotidiano simples do sertão em uma reflexão que desperta no sujeito leitor um olhar mais sensível sobre a realidade, sobre si mesmo e sobre suas memórias. O texto reafirma que a função da literatura vai além da representação da realidade ao recriar e possibilitar as mais variadas interpretações e experiências de vida.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, D. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. Ser(tão) de águas. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas: crônicas**. Natal: Lucgraf, 2019. p. 72-75.

MELO NETO, João Cabral de. **O rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife**. Disponível em: <https://leaoramos.blogspot.com/2007/07/na-viagem-que-faz-o-capibaribe-de-sua.html>. Acesso em: 30 jun. 2026.

RAMALHO, Christina. **A literariedade da crônica de Rubem Braga**. Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, SE, v. 11, p. 361-376, 2010.

RAMALHO, Christina; HAUSSMAN, Raphael (org.). **Por um livro todo meu: teoria e prática em produção textual**. Livro 3. Natal: Lucgraf, 2018.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas: crônicas**. Natal: Lucgraf, 2019.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura**: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Cadernos de Pesquisa, v. 42, n. 145, p. 272-283, 2012.

SANTOS, M. C. dos. **Viagem a São Saruê**. João Pessoa: MEC/PRONASEC RURAL – SEC/PB – UFPB. FUNAPE, 1981.

O GUARDA-CHUVA COMO SÍMBOLO DA SECA: ANÁLISE E PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

*Alberio Santana de Aragão**

*Orleanne Santana Couto***

1. INTRODUÇÃO

Texto literário é aquele em que a comunicação não se opera e atua ao nível não apenas consciente, mas em outro nível que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente. Nessa perspectiva, a linguagem no texto literário pressupõe os diferentes aspectos que demonstram que “todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda nossa vida, de tal modo que nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa”. (Cosson, 2009, p. 15)

É certo que o texto literário resulta de uma vontade de comunicação, por meio da linguagem, mas o que o define é superior à vontade de comunicar, ou seja, a vontade e capacidade de significar. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a crônica “O guarda-chuva”, do autor sergipano Marcos Roberto, publicada na antologia *Todas as águas: crônicas*, em 2019, como forma de colaborar com o processo de formação de professores de Língua Portuguesa no de-

* Mestrando do Profletras da Universidade Federal de Sergipe – Campus de Itabaiana-SE. Escola Estadual Celso Rodrigues Rego, Piranhas, AL. E-mail: alberiotrab@gmail.com.br.

** Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe – Campus de Itabaiana-SE. E-mail: orleannecouto@gmail.com.

envolvimento de estratégias pedagógicas de utilização do texto literário em sala de aula para inserção de práticas de leitura literária no currículo escolar, que levem os estudantes a refletirem sobre atitudes e valores, estimulando, a promoção da consciência ambiental individual e coletiva. Partindo desse pressuposto, como defende Teresa Colomer (2002, p. 93):

A leitura literária deve receber um tratamento específico na escola porque, diferentemente das demais leituras, destina-se a apreciar o ato de expressão do autor, a desenvolver o imaginário pessoal a partir dessa apreciação e a permitir o reencontro da pessoa consigo mesma em sua interpretação.

Outro enfoque que se pretende contemplar, através da leitura e análise de uma crônica ambiental, é suscitar o debate e reflexões entre os estudantes sobre os impactos da seca e das mudanças climáticas na dinâmica social, econômica e na qualidade de vida das pessoas, reforçando, assim, a perspectiva apresentada por Cosson (2009, p. 29), em que é dever do professor explorar ao máximo as potencialidades do texto literário com seus alunos.

1. CRÔNICA E LITERARIEDADE

A crônica se torna atemporal justamente por sua simplicidade: ela nasce do cotidiano, incorpora variações linguísticas, gírias e até mesmo palavrões, sem perder força estética. Esse hibridismo é essencial para compreendê-la e para aproximá-la do estudante, estabelecendo com ele uma íntima relação com seu cotidiano, podendo estimular o prazer pela leitura. Embora apresente características reconhecíveis - como brevidade, coloquialismo, humor, diálogo direto com o leitor e atenção ao dia a dia - é a literariedade que lhe confere uma dimensão poética, elevando o relato comum ao nível simbólico.

Uma vez que o cotidiano pode ser encarado como fio condutor do conhecimento de uma sociedade, neste sentido ele dá-nos conta de múltiplos elementos que constituem a trama dessa realidade social, porque nele estão presentes todos os aspectos mais evidentes e significantes, como elementos indispensáveis para que a mesma seja compreendida nas suas diversas vertentes. (Lopes, 1995, p. 12)

Observa-se, então, que a força desse gênero está justamente em sua natureza híbrida, ao unir jornalismo e literatura. Essa fusão permite ao cronista uma liberdade criativa singular, revelando sua visão de mundo e posição diante dos temas abordados. Por vezes, atua como narrador-observador, em outras como personagem, assumindo múltiplos papéis sociais.

Antonio Candido observou que o prestígio atual da crônica reflete uma busca pela oralidade na escrita, uma tentativa de romper com o artifício e aproximar-se da naturalidade do nosso tempo - um processo que ele chamou de 'humanização da melhor' (1992, p. 8). Essa característica se revela na linguagem simples e próxima da fala cotidiana, na brevidade dos textos, no tom intimista e na presença de elementos da poesia e do conto. Muitas vezes narrada em primeira pessoa, a crônica parte do cotidiano para construir uma reflexão literária.

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 1992, p. 191)

Maria de Fátima Fernandes (2012, p. 77), por sua vez, destaca que, ao explorar múltiplas possibilidades cognitivas e linguísticas, a literatura cria uma estética que encena acontecimentos e personagens históricos, sem buscar uma totalidade absoluta. Em vez disso, concentra-se no local, no corpo e nas alegorias, transformando a história em símbolos que ampliam o olhar crítico e estético.

A polissemia da língua permite que os textos trabalhem com diversas finalidades, transitando facilmente entre a comunicação objetiva e direta às expressões simbólicas que não se deseja comunicar imediatamente. Isso acontece a partir da atribuição de mais de um significado a uma palavra. Assim, podemos considerar a polissemia como um ponto de partida para a reflexão acerca do que chamamos de linguagem figurada, já que, no valor denotativo de um termo, há um sentido próprio, que é compreendido na medida em que se tem conhecimento do vocabulário de uma língua. Então, nesse “sentido próprio”, o significado atribuído a uma palavra no valor denotativo é compreendido sem necessidade de associações simbólicas. Enquanto isso, no “sentido figurado”, um valor conotativo provém dessas relações simbólicas e é a partir delas que pode ser compreendido. Daí, também, a justificativa pela qual relacionamos o valor denotativo ao que está no dicionário e o valor conotativo à literatura.

A literariedade pode ser entendida como o uso intencional de signos literários para proporcionar ao leitor prazer e conhecimento. Horácio já afirmava que a literatura deve ser “dulce et utile”, isto é, ao mesmo tempo agradável e útil (Menezes, 1993, p. 20). Ainda sobre a construção do sentido, afirma Christina Menezes Ramalho:

Esse modo de ver as formas de construção do sentido tem, contudo, muitas limitações, porque assume que o valor denotativo não sugere simbologias e que o conotativo não pode ser assi-

milado sem associações simbólicas, sem considerar, todavia, que há uma instância de recepção que pode, muito bem, alterar essa visão simplista. Um exemplo disso é o uso inocente de palavras ou expressões que possuem o famoso ‘duplo sentido’. Se o emissor teve uma intenção objetiva ao selecionar determinada palavra ou expressão do código que usa, pode-se dizer que buscou o sentido próprio dessa palavra ou expressão, porém, o ‘sentido próprio’ era aquele que o emissor compreendia como sentido direto. Se o valor polissêmico da mesma palavra ou expressão permitia outra compreensão, e, por isso, o receptor compreendeu de outra forma ou percebeu duplicidade de sentido, o tal ‘sentido próprio’ ou denotativo se perdeu ou se desviou do formato que teria na fonte, ou seja, o emissor. Assim, o que seria pura denotação passou a ter valor conotativo. (Ramalho, 2010, p. 363)

Por isso, em vez de pensarmos que denotação e conotação são pontos extremos na construção de sentido do texto, podemos pensar no potencial sêmico e nos efeitos que cada um pode produzir nas situações comunicativas considerando as variações. É certo que podemos estudar o sentido figurado isoladamente, construindo a construção de sentido, premeditada pelo emissor no intuito de analisar como se dão essas intenções simbólicas. Percebemos que, quanto mais conhecemos os processos de construção de sentido mais cabedal possuímos para atingir os efeitos desejados, e para isso consideramos o fato de que a recepção deve acontecer de forma efetiva.

Na crônica contemporânea, esses recursos conferem profundidade simbólica, permitindo ao leitor ultrapassar a superfície dos fatos e desenvolver tanto senso crítico quanto sensibilidade estética. Por isso, compreendê-la exige uma análise interpretativa que considere sua linguagem figurada, sua polissemia e sua capacidade de trans-

formar o cotidiano em reflexão literária, através de práticas de leitura que contribuam para o letramento literário e para formação do sujeito leitor. Como exemplo disso, a obra contemporânea *Todas as águas: crônicas*, organizada por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra (Natal/RN: Lucgraf, 2019) reúne um conjunto diverso de crônicas de autores de várias regiões do Brasil e de Cabo Verde, na África. O e-book gira, tematicamente, em torno do signo “água”, que se manifesta em múltiplas abordagens: dimensão íntima e cotidiana, abordagem social e ambiental, denúncia a escassez e a instrumentalização da natureza e símbolo de luta associada à inclusão social e a direitos garantidos.

A relevância dessa antologia está em revitalizar a crônica como mergulho no interior humano. A depender da intenção pedagógica definida pelo professor para uso em sala de aula, ela pode servir, inclusive, para a promoção da “leitura subjetiva”, apresentada por Annie Rouxel (2013), sendo capaz de despertar memórias afetivas e captar de forma dinâmica as contradições do cotidiano. Dentre o repertório disponível, destaca-se a crônica “O guarda-chuva”, do sergipano Marcos Roberto. Sua escrita usa o dia a dia e as transições climáticas para refletir sobre a experiência humana e sua relação com água ou com a escassez dela, ilustrando como as palavras na obra funcionam para representar essas experiências para provocar reflexão sobre problemas sociais, ambientais e humanos.

2. O GUARDA-CHUVA E SUA FUNÇÃO SIMBÓLICA

Na crônica “O guarda-chuva”, o título reflete diretamente a presença constante e simbólica desse objeto na narrativa. O texto começa com uma voz que parte da observação de um guarda-chuva esquecido em um canto da casa. Esse elemento é apresentado de modo melancólico e desencadeia toda a reflexão que se segue. Mesmo tal substantivo

composto aparecendo apenas duas vezes no texto, a primeira de modo determinado (l. 1), com o uso do artigo “o” e a segunda precedida pelo numeral “Milhares” (l. 18), o objeto é o ponto central de partida para promover discussões mais amplas.

Abaixo, o texto em análise na íntegra:

	O guarda-chuva
	Marcos Roberto
1	Sentado no sofá após o almoço, observo o guarda-chuva no canto, em repouso,
2	como se pensasse no porquê de a água não desejar seu encontro, não aparecer naqueles
3	céus tão conhecidos de ambos. Estava meio frouxo e já apresentava teias de aranha e
4	algumas ferrugens se olhado mais de perto.
5	A tv falava sobre a mais alta de temperatura dessa tarde desde 1950. Nunca
6	estive tão quente como em 50 anos. Nunca a água sumiu por tanto tempo de nossas ruas,
7	bonés, bolsas e plantações. Milhões de camponeses de jeito ressabiado, com pouco
8	trabalho, hortas fracassadas, pessoas estressadas nas filas da Lotérica com crianças
9	cismadas no colo, pessoas afobadas para chegar em casa e se libertarem com o banho da
10	água presa no seu reservatório.
11	Vendedores de picolé e água sorriem, vendedores de óculos escuros estressados
12	sorriem. Todo mundo tem pouco tempo, todo mundo quer tudo logo, adiante, adiante.
13	Quanta demora. Puxa o assunto com o desconhecido sobre o calor e há quanto tempo não
14	chove. Por isso que o tomate tá mais caro. O jeito é esperar.
15	Não se escolhe muito, frutas poucas na feira, ventos quentes e lonas secas,
16	preços caros que daqui a pouco, estressarão ainda mais aquela mulher na fila da lotérica.
17	Protetor solar, pressa, bufa a criança, bufa a idosa. É tudo no tempo de Deus. Milhares de
18	guarda-chuvas sem trabalhar.
19	Sinto sede e vou beber água, hoje realmente é um dia quente.

Já a partir da leitura do primeiro parágrafo, são apresentados indícios da relação simbólica entre o guarda-chuva e a seca/ausência de chuva. Predominam as sequências descritivas que levam o leitor a reconhecer cenários e pessoas afetadas pelos impactos sociais da seca, uma vez que, da perspectiva da observação do objeto, pelo narrador, se amplia a reflexão dos problemas enfrentados pela comunidade local.

O texto menciona que “Nunca estive tão quente como em 50 anos” (l. 5), reforçando a intensidade de calor e as implicações da ausência de chuva na população e no cotidiano de diferentes grupos. O guarda-chu-

va simboliza, então, a inutilidade diante da ausência da chuva. Criado para proteger da água, ele permanece parado e esquecido, refletindo a longa estiagem apresentada na crônica. A situação evidencia uma crítica às mudanças climáticas e aos impactos ambientais provocados pelo calor extremo, além das consequências sociais da seca sobre a população.

A dinâmica produzida por períodos curtos, ao longo de todo texto, produz efeitos diversos, ora de intensidade, pausa reflexiva e sensação de cansaço ou impaciência diante das situações retratadas. À medida que a narrativa progride, imprime-se um ritmo de velocidade. Esse aspecto em muito se assemelha com o processo de escrita da crônica, como assevera Jorge de Sá (1987, p. 10-11):

À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito.

O texto apresenta linguagem informal, perceptível em expressões comuns de registros de interações orais coloquiais como “tv falava” (l. 5), “pessoas afobadas” (l. 9), “Puxa o assunto” (l. 13), “tá mais caro” (l. 14) e “tudo no tempo de Deus” (l. 17). A repetição verbal “bufa a idosa” (l. 17), “bufa a criança” (l. 17), em que “bufar” é utilizado como ato de expelir ar pela boca ou pelas narinas com força, enfatiza a representação do desgaste físico e emocional causado pelo calor excessivo.

3. A VOZ PARTICIPANTE AFETADA

O autor organiza a progressão temática a partir da imagem inicial do guarda-chuva sob a perspectiva de um narrador de primeira pessoa.

É a partir desse narrador que o leitor elabora imagens, ora concretas, ora sensoriais, utilizando-se, como ponto de partida, da atmosfera de ausência e espera pela água/chuva ilustrada na imagem simbólica do guarda-chuva. A voz narrativa participa ativamente da realidade observada, mesmo que numa posição reflexiva diante da tentativa de descanso, como em “Sentado no sofá após o almoço” (l. 1), demonstrando pertencer ao contexto narrado, o que se dá até o final do texto, como em “Sinto sede e vou beber água” (l. 19). As marcas linguísticas que comprovam a narrativa em primeira pessoa se revelam justamente pela explicitação do pronome pessoal “eu”, mesmo oculto textualmente, e dos verbos “observo”, “sinto” e “vou beber”, em primeira pessoa, (ll. 1 e 19). Assim sendo, à medida que o leitor imerge na temporalidade da narrativa, não previsível, este se deixa conduzir ao universo ficcional em que se depara por meio da leitura. Nesse sentido,

Toda narrativa estabelece duas temporalidades: a dos acontecimentos relatados é a que depende do próprio ato de contar. No universo construído pela ficção, a diegese, um fato pode ser definido pelo lugar que ocupa na suposta cronologia da história, pela sua duração e pelo número de vezes que inter-vém. Para mostrar esse acontecimento, o narrador, no entanto, não é obrigado a respeitar essa temporalidade diegética: pode escolher começar por uma ocorrência ou por outra, pode relata-la extensivamente, ou, pelo contrário, sucintamente, pode lembrá-la uma ou várias vezes. Sua narrativa possui uma temporalidade específica, distinta da narrativa da história. (Gaudreault & Jost, 2010, p. 134)

A crônica “O guarda-chuva” é um texto contemporâneo relevante, uma vez que, na perspectiva de uma voz participante também afetada, traz à tona os impactos do clima na dinâmica social, econômica e na qualidade de vida da sociedade. Sua construção atravessada pela memória e

observação de um objeto determinado “parado num canto”, vale-se de recursos linguísticos e estilísticos próprios do gênero discursivo crônica, em que a linguagem é utilizada para envolver o leitor, como se esse partilhasse dos mesmos dilemas enfrentados em função da estiagem e dos longos períodos sem ocorrência de chuvas. No último período da crônica “Sinto sede e vou beber água, hoje realmente é um dia quente.” (l. 19) corrobora-se essa aproximação entre narrador e leitor, ao se compartilhar uma sensação comum, a experiência mais humana e universal - a sede -, contribuindo para encerrar o texto criticamente.

O desfecho da crônica retoma a experiência individual e também coletiva do narrador, valorizando pequenos acontecimentos do dia a dia para provocar reflexão sobre problemas sociais, ambientais e humanos.

4. AS FIGURAS DE LINGUAGEM EM REPRESENTAÇÃO AOS EFEITOS DA SECA

O autor se vale do uso de figuras de linguagem para criar efeitos semânticos, conferir ritmo e atribuir expressividade, condizentes na construção da atmosfera e do contexto que se quer representar. Tais recursos atravessam o texto em vários momentos, de diferentes modos, contribuindo principalmente para estética e compreensão das vozes, das observações e das construções imagéticas e sensoriais que convertem o dito, denotativamente, em contexto criativo, como ato e recurso polissêmico da palavra conotativa. Partindo dessa premissa, como afirma César Chesneau Dumarsais (1988, p. 67), as figuras podem ser definidas como:

[...] maneiras de falar distintamente de outras por uma modificação particular, que faz com que sejam reduzidas cada uma a uma espécie particular, e que as torna ou mais vivas ou mais nobres ou mais agradáveis do que as maneiras de falar que ex-

primem o mesmo fundo de pensamento, sem ter outra modificação particular.

Para ampliar o repertório do professor e fundamentar uma leitura literária crítica antes do trabalho em sala de aula, a análise das figuras de linguagem não deve ser encarada como um fim burocrático, mas como uma chave para desvelar os múltiplos sentidos e a espessura poética do texto. Sob a ótica de Annie Rouxel e Maria Amélia Dalvi, esse mapeamento estilístico pode potencializar a atividade de mediação docente, permitindo ao professor compreender como a forma literária desperta a sensibilidade dos estudantes sem asfixiá-la com cobranças mecânicas de nomenclatura técnica. No texto analisado, as figuras de linguagem transcendem a mera classificação e operam diretamente na construção significativa de uma atmosfera sensível, humana e social:

- **Personificação e Metáfora:** O guarda-chuva em “repouso”, marcado por “teias de aranha” e “sem trabalhar”, é humanizado para espelhar a utilidade suspensa, o desemprego e a espera melancólica diante da estiagem. O objeto deixa de ser estático e passa a simbolizar o sentimento de abandono compartilhado pela própria população afetada pela seca.
- **Enumeração, Anáfora e Hipérbole:** A sucessão de elementos (“ruas, bonés, bolsas e plantações”) e a repetição cumulativa da preposição (“com pouco trabalho, com hortas fracassadas...”) e de expressões coletivas imprimem um ritmo de urgência e cansaço. Aliadas ao exagero intencional de “milhões” e “milhares”, essas figuras dão dimensão e visibilidade ao impacto opressor do calor sobre os diferentes grupos sociais.
- **Metonímia e Hipotipose:** A substituição da causa pelo efeito (o uso de “água” para representar a precipitação pluviométrica) e a cons-

trução detalhada de imagens sensoriais (“ventos quentes e longas secas”) geram um forte apelo imagético. Esse recurso materializa a escassez hídrica na imaginação do leitor e traduz a crônica em uma experiência viva de esgotamento físico e humano.

O estado de seca duradoura é utilizado para produzir imagens sensoriais e para aproximar o leitor da atmosfera quente e sufocante descrita na narrativa. O ambiente retratado transmite uma percepção coletiva comunitária compartilhada, inclusive pelo narrador. A seca funciona como metáfora da tensão social e do esgotamento humano. A repetição de palavras relacionadas à pressa (“logo”, “adiante”) revela uma sociedade ansiosa e impaciente. O trecho “Todo mundo tem pouco tempo, todo mundo quer tudo logo” (l. 12) revela o posicionamento crítico em relação a vida da sociedade contemporânea em contraposição à visão popular, além de religiosa, de resignação diante das dificuldades, quando do uso da expressão “É tudo no tempo de Deus” (l. 17).

O calor excessivo é apresentado como elemento opressor que interfere na rotina das pessoas, de forma positiva para alguns e de forma negativa para outros, como no contraste entre os vendedores que lucram com o calor e as pessoas que sofrem com seus efeitos, evidenciando as desigualdades sociais ao mencionar camponeses sem trabalho, filas da lotérica e dificuldades econômicas.

Compreender esses processos linguísticos e semânticos confere ao professor bagagem necessária para guiar a leitura com leveza e delicadeza, provocando e validando as vivências, a imaginação e as identidades dos sujeitos leitores em formação.

5. AS RELAÇÕES COMERCIAIS E ECONÔMICAS SOB OS EFEITOS DA SECA

Um recorte que num primeiro momento parece exercer papel secundário na crônica, mas que é consolidado sob o viés observador e descritivo do narrador, ocorre ao longo dos 2º, 3º e 4º parágrafos. As relações comerciais e econômicas presentes no texto conduzem o leitor ao ambiente urbano do interior, revelando, além da dinâmica do espaço, o consumo de bens e serviços, como em “Pessoas estressadas nas filas da Lotérica...” (l. 8), em que a presença das filas mostra a circulação de dinheiro e a utilização de serviços financeiros.

O dinamismo da economia local é reforçado em outros momentos do texto, como em “Milhões de camponeses de jeito ressabiado, com pouco trabalho, hortas fracassadas...” (ll. 7 e 8), retratando o impacto da seca na produção agrícola da região, causando perdas nas hortas e reduzindo a produção e o aumentando o preço dos alimentos. Nesse sentido, o texto revela a agricultura como uma atividade econômica fundamental. Quando as plantações fracassam, os produtores têm menos renda e há diminuição da oferta de produtos no mercado, como em “Por isso que o tomate tá mais caro.” (l. 14), ou seja, o texto apresenta um exemplo concreto da lei da oferta e da procura. Além disso, em “Milhares de guarda-chuvas sem trabalhar”, embora em sentido figurado, o trecho sugere que produtos ligados aos períodos chuvosos têm menor utilidade e menor procura. A ausência de chuvas pode reduzir as vendas de determinados produtos, afetando comerciantes que dependem dessas mercadorias.

Em contraposição a isso, o texto revela, ainda, que a escassez de chuva prolongada também se traduz em benefícios econômicos para alguns setores específicos, como em “Vendedores de picolé e água sorriem...” (l. 11), já que o calor intenso aumenta a procura por produtos refrescan-

tes. Essa relação também é demonstrada quanto ao consumo de produtos relacionados à saúde, como em “vendedores de óculos escuros estressados, sorriem” (l. 12) e “Protetor solar...” (l. 17), em que o calor intenso estimula a compra de produtos de proteção dos olhos e da pele contra os efeitos do sol.

A partir das observações acima, a leitura do texto mostra como fatores ambientais afetam a produção, o consumo, os preços e a renda das pessoas, influenciando hábitos de consumo e movimentos em determinados segmentos do comércio. Tais constatações poderiam passar despercebidas em uma análise exclusivamente estrutural do texto, no entanto, se defende aqui a noção de Rouxel (2012, p. 278), de que a “leitura é um lugar de existência” também do leitor, devendo o professor, ao utilizar um texto literário, antes de tudo, ter clareza da relevância do seu papel em estimular experiências capazes de “restabelecer o sujeito no coração da leitura e acolher na sala de aula suas reações, que irão orientar os processos interpretativos” (Rouxel, 2012, p. 278) como forma de alcançar os múltiplos significados.

6. A CRÔNICA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

A partir da leitura da crônica “O guarda-chuva”, de Marcos Roberto, tomando-a como objeto de trabalho pedagógico, podemos pensar em diversas estratégias com vistas ao fortalecimento da literatura na escola, de modo que, como defende Rildo Cosson (2009, p. 47-48), se “efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecimento para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”, contribuindo para sua formação enquanto leitor literário. Nesse sentido, a leitura crítica prévia e a análise dos recursos linguísticos e interpretativos de um texto, como demonstrado, é uma etapa importante de preparação para o professor, permitindo-lhe expandir seu repertório

e antecipar as potencialidades da obra antes de levá-la para a sala de aula. Contudo, partindo da perspectiva da “leitura subjetiva”, o docente não deve, necessariamente, impor esses elementos formais analisados aos estudantes. Em vez disso, deve mobilizar o conhecimento de mundo dos estudantes, permitindo que eles tragam suas próprias vivências, memórias e referências reais sobre elementos do texto - como o guarda-chuva, a chuva ou a seca, por exemplo -, revelando nuances de sua relação com essas abordagens e de sua territorialidade.

Essas estratégias reforçam as propostas didático-metodológicas de Maria Amélia Dalvi (2013), que defende a centralidade do texto literário no ensino e a formação de sujeitos leitores. Para a autora, a leitura na escola deve ser guiada de modo a garantir a liberdade interpretativa do estudante, assegurando que suas emoções, afetos e experiências vitais não sejam asfixiados por modelos analíticos mecânicos ou grades rígidas de aplicação de nomenclatura técnica. Assim, o papel do professor transita de um transmissor de conceitos para o de um mediador que incentiva o leitor a ler com sua própria imaginação e discernimento, transformando o ato de ler em um verdadeiro espaço de humanização e diálogo.

Ao ir além da análise do texto, quanto aos seus aspectos linguísticos composicionais, semânticos, estilísticos, entre outros, o professor tem um vasto material para explorar.

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele a grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (Candido, 1992, p. 14)

É essa relação, principalmente, pela natureza singular do gênero, que permite múltiplas possibilidades de olhares e usos, podendo levar a despertar ou fortalecer, principalmente, o gosto pela leitura, por meio da literatura, já que, como afirma Cosson (2009, p. 30):

A leitura literária tem a função de os ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

As leituras e as análises que podem ser empreendidas a partir da crônica em questão dialogam com o planejamento do professor, contribuindo para o desenvolvimento do letramento literário, como, também, pode servir para efetivar práticas de leitura livre e espontânea, estimulando, inclusive o debate de temas contemporâneas relevantes para os estudantes e para sociedade. Nessa direção, a escola também é o palco ideal para a disposição de temas sensíveis como a seca e as mudanças climáticas. Partindo dessa reflexão, o professor pode mobilizar seus estudantes, valendo-se de diferentes estratégias para contrapor o lugar em que, muitas vezes, a literatura é colocada no currículo escolar, como “algo supérfluo, ao qual o estudante pode ter acesso esporádico, e que pode servir a propósitos linguísticos apenas, na maioria das práticas.” (Dias; Uzêda; Gomes, 2017, p. 15)

Ao invés de propor apenas mapear e analisar as principais figuras de linguagem, para compreensão da linguagem figurada na polissemia do texto ou estimular a reescrita criativa sob o viés do reconhecimento das características do gênero crônica, o trabalho com o texto literário pode ir muito além disso, tomando como estratégia pedagógica, por exemplo, a leitura cursiva como “leitura autônoma e pessoal, *que* [...] autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das

obras. Favorecendo outra relação com o texto, e que significa um desejo de levar em conta os leitores reais.” Rouxel (2012, p. 276, *grifo nosso*)

Por esse viés, o professor pode, também, realizar a leitura oral da crônica, explorando pausas, entonação, ritmo narrativo ou refletir sobre o elemento “guarda-chuva” e suas funções objetivas e subjetivas no texto e fora dele, levando à compreensão do seu papel na narrativa, ou fazer referência a outros textos, como romances, contos, poemas, músicas, entre outros. Em consonância com isso, Rouxel (2004, p. 137) diz que “afigura-se urgente reensinar aos alunos a utilizar o texto para si mesmos, para sonhar, para reencontrar o gosto pela leitura” e para, conseqüentemente, refletirem sobre atitudes e valores, estimulando, assim, o desenvolvimento da consciência ambiental individual e coletiva mediada por práticas de leitura literária no currículo escolar.

As indicações de atividades pedagógicas apresentadas para o trabalho com o texto, com ênfase na “leitura subjetiva”, podem servir à formação do leitor, incentivando, por exemplo, a criação de clubes de leitura literária para promoção da leitura livre, do compartilhamento de experiências de leitura entre estudantes e para ampliação do repertório cultural deles. Isso revela que, diante de tantas possibilidades, espera-se que, na escola, a sala de aula seja “um espaço de liberdade para o sujeito leitor” (Rouxel, 2012, p. 276) em que os estudantes participem ativamente do ato de ler e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica - história, teoria e prática**. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio. (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas,

SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler e ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COHEN, Jean; BREMOND, Claude entre outros. **Teoria da figura in: ____ Pesquisas de retórica**. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis, Vozes, 1975. p. 37.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo, SP: Moraes, 1984. p. 26-27.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 15.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. Teoria e Prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 18.

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola**: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide; JOVANOVIČ, Marta Passos (Org.). **Literatura na escola: propostas, dilemas e perspectivas**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2013. cap. 4, p. 68-97.

DIAS, Ana Crélia Penha; UZÊDA, André Luís Mourão de; GOMES, Maria Coelho Araripe de Paula. **Autor e leitor: Identidades do professor de Literatura em formação - experiências com o estágio supervisionado em Letras**. Polifonia, Cuiabá, v. 24, n. 36, 2017. p. 13-27.

DUMARSAIS, César Chesneau. **Des tropes ou des différents sens**. Paris: Flammarion, 1988. p. 67.

FERNANDES, Maria de Fátima. **Revista ContraPonto**. Belo Horizonte, 2012.

MELO, José Marques de. **A crônica**. In: _____. **Jornalismo Opinativo – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p. 148-162.

RAMALHO, Christina. **A literariedade da crônica de Rubem Braga**. Interdisciplinar Revista de Estudos em Língua e Literatura, 2010.

ROBERTO, Marcos. O guarda-chuva. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). Todas as águas: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. p. 105.

RODRIGUEZ, Antonio. Le Pacte lyrique: **Configuration discursive et interaction affective**. Sprimont : Mardaga, 2003. p. 145.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, 2012. p. 272-283.

ROUXEL, Annie. **A tensão entre utilizar e interpretar na recepção de obras literárias em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade**. Tradução de Marcello Bulgarelli. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 125-137.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

ENTRE PEIXES E EXISTÊNCIAS: UMA LEITURA SUBJETIVA DA CRÔNICA “— TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”, DE ÉVERTON SANTOS

*Aline Higino da Silva**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura desempenha uma função social muito importante para a formação crítica do leitor. No Brasil, autores como Castro Alves, Lima Barreto, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus e muitos outros usaram a literatura como crítica social para abordar questões que a sociedade brasileira enfrentava nas suas épocas.

Antonio Candido (2002, p.80) afirma que a “literatura como força humanizadora, não como sistema de obras [...] é algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, ou seja, a literatura tem sua importância na formação do indivíduo enquanto sujeito participante de uma sociedade. E cada pessoa reconhece de forma individualizada os sentidos encaminhados dentro de determinada obra literária.

Nesse contexto, a leitura subjetiva, defendida por Annie Rouxel (2012), e o letramento literário de Rildo Cosson (2009) constituem o principal aporte teórico deste trabalho. Rouxel ao reconhecer o estudante como sujeito leitor compreende que a leitura de um texto literário ultrapassa

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola Municipal José Pacheco Filho, Teotônio Vilela, AL. Professora de Língua Portuguesa em turmas dos anos finais na rede municipal de Teotônio Vilela, AL. Especialista em Ensino Linguagem e Pluriletramento pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). Graduada em Letras/Português pela Uneal.

a busca por interpretações únicas configurando-se como uma experiência de construção de sentidos que mobiliza memórias, emoções, vivências e conhecimentos do leitor. Essa perspectiva é articulada ao conceito de letramento literário proposto por Rildo Cosson, que compreende o ensino de literatura como um processo de formação de leitores capazes de estabelecer relações significativas com os textos literários, desenvolvendo competências interpretativas, estéticas e críticas. Complementando esse diálogo, Antonio Candido (1995) concebe a literatura como uma força humanizadora, capaz de contribuir para a formação ética, sensível e crítica dos indivíduos.

Nessa perspectiva, este trabalho terá como *corpus* de análise a crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, do escritor sergipano Éverton Santos. Essa crônica encontra-se no e-book *Todas as águas: crônicas*, organizado por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra, publicado em 2019.

A narrativa da crônica “Tu vais nos deixar morrer?” parte de uma situação cotidiana (afinal é uma crônica), a observação de peixes ainda vivos após serem entregues para o consumo, para desencadear uma série de reflexões sobre a fragilidade da vida, a dependência dos vínculos humanos e a inevitabilidade da perda. O narrador do texto, ao fazer questionamentos a si mesmo, desloca a situação concreta para um plano existencial e, nesse momento, o leitor é chamado para refletir sobre sua própria condição humana.

Diante dessas considerações, tem-se o seguinte questionamento: como a crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, favorece a experiência da leitura subjetiva e a constituição do sujeito leitor, e quais são suas potencialidades para o desenvolvimento do letramento literário no 9º ano do Ensino Fundamental? Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, a partir das contribuições de Annie Rouxel (2012) acerca

da leitura subjetiva e de Rildo Cosson sobre o letramento literário, refletindo sobre as possibilidades de formação do leitor literário por meio da leitura, da interpretação e da produção textual no contexto escolar.

Ao longo da leitura da crônica, percebe-se que a construção de sentidos ultrapassa as experiências vivenciadas pelo narrador personagem e se amplia à medida que o leitor estabelece relações entre o texto e suas próprias vivências, memórias, emoções e conhecimentos sobre a realidade e a condição humana. Nessa perspectiva, a leitura literária constitui uma experiência subjetiva de atribuição de sentidos, na qual o sujeito leitor participa ativamente da construção do significado da obra. Conforme defende Annie Rouxel (2004), essa dimensão subjetiva da leitura não representa um desvio da interpretação, mas uma condição essencial para que o leitor se aproprie do texto literário e construa uma experiência significativa com a obra. Articulada ao letramento literário proposto por Rildo Cosson (2021), essa concepção possibilita compreender a leitura como uma prática de formação humana, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, da reflexão crítica e da produção textual de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

1. O GÊNERO CRÔNICA E O E-BOOK TODAS AS ÁGUAS: CRÔNICAS

A crônica é um gênero textual bastante aproveitado nas aulas de língua portuguesa. Trabalhar esse gênero textual é trabalhar com narrativas que levam o aluno a refletir sobre situações corriqueiras do dia a dia. Dentro desse universo, existem aquelas que apresentam o humor e, com isso, captam no leitor diversas sensações, há aquelas que utilizam a ironia, a sátira e muitas outras que usam as palavras para provocar qualquer que seja a emoção. Em sua maioria, são textos curtos, com uma linguagem de fácil compreensão e por isso, são muito empregadas nas aulas de língua portuguesa. Como afirma Candido, a origem da crônica está estritamente ligada ao jornal:

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, políticas sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção «Ao correr da pena», título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (Candido, 2003, p. 89)

Escritores brasileiros como José de Alencar, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo e Martha Medeiros contribuíram significativamente para a consolidação da crônica na literatura brasileira, explorando diferentes temas, estilos e formas de narrar o cotidiano. Entretanto, a produção de crônicas não se restringe a escritores consagrados. Por sua estreita relação com as vivências do dia a dia, esse gênero possibilita que qualquer pessoa se torne cronista de sua própria realidade. No contexto escolar, por exemplo, a produção de crônicas é comum, especialmente em turmas de 8º e 9º anos (séries que fazem parte da minha prática docente nesse ano letivo de 2026). Ainda sobre o gênero crônica, Jorge de Sá em seu livro *A crônica* afirma:

A crônica, portanto, é uma tenda de cigano enquanto consciência de nossa transitoriedade; no entanto é casa - e bem sólida até quando reunida em livro, onde se percebe com maior nitidez a busca da coerência no traçado da vida, a fim de torná-la mais gratificante e, somente assim, mais perene. (Sá, 1997, p. 6).

Nessa perspectiva, uma obra bastante rica e repleta de crônicas é o e-book *Todas as águas: crônicas* organizado por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra, publicado em 2019 pela editora pela Lucgraf. A obra reúne 52 crônicas de diversos escritores que fazem parte das diversas regiões do Brasil, além de 2 escritoras cabo-verdianas. No prefácio da obra, Iasmim Ferreira escreve:

Isto não é um livro: é uma porção de um universo líquido, leve e fluído; um verdadeiro arquipélago das palavras. Nele, você encontrará crônicas de diversos/as autores/as brasileiros/as e estrangeiros/as. Cada uma delas nos conduzirá a diferentes banhos e profundidades, das águas de nosso país às águas que nos cercam e as que estão em nosso interior. Essas últimas são as melhores para a descoberta de nós mesmos, e, certamente, são as mais profundas.

Falar de todas as águas por meio de crônicas é trazer para você leitor/a a experiência de, assim como um/a mergulhador/a, descer a um nível mais profundo das águas com um equipamento seguro para mergulho (a crônica), sob a direção de outros/as mergulhadores/as (nossos/as escritores/as) para conhecer o maior de todos Caribes (nosso interior). Entretanto, para conhecê-lo é preciso abrir-se para a palavra poética que desvela, cria e desperta novos e adormecidos 7 mares que estão dentro de cada um de nós. (2019, p. 9)

Nesse prefácio, a autora sugere que a leitura das crônicas ultrapassa o simples fato de ter como pano de fundo as águas. Conforme destaca Ferreira, o leitor é convidado a realizar um mergulho em seu próprio interior, utilizando a crônica como instrumento de descoberta e reflexão e é nesse momento que a função da literatura como preconiza Candido se realiza.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Candido, 1995, p. 186)

Nesse sentido, ler o e-book significa percorrer diferentes experiências humanas simbolizadas pela água, elemento que assume diferentes significados ao longo dos textos. As águas que são colocadas no e-book ultrapassam a questão física, falam de memórias, sentimentos, afetos, dores, transformações. Assim, cada crônica conduz o leitor a uma experiência singular de leitura, possibilitando reflexões sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a própria condição humana.

2. BREVE ABORDAGEM SOBRE LEITURA SUBJETIVA E LETRAMENTO LITERÁRIO

A leitura de textos literários, durante muito tempo, foi compreendida a partir de uma perspectiva mais restrita, voltada principalmente para a identificação de aspectos formais e para a busca de interpretações consideradas únicas e estáveis. Em contraposição a essa visão, Annie Rouxel (2012) apresenta o conceito de leitura subjetiva, segundo o qual o leitor assume um papel ativo na construção dos sentidos do texto literário. Nessa perspectiva, a experiência de leitura passa a ser entendida como um processo no qual o sujeito leitor mobiliza sua visão de mundo, seus conhecimentos e suas vivências, elementos que não podem ser desconsiderados na produção de sentidos. Conforme afirma a autora “O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular”, (Rouxel, 2012, p.7).

Em seus textos, Rouxel faz uma crítica à leitura analítica (leitura que limita as interpretações diversas que o texto pode ter). Assim, ela diz:

A partir disso, se reconhecemos que o investimento do leitor como sujeito é incontornável e necessário a toda experiência verdadeira de leitura, parece urgente repensar o modo de funcionamento da leitura literária escolar. É possível modificar a relação com o texto construído por meio da leitura escolar desenvolvendo uma “didática da implicação” do sujeito leitor na obra. Para isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetivável, mas de acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura. (Rouxel, 2012, p. 10).

Diante do exposto, não se trata de ignorar o aspecto formal do texto literário, uma vez que ele também é relevante no processo de interpretação. Trata-se, antes, de repensar o ensino da leitura literária de modo a considerar a subjetividade do aluno, reconhecendo-o como sujeito fundamental na construção dos sentidos do texto. Nessa perspectiva, ela continua:

O par interpretar/utilizar merece por isso ser reconsiderado. Não se reduzirá a utilização do texto ao meramente subjetivo (solipsismo e outras variantes) ou à falta de interpretação, como Umberto Eco tenta fazer. A utilização do texto é antes de tudo sinal de apropriação do texto pelo leitor e fonte de seu prazer. É constitutiva da experiência do leitor. Ajuda a moldar “o texto do leitor”, lugar de encontro entre os sinais do texto e a trama de uma existência. Esse texto do leitor está na origem de toda

abordagem interpretativa. Por mais paradoxal que possa parecer, afigura-se urgente reensinar aos alunos a utilizar o texto para si mesmos, para sonhar, para reencontrar o gosto pela leitura. (Rouxel, 2004, p. 136-137).

A autora questiona a separação rígida entre interpretar e utilizar o texto literário, defendendo que essa oposição precisa ser revista. Para Annie Rouxel, a utilização do texto não deve ser compreendida como uma prática meramente subjetiva ou desvinculada da interpretação, mas como um movimento legítimo de apropriação do texto pelo leitor, sendo, inclusive, uma fonte de prazer estético e de envolvimento com a leitura. Nesse sentido, o leitor não apenas interpreta o texto, mas também se apropria dele, estabelecendo relações entre os elementos textuais e sua própria experiência de mundo. Assim, Rouxel defende a necessidade de reensinar os alunos a utilizar o texto para si mesmos, isto é, a ler de modo mais implicado, imaginativo e prazeroso, sem desconsiderar a dimensão interpretativa, mas integrando-a à experiência subjetiva de leitura. Logo, o prazer pela leitura precisa ser visto como fator importante na construção de sentido.

Também no eixo dessas discussões, Rildo Cosson problematiza o ensino de literatura na educação brasileira. Nesse sentido, em sua obra *Letramento literário: teoria e prática* (2009), o autor aprofunda essas questões ao propor uma reflexão sobre as práticas escolares de leitura literária. Para Cosson, o letramento literário refere-se à capacidade do sujeito de ler, compreender e interpretar textos literários de maneira crítica e sensível, articulando tanto os aspectos estéticos quanto os significados produzidos na interação com o texto. Observa-se:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhe-

cimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (Cosson, 2009, p.17)

Para Rildo Cosson, a literatura desempenha uma função significativa na formação do indivíduo, uma vez que é capaz de transformar experiências e perspectivas a partir de processos de ressignificação do mundo e de si mesmo.

Dessa forma, é possível estabelecer um diálogo entre as ideias de Annie Rouxel e Rildo Cosson, uma vez que ambos defendem a leitura literária como uma prática social que envolve a participação ativa do sujeito leitor na construção de sentidos. No entanto, embora partam de uma concepção convergente quanto ao papel do leitor, os autores apresentam ênfases distintas: Cosson enfatiza a dimensão formativa e pedagógica da literatura no contexto escolar, compreendendo-a como uma experiência de letramento que contribui para o desenvolvimento do sujeito leitor; já Rouxel destaca a centralidade da subjetividade e do investimento pessoal na leitura literária, ressaltando os aspectos afetivos, imaginativos e singulares envolvidos no processo de construção de sentidos. Assim, suas contribuições se complementam ao evidenciar o caráter educativo e experiencial da leitura literária.

3. ANÁLISE DA CRÔNICA “TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”

A crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, parte de uma situação cotidiana para desenvolver uma reflexão sobre a condição humana. Na narrativa, o narrador-personagem recebe uma encomenda de peixes destinada à sua mãe, que não se encontrava em casa no momento da entrega. Ao perceber que alguns dos animais ainda estavam

vivos e lutavam para sobreviver fora de seu hábitat natural, ele passa a questionar não apenas a fragilidade da vida daqueles seres, mas também aspectos relacionados à existência humana, como a dependência, a perda e a busca por sentido diante das adversidades. Esse movimento reflexivo é desencadeado pela seguinte cena:

Pela manhã, o peixeiro passou aqui em casa e trouxe a encomenda de mamãe. Como ela não estava, fui buscar a penca de peixes, uns seis, unidos todos pela boca por uma palha verde. Segurei pela amarração e só então, dado o repentino reboliço quase generalizado por parte dos animais em minha mão, percebi que alguns ainda estavam vivos, frescos, e senti como uma falta de ar: aqueles peixes pediam água, balbuciavam serenamente, lutavam contra a morte, negavam-se a dar o último suspiro, tentavam encontrar forças fora do seu hábitat. (Santos, 2019, p. 45)

Esse primeiro parágrafo da crônica revela a linguagem sensível e reflexiva que caracteriza a escrita de Éverton Santos. Ao perceber a luta dos peixes pela sobrevivência, o narrador demonstra compaixão diante do sofrimento daqueles seres, fato evidenciado na expressão “e senti como uma falta de ar”. Mais do que descrever uma cena cotidiana, o autor estabelece uma aproximação entre o narrador e os animais, despertando no leitor sentimentos de empatia e identificação. Assim, o texto convida à reflexão sobre a capacidade humana de reconhecer a dor do outro e de se sensibilizar diante da fragilidade da vida, favorecendo discussões sobre empatia, respeito aos seres vivos e sobre as diferentes formas de sofrimento que permeiam as relações humanas, ampliando as possibilidades de construção de sentidos por parte dos leitores e nessa construção de sentido que o leitor ganha espaço e vez para fazer parte da obra literária como preconiza Annie Rouxel.

No segundo parágrafo, o narrador demonstra um sentimento de culpa diante da situação dos peixes, apesar de saber que isso (a morte de peixes) é um fato normal para a cadeia alimentar dos seres vivos. Ao afirmar: “Contudo, a minha única ação – ou reação? – foi colocá-los num vasilhame, que eu sabia servir como uma maca de hospital, na qual eles, enfim, iriam expirar.” (Santos, 2019, p. 45-46), a utilização da conjunção adversativa para apresentar sua ação frente à morte dos peixes traz para o contexto uma relação de proximidade com os humanos.

A partir desse acontecimento, o narrador entra em um estágio de reflexão sobre sua condição humana ao se questionar: “O que há em cada momento vivenciado que me mantém de pé, dando-me suporte para que o vazio não me absorva?” (Santos, 2019, p. 46). No parágrafo seguinte, ele diz:

Lamento dizer, mas cada um carrega um ponto fraco, traz seu edifício interior, seu espelho machadiano. Dentro de si ou no entorno, há, claramente, para todos, as muletas que amparam e possibilitam a trajetória. A água é para os peixes aquilo que o amor chega a ser para tantos humanos. Assim como o trabalho, a casa, a família, o ego que se satisfaz em si mesmo. (Santos, 2019, p. 46)

Percebe-se, nesse contexto, que há uma resposta para um de seus questionamentos. Uma afirmação carregada de símbolos existenciais que tentam explicar a existência humana. Após essa afirmação, ele continua fazendo uma série de perguntas sobre o que nos resta se perdermos o amor, o trabalho, a família. E finaliza a narrativa da seguinte forma:

É preciso coragem para reencontrar as rédeas, principalmente quando a luz não está acesa. Da chama que se apaga, onde es-

tará Prometeu? Poderia ele me trazer a paz do conhecimento?
Oh Sócrates, poderia você me ajudar a decifrar esse desafio?
Lamento, mas acho que a Esfinge me há de devorar.
Enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se deba-
ter. (Santos, 2019, p. 46-47)

Esse desfecho simboliza a constante luta humana para seguir vivendo diante das adversidades e incertezas da existência. A metáfora das “rédeas” remete à tentativa de retomar o controle da própria vida, especialmente em momentos de fragilidade e sofrimento. Já a expressão “quando a luz não está acesa” pode ser compreendida como uma referência aos períodos de angústia, dúvida e desorientação que fazem parte do nosso dia a dia. Nesse contexto, as alusões à mitologia grega e à filosofia assumem papel significativo, uma vez que Prometeu e Sócrates representam, respectivamente, o conhecimento e a busca pela compreensão do mundo. No entanto, nem mesmo essas figuras simbólicas são capazes de oferecer respostas definitivas para os questionamentos existenciais levantados pelo narrador. Além disso, ao dizer que a Esfinge poderá devorá-lo, ele reconhece a complexidade dos enigmas da vida e a impossibilidade de solucioná-los definitivamente. Por fim, a morte literal dos peixes encerra a narrativa de forma impactante. Se antes eles lutavam pela sobrevivência, agora param seus movimentos, reforçando a ideia da morte como algo natural da existência humana.

4. UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM COM A UTILIZAÇÃO DA CRÔNICA: “TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?” NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NUMA TURMA DE 9º ANO

É na escola – instituição responsável pela formação crítica do cidadão – que muitas pessoas têm o primeiro contato com a literatura. Durante os primeiros anos escolares, o processo de alfabetização acontece de forma sequencial. Quando aprendemos a ler, aprendemos que a leitura

pode nos levar para lugares que antes eram inimagináveis. Nessa ordem temporal, a leitura deixa de ser apenas decodificação de letras e passa a ser um processo complexo que envolve esforço cognitivo do indivíduo.

A leitura subjetiva pode ser trabalhada em sala de aula a partir de diversas formas; nesse caso, a aplicação da leitura e a produção de texto que serão abordadas mais adiante refletem justamente o que essa perspectiva teórica propõe, ao considerar a análise de textos literários a partir do investimento do leitor, conforme defendido por Annie Rouxel, e como esse processo pode favorecer a produção de novos textos a partir das experiências de leitura. Dessa forma, a prática de leitura literária em sala de aula passa a valorizar a participação ativa do sujeito leitor, em consonância com uma concepção de letramento literário que compreende a leitura como experiência significativa e formadora.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define habilidades específicas para cada componente curricular. No de língua portuguesa, várias são as habilidades que os estudantes devem realizar ao longo da educação básica. Nesse viés, o texto é o elemento base que serve para o professor – especialmente o de língua portuguesa – realizar uma sequência didática que leva o aluno ao objetivo desejado. Nesse sentido, para a utilização da crônica em sala de aula, definimos as seguintes habilidades da BNCC.

Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e per-

cebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico gramaticais próprios. EF69LP47 (SAEB - H6; H20; H21; H22; H23) Objeto do conhecimento: Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos. Unidade temática: Leitura – Campo de atuação: artístico-literário. (BNCC)

A habilidade de leitura citada pode ser trabalhada do 6º ao 9º ano nas aulas de língua portuguesa. A abordagem que será apresentada mais adiante será destinada ao 9º ano do ensino fundamental em virtude de a turma já demonstrar uma criticidade maior em relação aos anos anteriores.

Em relação à produção de textos, temos a seguinte habilidade:

Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/re-design e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, corre-

ções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc. EF69LP07. Objeto do conhecimento: Textualização. Unidade temática: Produção de texto. Campo de atuação: Jornalístico midiático. (BNCC)

A partir das duas habilidades citadas anteriormente, a proposta de abordagem com a utilização da crônica de Éverton Santos é Leitura e Produção textual. A metodologia utilizada pelo professor deverá seguir as seguintes orientações.

- Mobilização do conhecimento: o professor faz algumas perguntas referentes ao tema da crônica – tais perguntas devem fazer parte da leitura subjetiva.
- Cada aluno recebe de forma individual e impressa o texto, e faz a leitura individual e silenciosa da crônica;
- Leitura em voz alta pelo professor;
- Posteriormente, ocorrerá uma discussão sobre o texto e sua temática, a partir de perguntas que buscam tanto a compreensão e a interpretação textual, como também a leitura subjetiva, tais como: Você já pescou? O que a morte significa para você? O que o texto suscita em você? Que sentimentos ou impressões a leitura despertou? De que forma você se relaciona com a temática apresentada? O que mais lhe chamou atenção na narrativa? Nesse momento, a mediação docente deve considerar a perspectiva da leitura subjetiva, conforme proposta por Annie Rouxel, valorizando as interpretações, afetos e experiências dos alunos como parte constitutiva da construção de sentidos do texto literário.

- **Produção textual:** nesse momento, o professor explica que a partir da leitura da crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, os alunos devem elaborar uma produção textual, no qual o gênero escolhido será livre para os alunos, nesse caso, pode ser poema, conto, crônica, fábula, tirinha, charge ou qualquer outro gênero da preferência do aluno, levando em consideração a recepção do estudante quanto ao texto lido. Nesse caso, as produções realizadas pelos alunos servirão de base para uma abordagem futura sobre intertextualidade.
- **Socialização das produções textuais:** cada aluno deve apresentar sua produção textual que foi influenciada a partir da leitura da crônica.

Essa abordagem didática contribui para uma prática de leitura alinhada ao letramento literário, conforme Rildo Cosson, na medida em que articula leitura, interpretação e produção de sentidos de forma significativa, promovendo a formação de um leitor ativo, crítico e participativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos, percebe-se como a leitura do gênero crônica pode desencadear reflexões profundas sobre a existência humana por meio de um simples fato do dia a dia, que faz o leitor refletir sobre sua condição no mundo. Com uma linguagem simples e poética, o narrador parte da entrega da encomenda de peixes em sua casa. Peixes esses que tentam lutar por sobrevivência e, numa sequência narrativa, constrói questionamentos que ultrapassam a situação narrada.

A leitura subjetiva nos permite afirmar que o leitor é peça fundamental na construção de sentido da crônica analisada, uma vez que é na inte-

ração entre obra e leitor que os sentidos são produzidos. Ao longo da narrativa, os questionamentos feitos pelo narrador mobilizam conhecimentos prévios do leitor, experiências, emoções, relações intertextuais, ocasionando por exemplo produções de diversos textos.

Sendo assim, a proposta de abordagem apresentada para o 9º ano do Ensino Fundamental evidencia que a crônica pode contribuir para o desenvolvimento da leitura crítica e da produção textual. Ao possibilitar que os estudantes relacionem a narrativa às suas próprias vivências.

Por fim, este trabalho reforça a importância da literatura como espaço privilegiado de formação humana. Em consonância com as reflexões de Antonio Candido, compreende-se que a literatura desempenha um papel fundamental na humanização dos indivíduos, uma vez que possibilita o contato com diferentes experiências, sensibilidades e visões de mundo. Dessa forma, a leitura literária na escola não deve ser entendida apenas como conteúdo curricular, mas como uma prática essencial para a formação de leitores críticos, sensíveis e capazes de refletir sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

JAUSS, Hans Robert. **História da literatura como provocação à teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1994.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, jan./abr. 2012.

ROUXEL, A. e LANGLADE, G. (org.) **Le sujet lecteur: lecture subjective de la littérature**. Rennes: Presses Universitaire de Rennes (PUR), 2004.

SÁ, J. de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Éverton. **Tu vais nos deixar morrer?**. In: Todas as águas: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019, p. 45-47.

A LITERARIEDADE E A CRÍTICA SOCIAL NA CRÔNICA “CARCARÁ DE TERNO”, DE AÉCIO SILVA JÚNIOR

*Antônio Carlos de Santana**

*José Gleison Guimarães***

INTRODUÇÃO

A crônica literária constitui um dos gêneros mais expressivos e representativos da literatura brasileira, destacando-se por sua capacidade de transformar acontecimentos cotidianos em matéria de reflexão, sensibilidade e elaboração estética. Caracterizada pela brevidade, pela linguagem simples e pela proximidade com o leitor, a crônica estabelece uma relação singular entre a experiência comum e a criação artística, permitindo que fatos aparentemente banais adquiram significados mais amplos e universais. Embora tenha se desenvolvido inicialmente no espaço dos jornais e periódicos, esse gênero ultrapassou os limites da informação imediata e consolidou-se como uma importante manifestação literária, marcada pela subjetividade, pela observação do cotidiano e pela valorização das experiências humanas.

Ao longo do tempo, a crônica conquistou um espaço significativo na literatura em razão de sua capacidade de registrar sentimentos, memó-

* Mestrando do Proletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola Prof. José Félix de Carvalho Alves, São Sebastião, AL

** Mestrando do Proletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Pio Décimo; Especialista em Psicomotricidade, Educação e Aprendizagem pela Universidade Tiradentes(Unit). Professor da Educação Básica e servidor público da Prefeitura Municipal de Lagarto, atuando na Escola Municipal Maria Irandina Mota Souza.

rias, impressões e situações do dia a dia por meio de uma linguagem acessível e envolvente. Sua natureza híbrida, situada entre o jornalismo e a literatura, permite a abordagem de diferentes temas, desde acontecimentos aparentemente simples até questões sociais, culturais, políticas e existenciais, evidenciando a riqueza expressiva desse gênero. Além disso, a presença de elementos como humor, ironia, lirismo, nostalgia e crítica social contribui para conferir profundidade aos textos, tornando-os capazes de despertar no leitor diferentes emoções e reflexões acerca da realidade.

A crônica caracteriza-se ainda pela liberdade formal e pela flexibilidade temática, aspectos que favorecem a construção de narrativas marcadas pela espontaneidade e pela subjetividade. Em muitos casos, o cronista parte de um fato corriqueiro, de uma lembrança pessoal ou de uma cena observada no cotidiano para desenvolver reflexões sobre a condição humana, os valores sociais, as relações afetivas e as transformações da sociedade. Dessa forma, o gênero revela que a literatura não se limita aos grandes acontecimentos, mas também encontra nos pequenos gestos, nas experiências comuns e nas situações aparentemente insignificantes um rico campo para a produção de sentidos e para a manifestação da sensibilidade artística.

No contexto da literatura brasileira, a crônica adquiriu grande relevância em virtude da contribuição de diversos escritores que encontraram nesse gênero uma forma privilegiada de expressão. Por meio de uma linguagem marcada pela leveza, pela oralidade e pela proximidade com o universo do leitor, esses autores demonstraram que o cotidiano pode ser fonte inesgotável de inspiração literária. Assim, a crônica passou a ser reconhecida não apenas como um texto de caráter circunstancial, mas como uma manifestação artística capaz de preservar memórias, retratar costumes e refletir sobre os múltiplos aspectos da vida em sociedade.

Dessa maneira, a crônica literária configura-se como um gênero que alia simplicidade e profundidade, transitando entre o efêmero e o permanente. Sua permanência no cenário literário demonstra não apenas sua relevância cultural, mas também sua capacidade de dialogar com diferentes gerações e contextos sociais. Ao converter os acontecimentos cotidianos em matéria de arte e reflexão, a crônica reafirma a força da literatura como instrumento de interpretação da realidade e de valorização das experiências humanas, evidenciando a riqueza presente nas pequenas situações que compõem a vida cotidiana.

2. O E-BOOK *TODAS AS ÁGUAS*: UMA VISÃO GERAL

Publicado em 2019 e organizado por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra, o e-book *Todas as águas* constitui uma obra coletiva que reúne escritores brasileiros e cabo-verdianos em torno de uma temática comum, tendo a água como elemento agregador e símbolo capaz de estabelecer conexões entre diferentes experiências humanas. A coletânea apresenta um conjunto diversificado de crônicas que exploram aspectos relacionados à memória, à infância, aos afetos, às relações familiares, às desigualdades sociais e às múltiplas formas de vivenciar o cotidiano. Mais do que um simples tema, a água transforma-se em um elemento metafórico que atravessa toda a obra, funcionando como imagem da vida, da passagem do tempo, das transformações e dos vínculos humanos. Nesse sentido, a coletânea evidencia a riqueza da produção contemporânea em língua portuguesa e reafirma a capacidade da literatura de promover diálogos entre diferentes culturas e sensibilidades. Ao reunir autores oriundos de distintas regiões do Brasil e de Cabo Verde, a obra demonstra que, apesar das diferenças geográficas e históricas, existem experiências humanas universais que aproximam os indivíduos por meio da palavra literária. Dessa forma, “*Todas as águas*” configura-se como um espaço de encontro entre memórias, sentimentos e reflexões que revelam a complexidade da condição humana” (Ramalho; Ramalho; Senra, 2019, p. 7).

Na apresentação da obra, os organizadores utilizam uma linguagem fortemente poética para definir a natureza das narrativas presentes na coletânea. Ao afirmarem que as crônicas são “rios disfarçados, mares fantasiados, barcos em forma de palavras”, estabelecem uma associação metafórica entre a fluidez das águas e a dinâmica das histórias narradas. A imagem sugere que cada texto constitui uma travessia singular, conduzindo o leitor por diferentes paisagens afetivas, memórias e experiências existenciais. Assim como os rios percorrem caminhos diversos e encontram-se em um mesmo oceano, as narrativas reunidas na obra apresentam perspectivas particulares, mas convergem para uma reflexão comum acerca da vida e das relações humanas. A metáfora empregada pelos organizadores revela, ainda, a dimensão estética da coletânea, evidenciando que a palavra literária é capaz de transformar experiências aparentemente simples em manifestações artísticas carregadas de significados. Desse modo, a “água deixa de ser apenas um elemento natural e passa a representar os fluxos da memória, dos sentimentos e das experiências que constituem a existência humana” (Ramalho; Ramalho; Senra, 2019, p. 7).

A proposta estética desenvolvida em *Todas as águas* aproxima-se das reflexões de Candido (2019) sobre a função humanizadora da literatura. Para o crítico, a literatura desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, pois possibilita o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da capacidade de compreender o outro. Por meio do contato com diferentes narrativas, o leitor amplia sua percepção da realidade e fortalece valores relacionados à empatia, à solidariedade e à convivência humana. Nesse sentido, a literatura não deve ser entendida apenas como forma de entretenimento, mas como uma necessidade essencial da existência humana, capaz de contribuir para a formação integral do sujeito. As crônicas presentes em *Todas as águas* evidenciam essa dimensão humanizadora ao retratarem experiências cotidianas que despertam identificação e refle-

xão, permitindo que o leitor reconheça, nas histórias narradas, elementos presentes em sua própria trajetória de vida. Dessa maneira, a obra reafirma a importância da “literatura como instrumento de sensibilização e de ampliação da consciência acerca da realidade social e humana” (Candido, 1995, p. 249).

Outro aspecto que merece destaque é a pluralidade cultural presente na composição da coletânea. Ao reunir vinte e nove autores brasileiros e cabo-verdianos, a obra estabelece um diálogo entre diferentes contextos sociais, históricos e culturais, revelando a diversidade de perspectivas existentes no universo da língua portuguesa. Essa multiplicidade de vozes confere às narrativas uma riqueza temática e estilística significativa, permitindo que diferentes modos de perceber o mundo sejam representados por meio da escrita literária. A presença de autores de distintas regiões brasileiras também contribui para a valorização das especificidades culturais locais, evidenciando a coexistência de diferentes tradições, costumes e formas de expressão. Ao mesmo tempo, a participação de escritores cabo-verdianos amplia o horizonte da obra e reforça a dimensão intercultural da literatura lusófona, aproximando realidades que compartilham a mesma língua, mas apresentam experiências históricas particulares. Assim, *Todas as águas* constitui-se como um espaço privilegiado de circulação de memórias, identidades e saberes culturais, reafirmando o papel da literatura na construção de pontes entre diferentes povos” (Ramalho; Ramalho; Senra, 2019, p. 8).

A diversidade temática observada ao longo da coletânea constitui uma das características mais expressivas da obra. As crônicas abordam assuntos relacionados à infância, à família, à religiosidade, aos afetos, às lembranças, aos desejos e às desigualdades sociais, revelando a amplitude de possibilidades oferecidas pelo gênero. Em alguns textos, predominam a nostalgia e as recordações da vida cotidiana; em outros, a crítica social e a reflexão acerca das relações humanas ocupam po-

sição central. Há também narrativas marcadas pelo humor, pela ironia e pela contemplação poética, demonstrando a versatilidade da crônica e sua capacidade de acolher diferentes formas de representação da realidade. Essa multiplicidade temática reforça a ideia de que a literatura é capaz de transformar acontecimentos simples em experiências carregadas de significado, revelando aspectos profundos da existência humana. Ao contemplar diferentes sentimentos e situações, a coletânea possibilita ao leitor uma experiência ampla e diversificada, na qual a vida cotidiana é constantemente ressignificada por meio da linguagem literária.

Essa característica da obra encontra respaldo nas reflexões de Jorge de Sá acerca da natureza da crônica. Segundo o autor, esse gênero ocupa uma posição singular entre a literatura e o jornalismo, preservando uma identidade própria que lhe permite converter acontecimentos aparentemente banais em matéria estética e reflexiva. A proximidade com o cotidiano, a linguagem acessível e a brevidade constituem algumas das características que tornam a crônica um gênero particularmente sensível às experiências humanas. Contudo, essa aparente simplicidade não implica superficialidade. Ao contrário, a crônica é capaz de atribuir profundidade e densidade simbólica aos fatos mais comuns da vida, permitindo que o leitor reconheça neles significados universais. Em *Todas as águas*, essa característica manifesta-se por meio da diversidade de estilos e temáticas presentes nas narrativas, evidenciando a riqueza expressiva do gênero e sua capacidade de representar os múltiplos aspectos da experiência humana” (Sá, 1985, p. 7).

Ao analisar a relevância da crônica na literatura brasileira, Antonio Candido observa que esse gênero apresenta, uma singular capacidade de aproximar a literatura da vida cotidiana. Segundo o crítico, a crônica é capaz de conferir permanência aos acontecimentos efêmeros e de transformar situações aparentemente insignificantes em objetos de re-

flexão. Essa característica explica a permanência e a importância do gênero na tradição literária brasileira, uma vez que ele possibilita ao leitor reconhecer-se nas experiências narradas. Em *Todas as águas*, essa dimensão manifesta-se na maneira como os autores transformam episódios simples em textos carregados de sensibilidade e profundidade, evidenciando que o cotidiano pode constituir uma rica fonte de inspiração artística. Assim, a “coletânea reafirma a capacidade da crônica de transcender a mera descrição dos fatos e de revelar significados mais amplos relacionados à memória, ao tempo e à própria condição humana” (Candido, 1992, p. 16).

No prefácio da obra, Iasmim Ferreira destaca que as crônicas representam um convite ao mergulho interior e à descoberta de novas formas de compreender a realidade. Ao associar a experiência da leitura ao ato de mergulhar, a autora sugere que os textos conduzem o leitor a níveis mais profundos de percepção, possibilitando uma aproximação com sentimentos, memórias e experiências frequentemente ocultos pela rotina cotidiana. A metáfora do mergulho evidencia que a água, na coletânea, ultrapassa seu sentido literal e converte-se em símbolo das emoções e da interioridade humana. Dessa forma, as narrativas funcionam como espaços de introspecção e autoconhecimento, permitindo ao leitor revisitar lembranças, reconhecer afetos e refletir sobre diferentes aspectos da existência. Tal perspectiva revela a dimensão subjetiva da obra e reforça seu caráter poético e humanizador, uma vez que a leitura se transforma em uma experiência de encontro consigo mesmo e com o outro.

A importância simbólica da água pode ser compreendida, ainda, a partir das reflexões desenvolvidas por Bachelard (1997) em seus estudos sobre a imaginação poética. Para o filósofo francês, a água representa um dos elementos fundamentais da imaginação humana, estando associada à memória, à transformação e à profundidade da vida interior.

Em sua perspectiva, as imagens ligadas à água despertam recordações e emoções que ultrapassam o plano racional e alcançam dimensões mais profundas da experiência humana. Essa concepção permite compreender a escolha temática dos organizadores como uma estratégia que confere unidade à coletânea sem limitar a diversidade de interpretações presentes nas narrativas. Em *Todas as águas*, o elemento aquático aparece associado à infância, às lembranças familiares, aos sentimentos de perda, às experiências afetivas e aos processos de renovação, adquirindo múltiplos significados ao longo dos textos. A “água transforma-se em uma metáfora da própria existência, marcada por fluxos, mudanças e permanências que constituem a trajetória humana” (Bachelard, 1997, p. 6).

Além da diversidade temática e simbólica, a coletânea apresenta, uma significativa dimensão intercultural ao promover um diálogo entre Brasil e Cabo Verde. A presença de escritores cabo-verdianos amplia o alcance da obra e reforça a importância da literatura de língua portuguesa como espaço de intercâmbio cultural e de compartilhamento de experiências. Embora inseridos em contextos históricos distintos, os autores aproximam-se por meio de questões universais relacionadas à memória, aos afetos e à condição humana. Essa aproximação evidencia o caráter transnacional da literatura e demonstra que as narrativas são capazes de ultrapassar fronteiras geográficas, promovendo encontros entre diferentes culturas e sensibilidades. Nesse sentido, a obra *Todas as águas* reafirma a literatura como instrumento de valorização da diversidade cultural e de fortalecimento dos vínculos entre povos unidos pela língua portuguesa.

3. ANÁLISE DA CRÔNICA “CARCARÁ DE TERNO”, DE AÉCIO SILVA JÚNIOR

A crônica “Carcará de terno”, de Aécio Silva Júnior, integra o e-book *Todas as águas* (2019), obra composta por narrativas que abordam aspectos sociais, culturais e humanos do sertão nordestino. No texto, o autor utiliza a figura simbólica do carcará, ave típica da região, para construir uma crítica às relações de poder, à exploração e às desigualdades presentes na sociedade. A narrativa desenvolve-se a partir da observação do cotidiano sertanejo, transformando elementos da realidade em uma reflexão sobre comportamentos humanos marcados pela busca de privilégios e pela dominação dos mais vulneráveis.

A narrativa inicia-se com a apresentação da imagem do carcará, tradicionalmente associado à resistência e à sobrevivência no ambiente sertanejo. Entretanto, à medida que o texto se desenvolve, essa representação é ressignificada pela expressão “de terno”, que desloca o sentido da ave para simbolizar indivíduos que, revestidos de prestígio e poder, exploram os mais vulneráveis. O desenvolvimento da crônica evidencia como a metáfora vai sendo construída progressivamente até culminar em uma crítica às desigualdades sociais e às relações de exploração presentes na sociedade contemporânea.

A narrativa é construída a partir da realidade do sertão nordestino, espaço marcado historicamente pela seca, pelas desigualdades sociais e pelas dificuldades enfrentadas pela população. Silva Júnior (2019) inicia o texto apresentando o carcará como uma ave típica da região: “Ave de rapina da família dos falconídeos, ele impera no sertão e se faz presente na vida do sertanejo”, ressaltando sua fama de resistência e sobrevivência. Entretanto, logo nos primeiros parágrafos, essa descrição ultrapassa o aspecto biológico e passa a adquirir significado simbólico, pois o carcará é apresentado como “um oportunista que se

aproveita dos desfavorecidos e deles sustenta-se” (Silva Júnior, 2019), preparando o leitor para a crítica social que será desenvolvida ao longo da narrativa.

Ao acrescentar a expressão “de terno” ao título, Silva Júnior (2019) rompe com a expectativa inicial do leitor e desloca a narrativa do plano natural para o plano social e político. O título já anuncia que a figura do carcará deixará de representar apenas uma ave de rapina para simbolizar indivíduos que exploram a fragilidade dos outros, mas que agora aparecem revestidos de poder, prestígio e respeitabilidade.

Desde as primeiras linhas, observa-se a presença de uma linguagem marcada pela oralidade, pela proximidade com o universo cultural nordestino e pela riqueza de imagens poéticas. Essa característica aproxima o leitor da narrativa e confere autenticidade ao texto. Conforme afirma Sá (1985, p. 11), a “aparente simplicidade da crônica esconde uma elaboração estética capaz de transformar acontecimentos cotidianos em experiências carregadas de significado”. Na obra de Aécio Silva Júnior, a linguagem regional não serve apenas para caracterizar o espaço sertanejo, mas constitui um importante recurso de construção da crítica social.

Um dos aspectos centrais da narrativa é justamente a construção da personagem simbólica da crônica. Embora o protagonista aparente ser um animal, o carcará assume características humanas e transforma-se em representação alegórica daqueles que vivem da exploração dos mais vulneráveis. Essa personificação torna-se explícita quando Silva Júnior (2019) afirma: “também dela sobrevive outra espécie de carcará. Este usa terno, anda de carro e negocia”, revelando que a narrativa deixa de tratar da ave propriamente dita para denunciar práticas políticas e sociais marcadas pelo oportunismo e pela exploração da pobreza.

Nesse sentido, o carcará deixa de ser apenas um elemento da fauna nordestina para tornar-se a principal personagem simbólica da narrativa. Silva Júnior (2019) estabelece um paralelo entre o comportamento predatório do animal e determinadas práticas humanas, especialmente aquelas relacionadas ao exercício do poder. A personagem “carcará de terno” representa políticos e grupos econômicos que transformam a pobreza em instrumento de manutenção de privilégios e de fortalecimento de sua influência sobre a população.

Outro aspecto relevante é a forma como o autor contextualiza essa crítica a partir do fenômeno da seca. A estiagem não aparece apenas como um problema climático, mas como uma realidade historicamente utilizada para justificar relações de dependência política e econômica. Silva Júnior (2019) coloca “suas táticas de caça têm nome, chama-se indústria da seca”, relacionando diretamente a exploração da miséria aos mecanismos de concentração de poder. Ao mencionar decretos de emergência, empréstimos públicos e obras utilizadas para desvio de recursos, a narrativa aproxima a ficção da realidade histórica do Nordeste brasileiro.

A construção metafórica constitui um dos principais recursos responsáveis pela literariedade do texto. Segundo Ricoeur (2000, p. 305), a “metáfora permite revelar aspectos da realidade que dificilmente seriam percebidos por meio de uma linguagem exclusivamente objetiva”. Em Carcará de terno, a ave converte-se em símbolo das estruturas sociais de exploração, ampliando os sentidos da narrativa e possibilitando diferentes interpretações.

Além da metáfora, a ironia desempenha papel fundamental na construção da crítica social. A associação entre uma ave típica da caatinga e um elemento característico do universo urbano, o terno, produz um efeito de estranhamento que chama a atenção do leitor para o verdadeiro alvo

da narrativa. Conforme observa Beth Brait (2008, p. 18), a ironia estabelece uma distância entre aquilo que é dito e aquilo que efetivamente se pretende comunicar, exigindo do leitor uma postura interpretativa ativa.

Outro aspecto significativo da narrativa é a presença do regionalismo. Os elementos relacionados ao sertão nordestino, à seca, à caatinga, aos cactos e ao cotidiano da população aparecem muito além de uma simples descrição da paisagem. Esses elementos funcionam como símbolos das relações sociais e políticas construídas historicamente no Nordeste. Nesse sentido, a perspectiva adotada por Aécio Silva Júnior aproxima-se das reflexões de Candido (2006), segundo as quais a literatura regionalista alcança dimensão universal quando utiliza experiências locais para discutir questões humanas mais amplas.

Embora profundamente vinculada ao contexto sertanejo, a crônica ultrapassa os limites regionais ao abordar temas universais, como a desigualdade social, a exploração econômica, a manipulação política e as relações de poder. Isso fica evidente quando Silva Júnior (2019) conclui que “o carcará de terno também alimenta a fome e dela se alimenta”, sintetizando toda a metáfora construída ao longo da narrativa. A fome deixa de representar apenas uma necessidade fisiológica e transforma-se em instrumento de dominação social.

Candido (1992, p. 89) observa que “a crônica consegue recuperar profundidade de significado a partir da observação de fatos aparentemente simples do cotidiano”. Essa característica manifesta-se claramente em Carcará de terno, pois Aécio Silva Júnior parte da descrição de uma ave conhecida do sertão para desenvolver uma reflexão crítica sobre estruturas políticas e sociais contemporâneas.

A narrativa exige um leitor participativo, capaz de perceber os sentidos implícitos construídos pela metáfora e pela ironia. Tal característica aproxima-se da concepção de “obra aberta”, o texto literário não ofere-

ce interpretações únicas, mas convida o leitor a construir seus próprios sentidos.

Carcará de terno evidencia a capacidade da literatura de transformar elementos do cotidiano regional em instrumentos de reflexão sobre a condição humana e sobre as relações de poder. A personagem simbólica do carcará, a crítica à chamada “indústria da seca”, a metáfora central da narrativa e a elaboração estética da linguagem fazem da crônica uma obra que ultrapassa os limites do regionalismo e alcança uma dimensão universal, reafirmando a função humanizadora da literatura.

4. PROPOSTA DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

A crônica “Carcará de terno”, de Aécio Silva Júnior, apresenta um significativo potencial pedagógico, sobretudo por articular linguagem literária e crítica social. Em razão de sua linguagem acessível e da presença de figuras de linguagem que ampliam os sentidos do texto, a obra pode ser trabalhada com estudantes do Ensino Médio, favorecendo o desenvolvimento do letramento literário e da consciência crítica.

Segundo Cosson (2014, p. 17), “a leitura literária precisa ser ensinada e aprendida”, uma vez que a experiência estética não se realiza de maneira espontânea. Dessa forma, o trabalho com a crônica deve buscar não apenas a identificação de características formais do gênero, mas também a construção de sentidos e a formação de leitores capazes de dialogar criticamente com o texto.

Inicialmente, sugere-se uma atividade de sensibilização, mediante a apresentação de imagens do sertão nordestino e de notícias relacionadas às secas e às desigualdades sociais. Pode-se, ainda, utilizar a mú-

sica “Carcará”, de João do Vale, interpretada por Maria Bethânia, como forma de estabelecer relações entre diferentes manifestações artísticas. Tal procedimento permite a ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes, aspecto que, é fundamental, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9).

Em seguida, recomenda-se a leitura compartilhada da crônica, estimulando os estudantes a levantarem hipóteses sobre o significado do título. A expressão “Carcará de terno” constitui uma metáfora central do texto, na qual a ave de rapina representa determinados grupos sociais e políticos que se beneficiam das dificuldades enfrentadas pela população sertaneja. Essa imagem metafórica possibilita uma discussão acerca das relações de poder, da pobreza e da chamada indústria da seca.

De acordo com Antonio Candido, a crônica possui a capacidade de aproximar a literatura da experiência cotidiana, tornando-se um gênero particularmente propício para a reflexão sobre a realidade. Para o crítico, a crônica “humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado” (Candido, 1992, p. 89). Assim, a análise da crônica de Aécio Silva Júnior permite evidenciar como a literatura transforma experiências sociais em matéria estética e reflexiva.

Após a leitura, os estudantes poderão identificar os recursos expressivos presentes no texto, especialmente a metáfora e a metonímia. Nesse momento, o professor poderá discutir de que maneira o termo “terno” deixa de designar apenas uma peça do vestuário para representar, metonimicamente, indivíduos associados ao poder político e econômico. Conforme Antunes, “a língua se manifesta em textos e é por meio deles que os sentidos se constroem” (Antunes, 2003, p. 48), razão pela qual o estudo das figuras de linguagem deve ocorrer em situações concretas de uso e não de maneira descontextualizada.

Em uma segunda etapa, propõe-se a realização de rodas de conversa sobre temas abordados pela crônica, como desigualdade social, clientelismo político, fome e exclusão. A interdisciplinaridade com História e Geografia pode ampliar a compreensão dos estudantes acerca das condições históricas do semiárido brasileiro e das consequências sociais das secas. “A literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (Todorov, 2009, p. 23), favorecendo o desenvolvimento de uma postura crítica diante da realidade.

Como atividade de produção textual, os alunos poderão elaborar crônicas inspiradas em problemas sociais observados em sua comunidade, utilizando metáforas e outras figuras de linguagem como recurso expressivo. Tal prática possibilita que os estudantes compreendam os mecanismos de construção da linguagem literária e assumam uma posição ativa no processo de produção de sentidos.

A crônica é capaz de transformar o cotidiano em literatura e afirma que “a aparente simplicidade da crônica esconde uma profunda elaboração artística” (Sá, 1985, p. 9). Desse modo, a produção de crônicas pelos estudantes favorece não apenas a aprendizagem da escrita, mas também a percepção da dimensão estética da linguagem.

A avaliação poderá ocorrer de forma contínua, considerando a participação nas discussões, a interpretação da crônica, a identificação das figuras de linguagem e a qualidade das produções escritas realizadas pelos estudantes. “O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2014, p. 23).

Dessa maneira, o trabalho com “Carcará de terno” possibilita a articulação entre literatura e realidade social, contribuindo para a formação de leitores críticos e sensíveis. Além de favorecer a compreensão da

metáfora e da metonímia, a crônica permite aos estudantes refletirem sobre problemas históricos e sociais que permanecem atuais, reafirmando a função humanizadora da literatura. Como afirma Candido, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade” (Candido, 1995, p. 249), razão pela qual seu ensino constitui uma dimensão essencial da formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a crônica “*Carcará de terno*”, de Aécio Silva Júnior, publicada no e-book *Todas as águas* (2019), procurando evidenciar os elementos de literariedade presentes na narrativa e compreender de que maneira a construção metafórica e a crítica social contribuem para ampliar os sentidos do texto. Partiu-se do entendimento de que a crônica, embora associada ao cotidiano e marcada por uma linguagem simples e acessível, possui significativa densidade estética e capacidade de promover reflexões acerca da realidade humana e social.

A análise desenvolvida permitiu constatar que “*Carcará de terno*” ultrapassa a função meramente descritiva e assume uma dimensão simbólica, na medida em que transforma a imagem do carcará em uma metáfora das relações de poder e dos mecanismos de exploração presentes na sociedade. Por meio da ironia, do regionalismo e da linguagem marcada pela oralidade, Aécio Silva Júnior constrói uma narrativa que, embora enraizada no universo sertanejo, alcança uma dimensão universal ao abordar questões relacionadas às desigualdades sociais, às formas de dominação e às contradições da experiência humana.

Observou-se, ainda, que a crônica confirma aquilo que Candido (1992) atribui ao gênero: a capacidade de recuperar profundidade de significado a partir dos fatos aparentemente simples da vida cotidiana. Nesse sentido, a narrativa evidencia que a literatura possui uma importante função

humanizadora, pois favorece a reflexão, desperta a sensibilidade e amplia a compreensão do leitor acerca da realidade e das relações humanas.

A análise do e-book *Todas as águas* também permitiu reconhecer a riqueza estética e temática da coletânea organizada por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra. A pluralidade de autores e de experiências representadas na obra demonstra a vitalidade da crônica contemporânea e reafirma a literatura como espaço de encontro entre diferentes culturas, memórias e sensibilidades. A simbologia da água, elemento unificador da coletânea, contribui para a construção de narrativas que transitam entre a memória, os afetos e as questões sociais, revelando a diversidade de perspectivas que caracterizam a produção literária em língua portuguesa.

No âmbito educacional, verificou-se que “*Carcará de terno*” apresenta significativo potencial pedagógico, especialmente no desenvolvimento do letramento literário e da formação crítica dos estudantes. A proposta de abordagem em sala de aula evidencia que o texto pode favorecer a interpretação de figuras de linguagem, a compreensão das relações entre literatura e sociedade e o exercício da produção escrita, contribuindo para a formação de leitores capazes de atribuir sentidos aos textos e de estabelecer relações entre a experiência estética e a realidade social.

Dessa maneira, conclui-se que a crônica de Aécio Silva Júnior reafirma a permanência e a relevância desse gênero na literatura brasileira contemporânea. Ao transformar elementos do cotidiano e do universo regional em matéria de reflexão e criação artística, o autor demonstra que a literatura continua sendo um importante instrumento de humanização, de preservação da memória e de compreensão da condição humana. Assim, “*Carcará de terno*” confirma a capacidade da crônica de converter experiências particulares em significados universais, evi-

denciando a força da palavra literária na interpretação da realidade e na formação de leitores críticos e sensíveis.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERREIRA, Iasmim. Prefácio. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**. 1. ed. Natal: LucGraf Virtual, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**. ed. Natal: LucGraf Virtual, 2019.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000. SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA JÚNIOR, Aécio. Carcará de terno. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**. 1. ed. Natal: LucGraf Virtual, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

A CRÔNICA E AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DA CRÔNICA “DAS ÁGUAS QUE FARTAM”, DE ANA SANTANA SOUZA

*Bruna Carvalho Dias**

1. A LITERATURA COMO PONTO DE PARTIDA

Por décadas, o ensino de literatura nas escolas tem se estruturado em torno de práticas mecânicas de leitura. Assim, o trabalho com o texto é realizado como pretexto ao ensino gramatical e interpretações superficiais, fazendo com que a leitura subjetiva do estudante seja limitada. Fator que vai de encontro à função da literatura que é humanizar, formar sujeitos críticos capazes de entender o universo ao seu redor. Tais ditos dialogam diretamente às ideias de Rouxel, quando esta afirma que “A leitura literária não pode ser reduzida a um conjunto de procedimentos analíticos; ela implica também uma experiência sensível e singular do leitor” (2013, p. 20).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. (Candido, 2011, p. 177). Conforme Candido, a literatura deve ser compreendida enquanto um direito essencial à vida, tal qual a saúde, moradia, alimentação e a liberdade. Não sendo assim, um privilégio,

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola de Tempo Integral João Francisco da Silva, Sítio do Quinto, BA. Professora da Educação Básica. E-mail: profa.brunadias@gmail.com.

mas sim, um bem incompressível, ou seja, que não pode ser negado (Candido, 2011).

Ademais, ainda em consonância aos dizeres do autor supracitado, constata-se a função humanizadora da literatura, visto que esta contribui ao desenvolvimento de características que são essenciais ao ser humano, tais quais a reflexão, o estímulo à imaginação, manifestação da sensibilidade, além de promover uma consciência crítica. Nesta perspectiva, o contato com textos literários coopera não apenas para a aquisição de conhecimentos escolares, mas também para a ampliação das visões de mundo, construção de valores e, até mesmo, o desenvolvimento de maior sensibilidade nas relações sociais (Candido, 1999).

Convém destacar que a literatura pode materializar-se nas mais variadas formas de linguagem, apropriando-se de diferentes gêneros textuais de modo a fomentar diversificadas formas de representação da realidade que nos rodeia. Realidade esta que é carregada de cultura, valores, costumes, percepções de mundo, promovendo assim, profundas reflexões sobre a condição humana. Assim, “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (Todorov, 2009, p. 23).

Dentro desse universo literário, merece destaque o gênero crônica, por tratar-se de um texto que usa como matéria-prima para suas criações, o cotidiano, os acontecimentos considerados simples e banais, e que, dessa forma, aproxima a literatura à realidade. Neste interim, conforme afirma Ramalho (2012, p. 137) “a crônica tem por característica principal ser o tipo de texto em que se reconhece e se valoriza a dimensão do tempo cotidiano, com seus eventos, seres, relações humanas e circunstâncias”.

Assim, o presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e caráter analítico-interpretativo, que objetiva apresentar as possibilidades pedagógicas para o trabalho com o gênero crônica, mais especificadamente, a partir da crônica “Das águas que fartam”, obra da escritora Ana Santana Souza, no âmbito escolar.

Sabemos que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2019, p. 28). Dessa forma, para alcançar tal feito, pretende-se explorar os conceitos de literatura, com embasamento teórico principal em Cândido (1999, 2011); apresentar o gênero crônica do seu viés conceitual ao utilitário, enquanto recurso ao ensino literário no contexto escolar, amparando-se, teoricamente, nos estudos de Ramalho (2012), e de forma prática, na análise subjetiva da crônica em estudo.

Portanto, esta produção acadêmica encontra-se estruturada em quatro seções, sendo elas a introdução, parte primária que busca situar o leitor quanto a problemática em questão, bem como evidenciar os caminhos trilhados para se chegar aos resultados finais; o desenvolvimento, subdividido em dois tópicos que perpassam o conceito de literatura e do gênero crônica enquanto recurso pedagógico para dar forma e aporte teórico à análise da crônica “Das águas que fartam”. Consolidando-se como um estudo que promove discussões acerca da utilização da crônica como recurso ao ensino significativo de literatura, buscando também apresentar caminhos para isso, além de respaldo teórico.

2. A LEITURA SUBJETIVA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Compreende-se que a literatura se constitui como uma ponte entre a vida e a complexidade humana de uma forma diferente, estética, apresentando possibilidades de recriação do real, ressignificação do eu,

dos modos de ser e estar no mundo, ou seja, tocando o leitor de modo a viabilizar a construção de sentidos a partir do texto literário e consequentemente dos dilemas éticos vivenciados pelos personagens das narrativas. Esta visão evidencia-se nos dizeres de Carvalho, quando este afirma que

Ao trabalhar com textos literários, os leitores são expostos a uma variedade de vozes, pontos de vista e conflitos morais, que os desafiam a examinar criticamente suas próprias crenças e valores. Normalmente, os textos literários exploram dilemas éticos complexos que vão além de respostas obtidas no domínio teórico. As situações concretas apontam para ambiguidades e contradições da condição humana, desafiando-nos a questionar nossas suposições e a refletir sobre as consequências de nossas ações (Carvalho, p.165).

Vale destacar que “a literatura envolve um processo de compreensão ativa”, conforme explicitado por Bakhtin (p.271, 2011). Assim, pode-se afirmar que a escolha do texto literário é de suma importância à formação do leitor literário, uma vez que aquele deve ser significativo para o leitor para que diante das suas visões de mundo, da sua realidade, do seu vocabulário, ele possa tecer conexões consigo e construir sentidos, posicionamentos acerca do texto lido, é o que o referido autor denomina enquanto ser “responsivo”. Neste interim, é correto dizer que “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa. Toda compreensão é prenhe de resposta, e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se falante” (Bakhtin, 2011, p. 271).

Sob essa ótica, compreende-se que o leitor não é e nem deve ser passivo à obra lida, pois, ao ler ele cria conexões com o texto, percebe a sua vida ou de outros nele, vê seu comportamento, sua forma de ser moldados

nos perfis dos personagens, ou os molda de acordo com estes, apresentando familiaridade com os enredos. Tais ações dialogam diretamente com Cosson quando discorre acerca do que é ser leitor. Assim, para ele, “Ser leitor não significa apenas possuir a capacidade de decifrar os sinais gráficos, mas atribuir sentidos aos textos, relacionando-os com outros textos e com a própria experiência de vida” (Cosson, 2021, p. 40).

As conceituações apresentadas contrapõem-se ao trabalho literário que tem sido realizado em algumas escolas brasileiras que privilegiam a leitura analítica ao invés da subjetiva. Claro e evidente que a última sempre deve preceder a análise estrutural da obra, pois o texto só se materializa a partir da interpretação dada pelo leitor, e esta, por sua vez, é atribuída de forma singular mediante às experiências de vida de cada um. Com isso, Rouxel aponta que “A leitura literária não pode ser reduzida a um conjunto de procedimentos analíticos; ela implica também uma experiência sensível e singular do leitor” (2013, p. 20).

Com base no aludido, depreende-se que a leitura subjetiva possibilita que os estudantes, na condição de leitores, construam sentidos embasados em suas experiências pessoais. E a escola deve pautar-se nesse pressuposto ao ofertar e desenvolver práticas de letramento literário, para que, dessa forma, não se reduza o campo destinado à subjetividade do leitor, mas sim, fomente práticas que acolham as interpretações pessoais dos estudantes de modo a formar leitores críticos, conscientes e autônomos.

3. A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO E AS SUAS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS

A crônica é um dos gêneros de maior representatividade da literatura em virtude das suas características, como o fato de apresentar fatos cotidianos empregando uma linguagem estilística, permeada de recur-

sos expressivos como figuras de linguagem, por exemplo, aproximando o leitor da expectativa literária. Sua origem se deu no campo jornalístico, imprimindo essa relação direta com fatos do dia a dia, porém, com o passar do tempo, a crônica deixa de ser puramente informativa e passa a integrar elementos estilísticos à sua construção, expressividade, subjetividade, emoções, fazendo com que se torne um gênero híbrido, entre o texto comunicativo comum e o literário.

Candido (1992, p.13) sobre a crônica afirma que

A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. ‘Graças a Deus’, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. (Candido, 1992, p. 13).

As contribuições do autor em questão validam o discurso supracitado de que a crônica se fortalece e ganha espaço a partir da sua capacidade de transformação daquilo que, muitas vezes, passa despercebido no dia a dia em profundas experiências literárias. Além disso, nesse tipo de construção textual há um trabalho diferenciado com a linguagem que faz com que essa aproxime-se da realidade do leitor por meio da coloquialidade, ao mesmo tempo em que não se abre mão de recursos estilísticos que lhe confere literariedade.

De acordo com Ramalho (2010),

Para analisar uma crônica, é necessário ter em conta esse hibridismo, pois, ainda que características como brevidade, coloquialismo, diálogo com o leitor, humor e olhar para o cotidiano sejam facilmente percebidas, o que impregna uma crônica de literariedade é justamente a percepção de que algo, na linguagem, extrapola a função referencial e remete leitores a uma dimensão poética (ou simbólica), o que, em absoluto, não significa que a crônica guardará, necessariamente, laços com a poesia, já que a ficção também possui a propriedade de atingir o poético pela simbologia do enredo, dos personagens, dos acontecimentos, etc (Ramalho, 2010, p.362).

Partindo desse caráter literário e simbólico que aproxima o leitor do texto, em geral uma narrativa curta, mas capaz de provocar profundas reflexões, é que se verifica o grande potencial pedagógico deste gênero ao trabalho literário em sala de aula. Assim, ao apresentar narrativas que se desenvolvem em torno de fatos corriqueiros com uma linguagem a mais aproximada possível do leitor, as crônicas instigam os jovens a lerem e de forma espontânea serem introduzidos ao universo literário.

Com isso, ao trabalhar com a crônica, o estudante é convidado a tecer interpretações subjetivas do texto, relacionando o discurso lido às suas vivências, estabelecendo relações entre a arte e a literatura, assumindo um posicionamento frente ao discutido, assumindo assim, uma postura responsiva.

3.1 Análise da crônica “Das águas que fartam”

A crônica “Das águas que fartam” faz parte a coletânea do e-book: Todas as águas (2019), organizado por Christina Ramalho, Ítalo de Melo

Ramalho e Rafael Senra, o qual reúne 56 crônicas, de 28 autores diferentes com uma temática central: a simbologia da água. Assim, os referidos escritos apresentam, metaforicamente, a água, partindo de suas conceituações físicas, políticas, sociais, culturais, afetivas, dentre outros aspectos, bem como a escritora Iasmim Ferreira destaca já no prefácio da obra “Cada uma delas nos conduzirá a diferentes banhos e profundidades, das águas de nosso país às águas que nos cercam e as que estão em nosso interior (p. 09)” (Ferreira, 2019, p.09).

“Das águas que fartam”, inicialmente, a dura realidade do sertanejo que teve e tem que conviver com a seca e as consequências dela. Apresenta, por isso, a água como imagem da luta por direitos, inclusão, educação e justiça social, o que torna o texto convidativo à reflexão e a formação crítica do leitor a partir da resignificação de seu modo de pensar e consequentemente, de agir frente aos problemas sociais apresentados na narrativa.

Estruturalmente falando, o texto em análise apresenta alguns recursos expressivos que o aproximam mais do leitor, o que é uma característica típica do gênero que o estrutura. Dentre eles, pode-se destacar a utilização de uma linguagem coloquial e próxima da oralidade causando maior familiaridade com o enredo e uma fácil compreensão. Fator que pode ser evidenciado nos excertos “pois pronto, é por aí que segue esta prosa”, e “mas, se o negócio é chuva, então, colega, o paraíso é na terra” (Souza, 2019, p.22), trechos que estabelecem um diálogo com o leitor, e trazem traços de oralidade. Esse é um dos recursos característicos da crônica, por ser um gênero que frequentemente estabelece uma relação de proximidade com o seu público.

Além disso, há a forte presença de figuras de linguagem como a metáfora e a ironia. A primeira corresponde a atribuição de sentidos figurados quando estabelece uma espécie de comparação implícita, ou seja,

sem auxílio de conectivos. Essa é evidenciada já no início nas seguintes passagens “me interessa a falta d’água para eu poder falar de outras águas: água-trabalho, água-estudo, água-inclusão” (Souza, 2019, p.22), e em “Essas chuvas de futuro têm nome: bolsa família, minha casa minha vida, cisternas, institutos federais, universidades, programas de inclusão de tudo quanto é minoria (...)” (Souza, 2019, p. 24). Esses trechos que explicitam a utilização do termo água para referir-se a outros elementos, tais como as oportunidades sociais à população marginalizada.

Já a ironia, utilização de termos em sentido oposto ao que se pensa, foi empregada ao longo do texto como recurso à promoção da crítica social. Aspecto evidenciado em passagens como “os políticos locais que aproveitavam o desespero do povo para fazer carreira como ‘anjos do céu’” (Souza, 2019, p. 22), mostrando como as “fraquezas” das pessoas são utilizadas enquanto moeda de troca no âmbito político, o que é reafirmado em “O coronelismo se espichou à vontade com a tal indústria da seca” (Souza, 2019, p. 22).

Outro aspecto relevante na crônica em análise é a intertextualidade, pois a autora, em diferentes momentos da sua produção, promove pontes entre o seu texto e outros discursos que dialogam acerca das temáticas em pauta, tais como a música “triste partida” (1964), de Patativa do Assaré na voz de Luíz Gonzaga, recurso que viabiliza a retomada de memórias acerca da sofrida realidade dos retirantes que vão à cidade grande para fugir da seca. Ainda no universo musical, autora faz referência a “Cantiga da Perua” (1969) de Jackson do Pandeiro, para evidenciar os caminhos tortuosos que os acontecimentos estavam desencadeando.

Ademais, a intertextualidade na crônica é construída, também, pela relação direta com outros textos como *Água viva* (1973) de Clarice Lispector; “Chover no futuro” (2000) de Manoel de Barros, além de fazer menção a versos de músicas de Luíz Gonzaga: “mandacaru fulorou na

seca e o sertão virar mar” (1953). Indiscutivelmente, tais elementos tornam ainda mais forte a regionalidade presente no texto, aproximando ainda mais o leitor por meio da representatividade da sua luta e resistência por meio da literatura.

É importante frisar que, mesmo diante de um chamado a uma reflexão profunda acerca das desigualdades sociais vivenciadas pela população da margem social e a seca enquanto fenômeno natural, e os males ocasionados, o texto apresenta também, “gotas” de esperança na medida em que constrói um discurso carregado de sentimentalismo, como pode-se notar em “No sertão, é bonito de se ver rio de barreira a barreira e filho de pobre se formando, parece que a gente verdeja é por dentro” (Souza, 2019, p. 25). Além de realçar a educação enquanto principal água para a irrigação de um futuro melhor, repleto de conhecimento, igualdade, inclusão e formação de seres críticos e pensantes.

Portanto, a crônica “Das águas que fartam” relaciona recursos como oralidade, regionalidade, intertextualidade, metáforas, ironia, coloquialidade, diálogo com o leitor, na construção textual de modo a, a partir do termo água, trazer à discussão e posterior reflexão problemáticas sociais como a seca, as desigualdades sociais, exclusão de grupos sociais marginalizados, de uma forma mais leve e atrativa ao leitor contribuindo à ressignificação da consciência leitora.

3.2 Proposta de trabalho com a crônica “Das águas que fartam” no Ensino Médio

Mediante a análise da crônica “Das águas que fartam”, pode-se evidenciar que esta constitui uma significativa ferramenta ao trabalho com a literatura em sala de aula por apresentar um vasto potencial pedagógico e tratar-se de um gênero textual que aproxima o leitor da sua realidade na mesma proporção em que a recria.

Partindo desse pressuposto, propõe-se aqui uma sequência didática para um possível trabalho com o referido texto em turmas do ensino médio, tendo em vista que, nessa etapa da educação básica, os estudantes são instigados aos estudos literários mais aprofundados.

Nesta perspectiva, vale salientar que o ensino de literatura não deve pautar-se em técnicas de memorização de escolas literárias, seus contextos históricos, principais características e autores, pois, embora estes sejam elementos importantes, a abordagem da literatura em sala de aula deve fomentar a formação de leitores críticos e reflexivos a partir de discussões e relações com as distintas realidades dos estudantes, de modo a fazê-los reconhecer-se nos textos lidos e assim repensar as suas práticas sociais, o ser e o estar no mundo, contribuindo à ampliação das suas visões de mundo. Tal como argumenta Dalvi (2013, p.35), “é necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes (também) ao ensino de literatura”.

3.2.1 Proposta pedagógica ao trabalho com a crônica “Das águas que fartam: uma sequência didática

Público-alvo: turmas do ensino médio.

Tempo estimado: aproximadamente 5 aulas de 50 minutos cada.

Objetivo:

- Favorecer a formação do leitor literário mediante as leituras subjetiva e analítica da crônica “Das águas que fartam” (2019) de Ana Santana Souza, impulsionando discussões acerca e a partir da realidade sociocultural dos estudantes.

Aula 1 (sondagem dos conhecimentos prévios):

A aula iniciará a partir da apresentação da música: “Triste partida” (1964), de Patativa do Assaré (canção mencionada na crônica analisada), seguida de uma roda de conversa em que os alunos serão instigados a refletir e discorrer acerca de temas evidentes na produção, a seca no Nordeste, o que ela representa para o povo sertanejo, as suas impressões e possíveis experiências.

Aula 2 (leitura subjetiva da crônica “Das águas que fartam”):

Socialização da crônica “Das águas que fartam” de Ana S. Souza, de forma impressa para apreciação e posterior leitura coletiva, para que em seguida, sejam registradas em diários de leitura, as impressões que tiveram, trechos que chamaram à atenção, sentimentos despertados, dentre outros elementos.

Tal prática encontra-se fundamentada em Roxel (2012), quando esta afirma que os diários de leitura possibilitam a observação de processos identitários e afetivos na relação entre aluno e literatura.

Aula 3 (Bancando o detetive literário):

Em grupos de até quatro componentes, após a leitura subjetiva a interpretação aprofundada do enredo da crônica, os alunos serão orientados à realização da leitura analítica da mesma. Para tanto, estes deverão retornar ao texto em busca dos recursos estilísticos empregados pela autora, tais como as metáforas existentes, ironias, intertextualidade, regionalidades, marcas de oralidade, e como estes contribuem à construção de sentido no texto.

Em seguida, dever-se-á ser viabilizada a socialização dos “achados” dos estudantes, sempre buscando tecer conexões do texto com a realidade dos estudantes e de suas famílias.

Aulas 4 e 5 (“Das águas que fartam” às nossas histórias: escrita e partilha de experiências):

Como produto final da sequência didática, o professor deverá propor aos estudantes, a produção de uma crônica partindo da temática: “As águas que ainda faltam para o futuro que almejo”.

Em seguida, os alunos serão convidados a socializarem as suas produções que poderão ser expostas no mural da escola ou em uma pequena mostra literária.

Avaliação: a avaliação se dará de forma processual, em todas as etapas das aulas, em que os alunos serão observados quanto as suas participações durante as leituras, reflexões promovidas e produção textual.

Recursos:

- Caixa de som / TV;
- Crônica impressa;
- Caderno;
- Lápis / caneta.

Referências:

SOUZA, Ana Santana. Das águas que fartam. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. p. 25-28.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscou-se analisar as potencialidades pedagógicas da crônica literária a partir da relação entre a leitura subjetiva e a formação do leitor literário, tomando como objeto de estudo a crônica “Das águas que fartam” (2019), de Ana S. Souza. Além disso, propôs-se uma sequência didática voltada ao trabalho com esse gênero no Ensino Médio, com o intuito de promover experiências significativas de leitura no contexto de sala de aula. Para tanto, foram discutidos conceitos relacionados à literatura, à crônica, à leitura subjetiva, ao letramento literário e à formação do leitor, à luz das contribuições teóricas que fundamentam esta pesquisa.

Diante disso, as análises realizadas permitiram constatar que o ensino de literatura se torna mais significativo a partir de um trabalho com textos que se aproximem da realidade do aluno, tal qual a crônica literária, na qual apresenta proximidade com temas do cotidiano, provocando interpretações mais aprofundadas e relação direta com as vidas dos estudantes. Desse modo, evidenciou-se que as práticas de leitura subjetiva são pertinentes à construção de sentidos, desenvolvimento da sensibilidade e à formação de leitores críticos, reflexivos e autônomos.

Para tanto, a sequência didática proposta com base na crônica “Das águas que fartam” mostrou como este gênero textual pode constituir uma ferramenta pertinente ao ensino de literatura, ao articular práticas de leitura, reflexões subjetivas, análises de elementos textuais que contribuem ao sentido do texto, e a produção literária. Assim, a proposta busca apresentar um estudo literário mais significativo, relacionando literatura, realidade e experiências pessoais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. [1920]. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, n. especial, p. 81-89, 1999.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1992. p. 13-22.

_____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARVALHO, José Ricardo. Uma proposta de compreensão ético-discursiva na leitura do texto literário. In: AMORIM, Ivonete Barreto de; CASTRO, Selma Dal-tro Barros de; GONZÁLEZ, C. Máryuri Garcia (Org.). **Educação, políticas públicas e desenvolvimento social: contextos interdisciplinares**. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2023. p. 162-177.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 34-49.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

RAMALHO, Christina. **A literariedade na crônica de Rubem Braga**. Interdisciplinar, ano 5, v. 10, p. 361-376, 2010.

_____. **Retratos do cotidiano: a crônica em três vozes**. Leitura, Maceió, n. 49, p. 135-156, jan./jun. 2012.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. e-book (PDF). ISBN 978-85-7134-011-4.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Dayane de Araújo. **A crônica contemporânea: uma perspectiva de ensino da literatura brasileira para o ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SOUZA, Ana Santana. Das águas que fartam. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. p. 25-28.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

A METÁFORA DA ÁGUA E A CONSTRUÇÃO DA LITERARIEDADE EM DUAS CRÔNICAS DE ÉVERTON SANTOS

*Denilson de Souza Santos**

*José Cícero Melo dos Santos***

INTRODUÇÃO

Segundo Candido (2011), a literatura constitui o trajeto pelo qual a humanidade se reconhecer e se protege do esvaziamento na sociedade. Por meio dela, o sujeito amplia a compreensão de si, do outro e do mundo, através das relações que transcendem a simples decodificação do texto e alcançam experiências de natureza ética, estética e sensível. Nesse contexto, a leitura literária se consolida como um processo contínuo de significados. Articulando essa dimensão ao contexto educacional, Cosson (2011) defende que o letramento literário vai além da recepção passiva, exigindo a formação de um leitor ativo, capaz de dialogar criticamente com as obras e utilizar a linguagem para expressar sua própria visão de mundo, já para Rouxel (2012, p. 280), “a submissão às prescrições do texto importa menos que o interesse e o proveito pessoal que o leitor pode extrair de sua leitura”.

A crônica nasce da observação dos acontecimentos mais simples da vida e consegue ultrapassar o registro circunstancial a partir do mo-

* ,Licenciado em Letras e Educação Especial. Professor da Rede Municipal de Ensino de Paulo Afonso/Bahia. E-mail: denilsonsouzaprof@gmail.com

** Mestrando do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Licenciado em Pedagogia e Geografia. Professor da Rede Municipal de Ensino de Tapera/Alagoas. E-mail: joseciceromelodossantos@gmail.com

mento que transforma experiências ditas como comuns em recurso de reflexão estética, filosófica e humana, possuindo uma linguagem acessível e muito próxima do leitor, permitindo que questões universais surjam de situações comuns, revelando que o extraordinário pode residir no meio ordinário. Ela se destaca como o modelo ideal para a produção escrita na escola, para que possa representar não apenas a realidade, mas novas formas de percebê-la, construindo, mostrando que o “leitor como sujeito pode sobreviver ainda mais se a classe for pensada como lugar de emergência e de confrontação de leituras subjetivas” (Rouxel, p. 281), conforme reforça Candido (2011), um recurso capaz de promover a humanização, tornando-se “um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e efetivo (Candido, 2011, p. 175).

Para Costa et al (2026, p. 6), “a literatura assume um papel fundamental na formação humana, ao permitir que o leitor vivencie diferentes experiências e amplie sua compreensão da realidade”. Partindo de premissa semelhante, Candido (2006) defende que ela constitui um direito fundamental, pois favorece o exercício da reflexão, da sensibilização e da imaginação, contribuindo, assim, para a humanização do indivíduo. Já Rouxel (2012, p. 278), “toda verdadeira experiência de leitura envolve a totalidade do ser. As pesquisas contemporâneas sobre leitura [...] mostram que ela não se reduz a uma atividade cognitiva e que o processo de elaboração semântica se enraíza na experiência do sujeito”. Nessa direção, Cosson (2011), por sua vez, ultrapassa a decodificação do texto, promovendo a formação de uma comunidade de leitores capaz de atribuir sentidos às obras a partir de suas experiências, emoções e visões de mundo, “reconhecendo a leitura literária como uma experiência estética e humanizadora” (Cosson, 2011, p. 34).

É nessa proposta que se insere o e-book *Todas as Águas* (Ramalho et al, 2019), obra que reúne diversos cronistas em torno da “água”

como elemento temático e simbólico, revelando sua multiplicidade de significados e sua potência para suscitar reflexões sobre a condição humana. Longe de restringir-se ao aspecto natural ou descritivo, a coletânea evidencia a água como metáfora de afetos, perdas, memórias, esperanças e transformações, comprovando a capacidade da crônica contemporânea de converter acontecimentos cotidianos em experiências de forte densidade estética e existencial. Entre os variados textos que compõem a obra, destacamos as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, de Éverton Santos, nas quais a água deixa de representar apenas um elemento da natureza para constituir-se como eixo simbólico da narrativa, conduzindo o leitor a uma experiência de leitura aberta à reflexão, à subjetividade e à produção de múltiplos sentidos.

Dentro dessa premissa, Rouxel (2012) fala da pluralidade de sentidos presente na crônica, estabelecendo relações entre o texto, ultrapassando a compreensão imediata dos conhecimentos narrados, convocando o leitor para explorar sua visão de mundo. Parte-se da compreensão de que a metáfora da água funciona como um recurso expressivo, formando um princípio organizador da produção, responsável por deslocar o cotidiano para uma dimensão simbólica e existencial. Nesse aspecto, o artigo tem como objetivo analisar as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, de Éverton Santos, imprime literariedade a suas crônicas por meio do trabalho metafórico com a oportunidade de se realizar uma leitura subjetiva e humanizada, que pode favorecer a formação do sujeito leitor, o que amplia as possibilidades de abordagem da crônica no contexto escolar, à luz do que propõe Rouxel (2012), para quem a escola deve promover práticas literárias que fortaleçam e reconheçam o estudante como sujeito leitor. Para isso, busca “incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso” (Rouxel, 2012, p. 281).

Para alcançar esse objetivo, aplica-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, baseada em estudos sobre crônicas, o ensino de literatura e a leitura literária. A análise articula as contribuições de Candido, Rouxel, Cosson e dos estudos sobre literariedade da crônica, tomando, como já foi dito, como corpus as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, num percurso metodológico que busca desenvolver uma ação conectada entre teoria, análise e reflexão pedagógica, sendo que, inicialmente, discutimos os fundamentos teóricos que sustentam a compreensão da crônica como espaço de construção estética e humanizadora e, em seguida, apresentamos as possibilidades de abordagem na sala de aula, através da proposta de mediação literária, destacando a valorização da leitura subjetiva, a formação do sujeito leitor e a experiência literária.

2. A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE LITERARIEDADE E HUMANIZAÇÃO

O gênero crônica ocupa, sem dúvida, um lugar ímpar na tradição da literatura brasileira, estabelecendo uma estreita relação entre linguagem artística e os acontecimentos ordinários da vida cotidiana. Para Moreira,

aplicação das práticas de letramento, pois elas podem tratar dos assuntos mais diferenciados que ocorrem na sociedade contemporânea. Nesse viés, o trabalho desenvolvido com elas em sala de aula pode possibilitar à reflexão e à discussão a respeito dos mais variados temas, desde aqueles rotineiros as experiências do aluno, até aqueles vinculados ao que está ocorrendo no mundo (Moreira, 2024, p. 275).

Ainda que frequentemente associada à brevidade, à leveza e ao caráter circunstancial, sua permanência no cenário literário demonstra que sua força ultrapassa o registro episódico dos fatos, transformando as experiências comuns em matéria estética, ressignificando

o cotidiano, atribuindo-lhe novas possibilidades de interpretação e convidando o leitor a perceber, nos gestos aparentemente simples, dimensões humanas, afetivas e existenciais que na maioria das vezes passam despercebidas. Para Rouxel (2012), a subjetividade deve ultrapassar a resposta às imposições do texto e surge de maneira aleatória onde não é esperada. De acordo com Moreira (2024), a prática pedagógica de estudo de crônica permitiu aos estudantes aprimorar a leitura crítica e perceber o texto como agente de transformação social, ampliando sua concepção de letramento para além da simples decodificação e compreendendo a leitura como recurso dinâmico de interação discursiva com o mundo, conseguindo converter o efêmero em permanência simbólica, explicando sua relevância tanto para os estudos quanto para a formação de leitores.

Diante dessa concepção, Moisés (2006) compreende a crônica como um gênero híbrido, situado entre a observação da realidade e a criação literária, condição que lhe permite transformar acontecimentos efêmeros em reflexões capazes de ultrapassar o tempo e o contexto em que foram produzidos. Essa condição confere à crônica uma identidade marcada pela flexibilidade temática e pela proximidade com o leitor, características que contribuíram para sua consolidação como um dos gêneros mais representativos da literatura brasileira. Embora tenha suas origens vinculadas ao registro cronológico dos acontecimentos, a crônica foi, ao longo do tempo, apropriando-se de recursos próprios da linguagem literária, afastando-se do compromisso exclusivo com a informação para privilegiar a sensibilidade, a subjetividade e a elaboração estética.

Diante desse horizonte teórico, compreender a crônica apenas como um relato do cotidiano significa reduzir sua potência estética e interpretativa. Sua literariedade não decorre dos acontecimentos narrados, mas da maneira como a linguagem os reorganiza, atribuindo-lhes no-

vas camadas de significados. O cotidiano, nesse contexto, deixa de ser um fim em si mesmo para converter-se em matéria de criação literária, capaz de provocar estranhamento, atravessamento, reflexão e sensibilização. É justamente esse deslocamento que o estudo sobre literariedade que se evidencia ao demonstrar que o cronista ultrapassa a descrição do real para construir uma experiência estética mediada pela linguagem, na qual metáforas, imagens, símbolos e subjetividades ampliam os sentidos do texto. A crônica, portanto, não apenas registra o mundo, ela o recria, convidando o leitor a perceber, por trás da aparente simplicidade do cotidiano, dimensões humanas que somente a literatura é capaz de revelar.

A ideia de Ramalho acerca da construção de sentidos pela linguagem se aproxima da proposta de subjetividade defendida por Rouxel. Enquanto Ramalho evidencia o potencial semântico da linguagem e sua ideia de abertura à produção de sentidos, Rouxel apresenta a ideia de que o leitor quem atualiza esses sentidos no encontro com a obra. Nesse trajeto, Ramalho (2010) afirma:

assim, em lugar de pensar que denotação e conotação são extremos opostos no processo de construção de sentidos, é melhor pensar no potencial sêmico das palavras e nos efeitos produzidos pela relação viva que integra emissor, código, mensagem, canal, referente e receptor em situações comunicativas sempre abertas a variações (Ramalho, 2010, p. 364).

Dessa forma, Ramalho cria um diálogo consistente entre teoria da linguagem e teoria da literatura, fortalecendo a análise das crônicas de Éverton Santos e mostrando que a pluralidade de sentidos nasce tanto da riqueza da linguagem literária quanto da experiência singular de cada leitor. A literariedade é capaz de transformar o cotidiano em experiência estética, concretizada pela relação entre leitor e texto. sendo que

há a relação entre texto e leitor, transformando-se numa expressão de experiência concreta. Nessa perspectiva, Candido (2011) pontua que a literatura é necessidade humana e que estimula a imaginação, amplia a sensibilidade, favorecendo o processo de humanização. Nessa linha, para Costa et al (2026), quando se trabalha com textos literários, desenvolve-se a fruição estética, a sensibilidade e a criticidade da linguagem artística, sendo que a experiência literária ultrapassa o domínio do conhecimento formal, constituindo-se como um espaço privilegiado de formação humana.

Essa compreensão aproxima-se igualmente das reflexões de Rouxel (2012) acerca da leitura literária como prática subjetiva. Para a autora, o texto literário não apresenta sentidos únicos e acabados; ao contrário, solicita a participação ativa do leitor, que mobiliza suas memórias, emoções, e repertórios culturais construídos ao longo do percurso vivenciado para construir significados. Ao afirmar que “é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular”, Rouxel evidencia que a leitura constitui um encontro entre a materialidade da obra e a singularidade de quem a lê. Desse modo, compreender a crônica significa mais do que identificar seus elementos, narrativos ou interpretar suas figuras de linguagem, ou seja, significa reconhecer-se nas experiências evocadas pelo texto, permitindo que a literatura dialogue com a própria existência. Na leitura de Rouxel (2012), dentro da perspectiva didática, deve-se analisar as maneiras de ler, com enfoque na evidência de notáveis variações na atenção dada ao conteúdo existencial, à forma como a obra se apresenta, sobretudo, “ela revela a importância da subjetividade no olhar lançado a um texto” (Rouxel, 2012, p. 281).

Essa perspectiva encontra ressonância na proposta de letramento literário defendida por Cosson (2011), para quem a escola deve promover práticas de leitura que aproximem o estudante da experiência estética, favorecendo a constituição de uma comunidade de leitores:

Esse processo e os critérios nele usados podem e devem ser democráticos, assim como contemplar a diversidade cultural e os valores da comunidade de leitores, mas nem por isso deixará de gerar exclusão e apagamento do que não foi selecionado (Cosson, 2006, p. 34).

Nessa concepção, a leitura literária deixa de ser um exercício voltado exclusivamente para identificação de informações ou para reprodução de interpretações previamente estabelecidas, tornando-se uma prática de diálogo, reflexão e produção de sentidos. Assim, ao reconhecer a participação ativa do leitor e valorizar sua experiência diante do texto, o ensino de literatura amplia as possibilidades de formação crítica e sensível, como diz Cosson (2006, p. 29), a leitura literária “convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos. É só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária”, permitindo que obras como as crônicas de Éverton Santos sejam vivenciadas como objetos de estudos e como experiências capazes de provocar questionamentos, despertar afetos e ressignificar a percepção da realidade.

3. *TODAS AS ÁGUAS*: OBRA RELEVANTE PARA OS ESTUDOS DE CRÔNICA E DA LEITURA LITERÁRIA

O e-book *Todas as Águas* insere-se no cenário da crônica contemporânea ao reunir diferentes autores em torno de um elemento comum: a água. Mais do que estabelecer uma unidade temática, a obra propõe múltiplas possibilidades de leitura ao revelar que um mesmo elemento pode assumir significados diversos conforme a experiência, a memória e a sensibilidade de cada cronista. Dessa forma, a coletânea ultrapassa a ideia de um simples conjunto de textos independentes e constitui um mosaico de percepções sobre a existência humana, evidenciando a capacidade da literatura de transformar um elemento cotidiano em

matéria de reflexão estética, simbólica e filosófica. Ao percorrer suas páginas, o leitor não encontra apenas diferentes narrativas sobre a água, mas distintas formas de compreender a vida, o tempo, os afetos e as relações humanas, aspectos que conferem unidade à obra sem comprometer a singularidade da voz de cada autor. Rouxel amplia que:

a prática conjunta das duas formas de leitura tende a conferir uma dimensão, se não mais analítica, pelo menos mais reflexiva à leitura cursiva. Se a porosidade é efetiva, ela é, no entanto, assimétrica, pois a leitura analítica pouco se beneficia do investimento do sujeito, observado nas situações de leitura cursiva (Rouxel, 2012, p. 277).

Entre diferentes perspectivas reunidas em *Todas as Águas*, destacam-se aqui as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, de Éverton Santos, por evidenciarem, de maneira particularmente expressiva, a capacidade da crônica de converter uma experiência cotidiana em reflexão sobre a existência humana. Embora partam de situações distintas, a observação de peixes que agonizam fora da água e a multiplicidade de sentidos atribuídos à chuva, sendo que ambas constroem um percurso narrativo que desloca o olhar do leitor do plano concreto para uma dimensão simbólica, na qual a água deixa de representar apenas um elemento natural e passa a constituir-se como metáfora da vida, das relações humanas, da memória, da ausência e da própria condição existencial. É justamente essa ampliação de sentidos que torna as duas narrativas especialmente fecundas para uma leitura literária voltada à reflexão, à subjetividade e à formação do sujeito autor.

Ao colocar a água como núcleo estruturador de suas narrativas, Éverton Santos não apresenta respostas prontas nem significados fechados, ele constrói textos que permanecem abertos à interpretação, permitindo que cada experiência de leitura seja atravessada pelas vivências,

lembranças e inquietações de quem lê. Nesse sentido, a força estética das crônicas reside na elaboração de imagens poéticas, na organização da linguagem e, sobretudo, na capacidade de provocar movimentos de identificação e de questionamento que ultrapassa os limites do texto. Assim, a metáfora água deixa de funcionar exclusivamente como elemento expressivo e passa a constituir um recurso mediador entre obra e o leitor, favorecendo uma experiência literária que articula sensibilidade, reflexão e humanização.

4. A ÁGUA METAFÓRICA E A CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

4.1 Tu vais nos deixar morrer?: da agonia dos peixes à condição humana

A força literária da crônica “Tu vais nos deixar morrer?” manifesta-se desde as primeiras linhas, quando uma situação aparentemente comum: a chegada de uma encomenda de peixes à residência do narrador. Isso transforma-se em uma profunda experiência de inquietação existencial. O episódio, que poderia permanecer restrito ao cotidiano doméstico, adquire novos contornos à medida que o narrador percebe que alguns dos peixes ainda estão vivos e lutam desesperadamente pela sobrevivência. Nesse instante, a narrativa abandona a simples descrição de um acontecimento e desloca o olhar para uma experiência marcada pela empatia, pela culpa e pelo reconhecimento da fragilidade da vida. É nesse deslocamento do fato para a reflexão, provocação, estranhamento, que a crônica revela sua literariedade, convertendo um episódio banal em um espaço de questionamento sobre a existência humana.

A perspectiva proposta por Ramalho dialoga diretamente com a concepção de leitura subjetiva, pois aborda que os sentidos literários per-

manecem abertos dentro dessa interação entre leitor e o texto. Como menciona a autora,

O sentido figurado pode ser, entretanto, estudado de forma isolado [...] considerando-se apenas a construção de sentido elaborada pelo emissor, se o que desejamos é perceber os modos como se realizam desvios semânticos com intenções simbólicas (Ramalho, 2010, p. 364).

Desse modo, a semiologia da água evidencia que o significado da obra se amplia na medida em que o leitor mobiliza suas vivências para atribuir sentidos à experiência. A descrição da agonia dos peixes privados de seu meio natural opera apenas como registro da cena doméstica, mas como recurso de desfamiliarização (estranhamento), um atravessamento do cotidiano. Ao deslocar o drama da sobrevivência para o espaço prosaico da cozinha e da geladeira, o cronista tensiona a fronteira entre o ordinário e o trágico. A falta de água, que condena os animais ao sufocamento físico, converte-se, por meio de uma sintaxe marcada por perguntas retóricas e pausas reflexivas, em sufocamento simbólico para o leitor. Ademais, a imagem da palha que atalha os peixes atua em dupla perspectiva metáfora: ao mesmo tempo em que representa o vínculo material que os une, simboliza a própria armadilha da existência, demonstrando como a elaboração formal do texto conduz o leitor do desconforto estético à empatia ética.

A percepção de que os peixes ainda resistem à morte constitui o ponto de reflexão da narrativa. A partir desse momento, o olhar do narrador deixa de observar os animais como alimento e passa a reconhecê-los como seres que lutam pela própria sobrevivência. A água, inicialmente compreendida como condição biológica indispensável à vida dos peixes, amplia progressivamente seu significado até converter-se em uma metáfora daquilo que sustenta toda existência. Esse movimento

evidencia que a construção literária da crônica não está centrada no acontecimento em si, mas na transformação do olhar que o interpreta. O leitor acompanha esse deslocamento e, quase involuntariamente, é convidado a acompanhar o desconforto do narrador, deslocando-se também de uma leitura objetiva para uma experiência marcada pela sensibilidade e pela reflexão.

É nesse contexto que a narrativa alcança seu momento de maior densidade reflexiva. Ao questionar “A água era essencial para os peixes, e o que era de tal importância para mim?”, o narrador rompe os limites da experiência individual e inaugura uma reflexão que ultrapassa a própria narrativa. A pergunta desloca o eixo da crônica: os peixes deixam de ocupar o centro da cena, cedendo lugar aos ser humano e às inquietações que o constituem. A água, nesse momento, já não representa apenas a possibilidade de sobrevivência dos animais, mas converte-se em metáfora daquilo que sustenta a existência humana, os vínculos afetivos, a família, o amor, a memória, a fé, a esperança ou qualquer outro elemento capaz de conferir sentido à vida. É justamente essa abertura interpretativa que faz com que a narrativa abandone o plano da descrição para alcançar uma dimensão universal, permitindo que cada leitor reconheça, na metáfora construída pelo cronista, suas próprias experiências, ausências e fragilidades.

Sob essa perspectiva, a potência estética da crônica reside menos na resposta que oferece do que nas perguntas que suscita. Conforme propõe Rouxel (2012), a leitura literária realiza-se quando o leitor investe subjetivamente na obra, mobilizando suas lembranças, emoções e concepções de mundo para produzir sentidos. Nas reflexões do narrador não há uma resposta definitiva para aquilo que representa a “água” de cada indivíduo; existe, antes, um convite para que o leitor complete os vazios do texto com sua própria experiência. A narrativa permanece deliberadamente aberta, transformando, metaforicamente, a água em um

espaço de encontro entre literatura e vida. Dessa forma, a leitura deixa de ser um exercício de identificação de informações para constituir-se como uma experiência de autoconhecimento, na qual compreender o texto significa, simultaneamente, compreender algo de si mesmo.

É precisamente nessa interação entre obra e leitor que se evidencia a dimensão humanizadora da literatura defendida por Candido. Ao deslocar uma situação cotidiana para uma reflexão sobre a condição humana, a crônica amplia a capacidade do leitor de perceber a complexidade da existência, exercitando sua sensibilidade diante da dor, da perda e da vulnerabilidade compartilhadas. O sofrimento dos peixes, inicialmente percebido como um acontecimento externo, transforma-se em espelho da própria existência humana, fazendo com que o leitor reconheça que toda existência depende de algo que a sustente. A literatura, nesse sentido, não oferece soluções para os dilemas apresentados; oferece, sobretudo, a possibilidade de compreendê-los de forma mais profunda, sensível e humana.

A progressão da narrativa torna-se ainda mais significativa quando o narrador estabelece uma analogia entre a palha que une os peixes e os vínculos que sustentam a existência humana. A imagem, constituída de forma aparentemente simples, representa um dos momentos de maior elaboração estética da crônica, pois desloca definitivamente a narrativa do plano concreto para o plano simbólico. A palha deixa de desempenhar apenas uma função material e passa a representar tudo aquilo que mantém o indivíduo ligado ao mundo: a família, os afetos, o amor, os sonhos, a fé, a memória e os laços que conferem sentido à existência. Nesse sentido, a água deixa de ser uma única metáfora estruturante da narrativa, dividindo espaço com outra imagem igualmente potente: dos vínculos humanos. Ambas se complementam e revelam que viver significa, essencialmente, permanecer ligado àquilo que nos constitui enquanto sujeitos.

Outro aspecto que reforça a literariedade da crônica é a recorrência das perguntas retóricas, recurso que desloca o texto de uma narrativa centrada nos acontecimentos para uma escrita marcada pela problematização da existência. Em vez de oferecer respostas conclusivas, o narrador compartilha suas inquietações, convidando o leitor a ocupar o mesmo espaço de reflexão. Questões como: “Sem o que eu não viveria?” ou “Conseguimos, de alguma forma, substituir algo fundamental quando de nós é retirado? Suspendem qualquer interpretação definitiva e mantêm a narrativa aberta à pluralidade de sentidos. A força da crônica reside justamente nessa incompletude: o texto não encerra o pensamento, mas prolonga na consciência do leitor, transformando a leitura em uma experiência que continua para além da última linha.

O desfecho da crônica sintetiza, com notável força estética, o percurso reflexivo constituído ao longo da narrativa. Ao afirmar que “Enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se debater”, o narrador registra o encerramento de um acontecimento concreto, mas inaugura um movimento de permanência no plano da existência literária. O silêncio dos peixes contrasta com a inquietação que permanece no leitor. Se, na narrativa, a luta pela sobrevivência chega ao fim, na leitura ela apenas se inicia, pois as questões levantadas ao longo do texto continuam reverberando para além de seu encerramento. A aparente simplicidade da cena final transforma-se, assim, em um convite à reflexão sobre aquilo que sustenta a existência humana e sobre a fragilidade dos vínculos que nos mantêm ligados à vida.

Sob essa perspectiva, a crônica de Éverton Santos confirma a capacidade do gênero de transcender o registro circunstancial do cotidiano para alcançar uma dimensão estética e existencial. A experiência vivida pelo narrador deixa-lhe pertencer exclusivamente e passa a integrar o horizonte interpretativo do leitor, que é convidado a preencher os espaços de indeterminação do texto com suas próprias vivências, emoções e concep-

ções de mundo. Nesse processo, concretiza-se o movimento descrito por Rouxel, segundo o qual a leitura literária constitui uma experiência subjetiva de construção de sentidos, ao mesmo tempo em que se evidencia a função humanizadora da literatura defendida por Candido. A narrativa, portanto, não busca oferecer respostas para os dilemas humanos, mas criar condições para que o próprio leitor os experimente esteticamente, reconhecendo na metáfora da água, dos peixes e dos vínculos afetivos imagens que ultrapassam o texto e alcançam a própria existência.

4.2 “Chuva, chuvas”: cada gota tem um peso, cada leitor um olhar

Se, em “Tu vais nos deixar morrer?”, a água constitui uma metáfora daquilo que sustenta a existência humana, em “Chuva, chuvas” esse mesmo elemento amplia ainda mais seu potencial simbólico ao assumir significados distintos conforme o contexto e a experiência de quem o observa. A reflexão desloca-se da busca pelos fundamentos da vida para compreensão da pluralidade defendida no plano conceitual diretamente na arquitetura formal da narrativa, revelando que a realidade nunca se apresenta de forma única ou definitiva. Assim, as duas crônicas estabelecem um diálogo complementar: enquanto a primeira conduz o leitor a refletir sobre aquilo que o mantém vivo, a segunda o convida a reconhecer que toda experiência humana é atravessada por diferentes formas de perceber, interpretar e significar o mundo. Para esse momento, é interessante ler a nota de Candido (2006, p. 84), que menciona que “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

Assim, o arranjo sintático da crônica espelha a própria teoria da leitura de Rouxel (2012): o sentido não habita o fenômeno em si (ou o texto em sua materialidade isolada), mas emerge do encontro dialógico entre o objeto e a vivência do sujeito que a contempla.

Diferentemente da crônica anterior, “Chuva, chuvas” não se organiza a partir de uma experiência vivida pelo narrador, mas na construção de um percurso reflexivo que se desenvolve por meio da repetição e da ampliação dos sentidos atribuídos à chuva. Desde a frase inicial — “Eu considerei que água que cai do céu não tem apenas uma interpretação” —, o texto rompe qualquer possibilidade de leitura unívoca e anuncia sua principal proposta estética: demonstrar que os significados não pertencem aos fenômenos em si, mas às relações que os sujeitos estabelecem com eles. A chuva deixa de ser apenas um acontecimento da natureza para tornar-se um espaço simbólico onde diferentes experiências humanas se encontram, se confrontam e se ressignificam.

A construção da crônica apoia-se em um movimento de sucessivas aproximações e contrastes. Cada exemplo apresentado pelo narrador desfaz uma certeza anterior estabelecida, evidenciando que nenhum fenômeno pode ser compreendido de maneira absoluta. A chuva representa proteção para quem se encontra no abrigo, mas ameaça para quem vive em situação de vulnerabilidade; anuncia esperança ao sertanejo, enquanto pode significar transtorno para os grandes centros urbanos; converte-se em purificação para alguns e em frustração para outros. Ao organizar o texto por meio dessas contraposições, Éverton Santos evidencia que a realidade é construída por múltiplas perspectivas e que o sentido não está nos acontecimentos, mas na relação que cada sujeito estabelece com eles.

4.3 A estética da indagação: quando a crônica transforma perguntas em experiência literária

Ao ler as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, revela-se um aspecto que ultrapassa a construção simbólica da água e se manifesta como um dos elementos centrais da escrita de Éverton Santos: a valorização da indagação como princípio estruturador da ex-

periência literária. Essa categoria analítica manifesta-se na recusa das certezas definitivas e na escolha de uma escrita pautada na incompletude programática. Ao converter o texto literário em um espaço de interrogações abertas, o cronista não entrega ao leitor uma interpretação pronta ou moralizante, mas o convoca a ocupar as lacunas do texto com seus próprios afetos, memórias e repertórios existenciais. A indagação, dessa forma, deixa de ser apenas um recurso oratório e passa a figurar como próprio motor do letramento literário e da humanização do sujeito leitor no ambiente escolar, “diante de suas experiências anteriores a subjetividade é ativada, pois, durante a leitura, o leitor começa a estabelecer conexões entre experiência social e aquela contida no texto literário” (Moreira, p. 68).

Assim, ao invés de organizar suas narrativas para oferecer respostas, o cronista constrói um percurso reflexivo fundamentado na dúvida, na problematização e na abertura interpretativa. As perguntas que atravessam os textos não desempenham apenas uma função estilística; elas constituem o mecanismo por meio do qual a narrativa desloca o leitor de uma postura contemplativa para uma participação ativa na produção de sentidos. Conforme Rouxel (2012, p. 280), “o investimento subjetivo do leitor é a necessidade funcional da leitura literária, pois faz com que ele contemple o texto lido e imprima sua forma singular de pensar e agir.”

Em “Tu vais nos deixar morrer?”, o episódico da chegada dos peixes à residência do narrador desencadeia uma sucessão de questionamentos que gradativamente abandonam o plano do acontecimento concreto para alcançar uma reflexão sobre a própria condição humana. Perguntas como “Sem o que eu não viveria?” ou “Conseguimos, de alguma forma, substituir algo fundamental quando de nós é retirado?” permanecem deliberadamente sem respostas. Essa incompletude não representa uma ausência de significado, mas uma escolha estética que

transforma a dúvida em espaço de construção de experiência literária. A narrativa não conduz o leitor a uma conclusão previamente determinada; ao contrário, oferece-lhe a possibilidade de reconhecer, na metáfora da água, aquilo sustenta sua própria existência.

Já em “Chuva, chuvas”, esse recurso reaparece sob outra configuração. Ao invés de pergunta explícita, prepondera a problematização construída pela repetição da expressão “eu considere”, estratégia discursiva que evidencia o caráter provisório e aberto das interpretações apresentadas. A chuva nunca assume um único significado, porque cada situação narrada revela uma nova possibilidade de leitura da realidade. Dessa forma, a crônica reafirma que os sentidos não pertencem aos fenômenos em si, mas às experiências humanas que os atravessam. A água, nesse contexto, converte-se em metáfora da própria leitura literária: assim como uma mesma chuva produz efeitos distintos conforme o lugar onde cai, um mesmo texto produz diferentes interpretações conforme trajetória, a memória e a sensibilidade de cada leitor.

Essa abertura interpretativa dialoga diretamente com a concepção de leitura subjetiva desenvolvida por Rouxel (2012), para quem a obra literária permanece inacabada até encontrar o leitor, que a completa a partir de sua experiência singular. Sob essa perspectiva, as perguntas presentes nas crônicas de Éverton Santos não representam lacunas a serem preenchidas por uma interpretação correta, mas espaços de interlocução nos quais cada leitor é convidado a mobilizar seus conhecimentos, afetos, memórias e concepções de mundo. A experiência literária deixa, assim, de restringir-se ao texto e passa a acontecer no encontro entre obra e leitor.

Essa proposta também se aproxima da reflexão de Candido (2006), pois confirma que a literatura tem a função humanizadora. Ao evitar respostas fechadas e privilegiar a construção de perguntas, a crônica

amplia a capacidade do leitor de refletir sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a complexidade da existência. Candido (2011, p. 184), “a eficácia humana é função da estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura” que rompe a rigidez das certezas, amplia o horizonte da experiência e favorece a construção de uma sensibilidade capaz de acolher a pluralidade. Numa crônica analisada, não é a resposta que transforma o leitor, mas o exercício permanente de indagação.

No contexto escolar, essa compreensão aproxima-se da proposta de letramento literário defendida por Cosson (2011), ao reconhecer que a formação do leitor não se realiza pela memorização de interpretações legitimadas, mas pela criação de espaços de diálogos nos quais o texto literário passa a ser vivido, discutido e ressignificado. Assim, mais do que compreender o significado da água nas crônicas de Éverton Santos, o estudante é convidado a reconhecer quais são as “águas” que atravessam sua própria existência, estabelecendo relações entre literatura, experiência e realidade, permitindo-se compreender que a água constitui um elemento temático recorrente, sendo que as crônicas promovem um estudo, a “estética da indagação”, ou seja, uma forma de construção que transforma perguntas em experiência estética, um encontro entre linguagem, sensibilidade e humanização. Dessa forma, estas produções possuem uma relevada importância para os estudos e pesquisas de leitura literária e contribui para o ensino de Literatura na Educação Básica.

5. A LEITURA SUBJETIVA DA CRÔNICA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO LITERÁRIA

As reflexões desenvolvidas ao longo desse estudo evidenciaram que as crônicas de Éverton Santos constituem um rico material para o ensino de literatura na sala de aula, principalmente quando compreendidas

como experiências estéticas abertas à construção de sentidos. Segundo Sant’Ana (2022, p. 30) “é fundamental investigar, repensar sobre o ensino de Literatura em sala de aula, bem como propor a leitura do texto literário em sua perspectiva dialógica, atividade que deve ser aplicada de modo sistematizado e elaborado”. Assim, nota-se a necessidade de superar práticas de leitura centradas exclusivamente na identificação de informações, classificando elementos estruturais ou na mera busca por interpretações consideradas corretas.

A prática da mediação pedagógica literária exige que o texto permaneça vivo diante do leitor, favorecendo uma relação na qual a experiência estética anteceda a sistematização dos conhecimentos teóricos. “Essa prática tende a propiciar o desenvolvimento crítico dos sujeitos envolvidos nesse processo. Logo, planejar, implementar, descrever, avaliar e aprender se constituem em estratégias a serem utilizadas por nós, [...] com vistas a aperfeiçoar a prática docente” (Sant’Ana, 2022, p. 30). Sob essa perspectiva, ensinar literatura significa criar condições para que o estudante dialogue com a obra, reconheça-se nas experiências narradas e atribua sentidos próprios ao processo de leitura.

Para Candido (2011), a literatura deve ser compreendida como um bem cultural essencial à condição humana. Dessa forma, cabe a escola assumir o papel fundamental de democratizar o acesso à leitura literária e garantir que todos os estudantes, independente de condição, usufruam desse direito em seu processo formativo. Faz-se necessário promover momentos de leitura, conforme Dalvi (2012, p. 73), “as possibilidades de realização de leituras autônomas pelos alunos são influenciadas pelas possibilidades de acesso a livros e pela facilidade de escolarização da literatura desenvolvidas pelos professores”. Assim, a leitura de se trabalhar a interpretação, deve-se despertar o senso crítico, trazendo questões, tipo:

Quadro 1

• Sugestões de perguntas para mediação literária
• Que imagem permaneceu em sua memória após a leitura?
• Em algum momento você se sentiu parecido com o narrador?
• Qual passagem provocou maior inquietação? Por quê?
• Se você pudesse responder a uma das perguntas da crônica, qual escolheria?
• O que representa a sua “água”, isto é, aquilo que sustenta sua existência?
• A chuva tem o mesmo significado para todas as pessoas? Que experiências justificam respostas diferentes?

A proposta de mediação literária parte da compreensão de que a leitura literária constitui uma experiência de encontro entre texto e leitor, e não um exercício de decodificação ou de identificação de respostas previamente estabelecidas, conforme Cosson pontua que deve ser estabelecida. Assim, a abordagem das crônicas de Éverton Santos em sala deve preservar sua abertura estética, permitindo que os construam interpretações a partir de suas próprias experiências, memórias e formas de pensar o mundo. Partindo dessa ideia, o papel do professor, nesse contexto, consiste menos em explicar o texto e mais em favorecer situações de diálogo nas quais diferentes leituras possam coexistir, confrontar-se e ampliar-se mutuamente. A mediação literária deixa de transmitir um caráter transmissivo para tornar-se uma prática de escuta, acolhimento e problematização, demonstrando que a literatura é a descoberta e não a confirmação de respostas.

Sob essa perspectiva, a proposta de letramento literário de Cosson (2011) oferece um caminho consistente para o trabalho com as crônicas analisadas. Em vez de orientar a leitura exclusivamente para identificação de elementos estruturais ou para a resolução de questionamentos interpretativos, o autor defende práticas que valorizem a experiência estética, o compartilhamento das leituras e a formação de comunidades de leitores.

Na análise das crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, a atividade pode iniciar-se pela leitura integral dos textos, seguida de períodos de silêncio, suspense, registros dos conhecimentos prévios e círculos de conversa nas quais os estudantes possam expressar livremente os sentimentos, emoções, dúvidas e reflexões despertados pela leitura. Conforme estudo de Rouxel (2012), depois dessa etapa de relevância pedagógica e contribuição formativa da turma, torna-se pertinente aprofundar aspectos relacionados à construção literária, às metáforas, às estratégias narrativas e aos sentidos produzidos pela linguagem, valorizando e preservando o caráter humanizador da experiência literária.

ETAPA	OBJETIVO	PAPEL DO PROFESSOR	PAPEL DO ESTUDANTE
Leitura	Vivenciar a obra	Mediar a leitura	Ler livremente
Compartilhamento	Socializar sentidos	Escutar	Narrar suas impressões
Problematização	Ampliar interpretações	Questionar	Relacionar texto e vida
Sistematização	Compreender a construção literária	Articular teoria e texto	Reconhecer recursos literários
Produção	Ressignificar a experiência	Orientar	Escrever, criar e refletir

O quadro acima sintetiza a proposta metodológica e evidencia, de forma clara, o movimento “teoria + experiência + reflexão”, coerente com Rouxel (2012) que fala da possibilidade de modificar a relação com o texto construído em sala por meio da leitura mediada desenvolvendo uma didática da implicação do sujeito leitor na obra. Para Cosson (2011), o ensino de Literatura deve ser organizado por práticas de letramento literário que promovam o encontro efetivo entre o leitor e a obra, que o professor seja mediador, planeje situações que promovam a construção de sentidos, a participação ativa dos estudantes, sem reduzir os textos literários a exercícios de interpretação ou transmissão de conteúdos.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como propósito analisar as crônicas “Tu vais nos deixar morrer?” e “Chuva, chuvas”, de Éverton Santos, reunidas no e-book *Todas as Águas*, buscando compreender de que maneira a construção literária da metáfora da água favorece uma experiência de leitura marcada pela subjetividade, pela humanização e pela formação do sujeito leitor. Parte-se da compreensão de que a crônica, ao transformar acontecimentos cotidianos em matéria estética, constitui um espaço privilegiado para o encontro entre literatura, experiência e reflexão, ampliando as possibilidades de abordagem desse gênero no contexto escolar.

O diálogo constituído entre as crônicas e os referenciais teóricos, com destaque para Candido, Rouxel e Cosson possibilitou compreender a potência literária dessas narrativas não se concentra apenas na elaboração de imagens simbólicas, mas na capacidade de mobilizar o leitor como participante da experiência estética. Neste sentido, propôs-se, ao longo desse estudo, a categoria analítica “estética da indagação”, compreendida como modo de construção literária que privilegia a dúvida, a problematização e a abertura interpretativa como elementos da experiência de leitura da crônica. Assim, “para conhecê-la, é necessário compreendermos a obra do cronista em maior profundidade, buscando a transparência do subjetivo e pessoal (Bastos, 2019, p. 31). Diante desse suporte, pode-se notar que as crônicas de Éverton Santos convidaram o leitor a confrontar suas próprias memórias, afetos e concepções de mundo, confirmando a literatura como espaço de humanização e de produção de sentidos.

No campo do ensino da Literatura, as reflexões desenvolvidas apontam para a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a leitura como experiência estética e subjetiva, superando abordagens centra-

das exclusivamente na interpretação técnica ou na busca por respostas previamente legitimadas. Conforme Rouxel (2012, p. 281), não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetivável, mas de acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura, reafirmando, assim, que a literatura tem o poder de ampliar a capacidade de sentir, dialogar, interpretar e humanizar o mundo, mantendo-se de porta aberta para as diversas perguntas que nos formam como sujeitos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, D. R.; VASCONCELLOS, E. A crônica na perspectiva da representação documentária. **Memória e Informação**, v. 3, n. 1, p. 15-35, 4 jul. 2019.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Vários escritos**. 5. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: . **Vários escritos**. 5. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Edição. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, D. B. et al. Ler o Cotidiano com Olhos Literários: O Papel da Crônica no Letramento Literário. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 34, p. 1-26, 2026. ISSN: 2965-6672.

DALVI, MA. Literature in school: didactic-methodological proposals. In: DALVI, Maria Amélia; Rezende, Neide L. de; Jover-Faleiros. **Reading Literature in school**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97.

FREITAS, A. M. X. A importância do uso da literatura como recurso facilitador no processo de aprendizagem. **Perspectivas Sociais**, v. 6, n. 1, p. 98-110, 17 fev. 2021.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 20. Edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, Alexandre Jefferson. **Oficina de letramento: o gênero crônica na formação do leitor do texto literário**. Orientadora: Alana Driziê Gonzatti dos Santos. 2024. 276 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

RAMALHO, Christina. A literariedade da crônica de Rubem Braga. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 11, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1278>. Acesso em: 7 jul. 2026.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272–283, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/90>. Acesso em: 7 jul. 2026.

SANT’ANA, Cláudia Rodrigues de. **Do texto à tela: pesquisa-ação sobre leitura crônica tendo o curta-metragem como tradução**. 2022.256 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

SANTOS, Éverton. Tu vais nos deixar morrer? In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael. **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019, p.45-47.

SANTOS, Éverton. Chuva, chuvas. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael. **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019, p.48.

ENTRE VIVÊNCIAS: A PRESENÇA DA VIDA EM DUAS CRÔNICAS SERGIPANAS

Edimarks da Silva Menezes*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A água é para os peixes aquilo que o amor
chega a ser para tantos humanos*
– Éverton Santos

A crônica tem como característica ser um texto curto, a rigor produzido a partir das vivências cotidianas. Dessa forma, tem, por assim dizer, a ideia de texto de “vida breve”, logo que ao relatar a vida cotidiana, as coisas vão acontecendo rapidamente, perdendo a validade. Antonio Candido (2020) em seu texto “A vida ao rés-do-chão” pondera a crônica como gênero e reflete que vale “lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase.” (2020, p. 14), ou seja, em outras palavras o autor diz que a crônica aproxima das vivências comuns das pessoas, transmitindo uma visão mais aproximada da realidade, mais humana e menos grandiosa como os grandes textos solenes e heroicos.

Ainda, notamos que os escritores de crônicas como Machado de Assis, Clarice Lispector e Lima Barreto destaca as experiências concretas e os aspectos comuns vividos pela sociedade, logo podemos retomar

* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Membro temporário do GT 5 (Historiografia Épica), do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP - www.cimeep.com), mestrando pelo programa de pós-graduação em Letras (PPGL/UFS) com bolsa CAPES, E-mail: Edimarks07@outlook.com

a reflexão que o crítico literário, Candido (2020) fala sobre quebrar a monumentalidade, partindo disso, ao fugir dos aspectos monumental, a crônica traz forma e escrita literária com características próprias. Diante dessas rupturas é conferido “à crônica um caráter leve, comunicativo, breve e sem pretensões à imortalidade. Além disso, por versar sobre o cotidiano, a crônica sempre trouxe um quê de realidade que a distanciava da conhecida propriedade mimética dos textos literários.” (Ramalho, 2010, p. 361). Portanto, a crônica tende a não imitar a vida, mas relatar os próprios acontecimentos reais.

É comum vermos inúmeras informações sobre a crônica, sobretudo ao investigar nomes como Rubem Braga e Nelson Rodrigues que se dedicaram assiduamente à escrita de crônicas. Contudo vale pensar um pouco a respeito sobre a origem dessa palavra para, a partir disso, entendermos as diversas manifestações voltadas a caracterizá-la. Nesse sentido, cabe vislumbrar a afirmação de Araújo e Barbosa (2013) quando destacam que:

A palavra crônica é de origem latina, *Chronica*, e objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em tempo determinado e determinado tempo, possui um número reduzido de personagens, ou mesmo nenhum, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo. (Araújo; barbosa, 2013, p. 330).

Sob essa ótica, percebemos a singularidade da crônica, ao transformar algo corriqueiro em algo reflexivo, de humor ou crítico. Ademais, ao compararmos com o gênero literário conto, notamos características distintas. Por exemplo, no conto a presença dos elementos da narrativa que compõe a narração do gênero, diferentemente da crônica que os elementos são menos evidenciados. Dessa forma, podemos afirmar que a crônica “é um subgênero ou manifestação do gênero ensaístico que possui características próprias, compatíveis com sua história” (Ra-

malho, 2010, p. 361). Também é importante refletir sobre seu contexto histórico do seu aparecimento e a sua finalidade. Cito:

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que surgiu no início do século XIX na época da escola literária modernista a partir de publicações em folhetins, os quais tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época, mas tinha por principal finalidade distrair os leitores lhes proporcionando momentos de distração através da imaginação e reflexão sócio-crítica. (Araújo; Barbosa, 2013, p. 331).

Diante do que foi exposto anteriormente, notamos que esse caráter do corriqueiro vem da sua forma de publicação, pois, ao ser publicada em folhetins, sua propagação era diária, trazendo marcas dos acontecimentos nos textos. Logo, o teor reflexivo e cotidiano marcante na crônica pode ser algo positivo ao ensino de literatura nas escolas, visto que ao evidenciar fatos comuns os alunos podem se identificar com o texto literário abordado. Ademais, ao aproximar textos em que tenham semelhanças com narrativas vividas pelos alunos, eles podem sair da zona que pontua a literatura como “um mistério, cuja iniciação está fora de seu alcance. Não surpreende, portanto, que tomem a poesia como um amontoado de palavras difíceis e tenham dificuldades em distinguir a ficção de outros discursos de realidade” (Cosson, 2009, p. 11) pontua o crítico ao pensar sobre o ensino de literatura nas escolas. Dessa forma, no gênero crônica é cabível a perspectiva de atingir o leitor, seja por manter uma linguagem simples que é possível de maior conhecimento do público leitor ou por manter a vida e os acontecimentos comuns na sua base, assim ao falar sobre fatos que são vislumbrados pela sociedade o texto é representativo, pois não habita um lugar majestoso, mas habitual.

Sobre a literatura na sala de aula, Rildo Cosson pondera sobre práticas de ensino que transformam o texto literário em um objeto difícil de

compreender, pois na maioria das vezes os textos são distantes das diversas realidades dos discentes. Dessa forma, é necessário que a literatura seja próxima do aluno, ou seja, fugir de algo mecanizado que: “constitui-se em uma sequência enfadonha de autores, características de estilos de época e figuras de linguagem, cujos nomes tão-somente devem ser decorados independentemente de qualquer contexto” (Cosson, 2009, p. 11), fazendo que “a história do ensino de literatura há muito tempo remete a uma exclusão da leitura ou mesmo do leitor como sujeito” (Rouxel, 2012, p. 274). Ainda, “a subjetividade do leitor é deixada de lado em benefício da observação do jogo das formas, e esse fenômeno é ampliado pelos desvios tecnicistas tantas vezes denunciados, mas sempre em execução nas tarefas” (Rouxel, 2004, p. 129).

Annie Rouxel (2018) em seu texto “Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva”, ao refletir sobre a leitura mais próxima do leitor, afirma que “A leitura das obras literárias nos oferece ‘possibilidades de ser, das promessas de existência’, convidando-nos a vivê-los em nós mesmos; ela amplia nosso ser suscitando reações, emotivas e cognitivas, trazendo-nos a nós mesmos.” (Rouxel, 2018, p. 18). Logo, a experiência da leitura literária não deve ser algo engessado, técnico ou enfadonho como citado por Rildo Cosson anteriormente. Segundo a leitura da autora, a leitura tem que ser convidativa, algo que o leitor possa participar ativamente como construtor de sentidos e que possa completar e atualizar os significados presentes no texto.

Ainda nessa perspectiva, Iser (1979) fala sobre a leitura partindo da trinca autor-texto-obra. Para Iser, a leitura é um jogo dinâmico que pode variar em diversas formas, logo pensando sobre isso, o leitor participa ativamente do jogo, ao dizer que “o jogo não se ocupa do que poderia significar; o jogo não tem que retratar nada fora de si próprio. Ele permite que a inter-relação autor-texto-leitor seja concebida como uma

dinâmica que conduz a um resultado final” (Iser, 1979, p. 107). Desse modo, essa ótica casa perfeitamente com a leitura subjetiva proposta por Anne Rouxel (2018), visto que enquanto o leitor participa ativamente da leitura, ele traz outros significados para inúmeros signos que aparecem no texto, pois cada leitor traz consigo uma subjetividade própria carregada de experiências individuais e culturais.

Já Stuart Hall (2003) em “Codificação/decodificação” fala sobre como as ideias de um texto chegam, ao leitor. O estudioso afirma que “o ‘objeto’ de tais práticas é composto por significados e mensagens sob a forma de signos-veículos de um tipo específico, organizados, como qualquer forma de comunicação ou linguagem (Hall, 2003, p. 387), entretanto, os leitores que recebem esses códigos precisam decodificá-los e, para tanto, utilizam seu arcabouço de leituras e vivências que permitem olhar para determinado signo e entender a partir daquilo que já conhece. Correlacionando essa visão com a crônica, o leitor ao ler crônicas recebe, através do texto, códigos de acontecimentos vividos diariamente, mas é a partir de sua leitura de mundo que o signo é decodificado, assim a crônica traz acontecimentos cotidianos, mas que pode ser assimilado de diferentes formas pelos leitores.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como tema a representação da vida cotidiana em duas crônicas sergipanas presentes na obra *Todas as águas* (2019), organizada por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra. As crônicas de Daynara Côrtes e Éverton Santos são o corpus da pesquisa e da proposta para trabalhar em sala de aula, visto que as narrativas evidenciam experiências que despertam reflexões sobre a condição humana. O objetivo geral deste estudo é analisar como a vida cotidiana é representada nas duas crônicas selecionadas. Como objetivos específicos, buscamos propor possibilidades de utilização das narrativas no ambiente escolar, assim como também considerar a crônica como contribuição para a formação do leitor literário.

Para tanto, para alcançar esses objetivos, essa pesquisa tem como metodologia a natureza bibliográfica que discute as características da crônica, a recepção literária e o ensino de literatura. Para isso, o arcabouço literário apoia-se em Antonio Candido (2023), Christina Ramalho (2010), Wolfgang Iser (1979) e outros teóricos que deram sustentação às discussões sobre as formas de ler um texto literário. Dessa forma, o trabalho está estruturado da seguinte forma: Apresentação do e-book que traz informações sobre a organização dos textos e temática. Análise das crônicas evidenciando a presença da vida nos dois textos narrativos. E por fim, uma proposta de abordagem em sala de aula, mostrando uma possibilidade de trabalhar as crônicas em sala de aula. Esperamos, com essa pesquisa, ampliar as discussões acerca da análise literária do gênero crônica, assim como também demonstrar seu potencial pedagógico que favorece o diálogo com as vivências e a formação leitora dos alunos.

2. APRESENTAÇÃO DO E-BOOK *TODAS AS ÁGUAS*

O livro *Todas as águas* publicado em 2019 é organizado por Christina Ramalho, Ítalo Ramalho e Rafael Senra conta com 27 autoras e autores. A coletânea reúne escritores de diversas partes do mundo, congregando autores de diferentes estados brasileiros e estabelecendo uma travessia transatlântica ao incluir textos das escritoras cabo-verdianas Fátima Bettencourt e Vera Duarte. Além disso, a antologia de crônicas contempla a produção de oito escritoras e escritores sergipanos, evidenciando a riqueza e a diversidade da literatura produzida no estado. Ainda conta com as fotografias de Adèle Gaboreau e as Ilustrações de Rafael Senra.

A temática do livro é apresentada desde o título, *Todas as águas*, o que traz uma ideia de todas as nomenclaturas que são dadas a esse elemento: lágrima, água do banho, chuva, maré, os nomes são diversos,

assim “isto não é um livro: é uma porção de um universo líquido, leve e fluído; um verdadeiro arquipélago das palavras” diz Iasmim Ferreira (2019, p. 9) no prefácio. Assim como o líquido conecta todos seres terrestres, no livro, todas as crônicas são ligadas por esse tema maior, mesmo que, ao lermos, encontramos outros subtemas relacionados a que acontecimentos cotidianos como a seca, o trabalho, os problemas que aparecem na vida e até mesmo a própria vida.

Ao nos debruçarmos sobre todas as crônicas presentes no livro vimos como esse elemento vai além de uma representação física, mas pode ser lugar de memória, espiritualidade, transformação ou autoconhecimento como ocorre no texto de Aécio Silva Júnior ao mostrar como o banho podemos está liberto de julgamentos, logo é um lugar plural que assumimos inúmeros personagens como: “um cantor pop famoso ou um pirata a navegar” (Júnior, 2019, p. 11), ou ainda, “Pode-se falar alto, cantar, chorar, conversar consigo mesmo e até dançar” (Júnior, 2019, p. 11). Esse lugar rotineiro de contato com a água nos permite aproveitarmos não só para aflorar nossa criatividade, mas para mostrar que “A água do banho é divina, é libertadora, é benta” (Júnior, 2019, p. 11) e é também lugar que podemos refletir sobre quem somos.

Saindo a autorreflexão, a penúltima crônica do livro, texto escrito por Vera Duarte, traz uma reflexão sobre um grave problema social, a violência de gênero que afeta tanto Cabo Verde como o Brasil. A crônica de Vera, infelizmente, retrata algo atual, mesmo publicado em 2019 o crescimento de mortes de mulheres é algo visto não apenas na ficção, mas na realidade do mundo. Dessa forma, o livro aborda de forma central o líquido que perpassa por todos nós, diante disso, os autores criaram reflexões importantes que partem também do cotidiano das pessoas, tal qual, pois como o gênero crônica evidencia em sua essência.

2. ANÁLISES DAS CRÔNICAS

Os textos para as análises aqui propostas foram escolhidos a partir de uma perspectiva que faz ligação para além da água, a vida. A primeira crônica, “É ela a fonte da vida?”, é um texto de Daynara Côrtes, aracajuana, graduada em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e doutoranda pela mesma universidade. Já o segundo, “Tu vais nos deixar morrer”, é escrito pelo escritor Éverton Santos, também formado em Letras pela UFS e doutor pela mesma instituição, ambos são docentes que atuam no Ensino Básico. Os textos utilizam a água como forma para falar de vida, enquanto em uma crônica temos a presença de uma crítica social; na outra a vida se apresenta como uma questão de reflexão existencialista. Portanto, percebemos ambos que a água, elemento essencial para a vida, dá gatilho para pensarmos o direito à vida, seja coletivo ou individual.

2.1 “É Ela A Fonte Da Vida?”

A crônica “É ela a fonte da vida?”, ocupa quatro páginas do livro *Todas as águas*, nela, a autora apresenta a realidade de uma menina que vive em uma comunidade marcada pela escassez hídrica, mas não só por isso. A narrativa começa com um narrador onisciente acessando o pensamento da menina ao olhar a terra seca, o pensamento é o que dá nome ao título: “É ela a fonte da vida?” (Côrtes, 2019, p. 37). A questão é levantada a partir de uma plenária que houve no dia anterior no assentamento onde a menina morava juntamente com sua família. Era um momento de reivindicações dos direitos básicos para sobrevivência.

Diante das reverberações, a menina tomava consciência da situação em que os todos os assentados estavam passando: “Se é próprio da natureza, todos nós temos direito! Reivindicava ferozmente a falta de água” (Côrtes, 2019, p. 37). O questionamento revela a tomada de consciência da menina, visto que foi exposto que um recurso natural

estava sendo negado. O grau da crítica social presente na crônica se acentua no momento em que aparece a fala de um personagem: “Não temos água! Não temos a garantia da moradia! Não temos segurança!” (Côrtes, 2019, p. 37), a fala mostra que não era apenas a água que lhes faltava, mas também outros recursos essenciais para a existência das pessoas naquele local.

Ao pegar uma revista, a imagem do Rio São Francisco é projetada:

Percebeu que a capa retomava a história dos povos ribeirinhos nos arredores dos 2.830 km que compunham o Rio São Francisco. O mesmo rio percorria cidades repletas de gente à procura de água e gente que não tinha como preocupação a ausência dela. Tão iguais em necessidades. Tão diferentes em condições reais de vida. (Côrtes, 2019, p. 38)

O narrador aproxima o leitor do sentimento da menina, é possível começar a perceber sua capacidade reflexiva ao comparar duas situações diferentes, mas ligadas pela mesma necessidade: a sobrevivência. As pessoas banhadas pelo rio não sentiam a mesma preocupação das pessoas que necessitavam do recurso que era ausente. Ao deitar, a menina reflete sobre as pessoas da comunidade, e sobre o fato de que mesmo com a ausência do recurso essencial, havia a presença de afeto entre os iguais, no outro dia, na escola nasce seu texto “A água e o companheirismo como fontes da vida” (Cortês, 2019, p. 40).

Em termos estruturais, notamos a presença de algumas figuras de linguagem na crônica de Daynara Côrtes. A autora utiliza esses recursos não só para construir sua crítica social, mas também para criar uma voz poética. A metáfora aparece logo nos primeiros parágrafos, em “consciência aos poucos construída e tomando as formas de um pássaro pronto para alçar voo” (Cortês, 2019, p. 38). Evidentemente, a cons-

ciência da menina não é literalmente um pássaro, mas a autora usa a metáfora para dizer que está havendo um amadurecimento que liberta a criança. A figura de linguagem é utilizada também em outro ponto ao dizer que “formar um mar de gente” (Cortês, 2019, p. 38). Nesse caso, o recurso cria uma imagem de imensidão de pessoas, relacionando a tamanho do mar. Por fim, outra metáfora presente é no momento em que o narrador fala “a revista acompanhou os cadernos que preenchiam a sua mochila repleta de sonhos” (Côrtes, 2019, p. 40), entendemos que os sonhos não são algo físico, mas adentra a mochila da menina como símbolo de projetos e esperanças.

Em síntese, a crônica “É ela a fonte da vida?” ultrapassa uma discussão focada apenas na escassez da água. O texto constrói uma reflexão acerca das desigualdades sociais, realçando a resistência coletiva. Notamos, ainda, que o narrador onisciente nos permite a experiência de acessar os pensamentos de uma criança, assim, temos o símbolo de uma ingenuidade, que ao mesmo tempo se incomoda com a falta de recursos essenciais. Outrossim, a autora demonstra que não só que água é essencial, mas o companheirismo é algo que deve ser regado como nos mostra a crônica.

2 “TU VAIS NOS DEIXAR MORRER?”

A crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos traz, logo de início um questionamento sobre a vida, e igualmente ao texto tratado anteriormente, é intitulada com uma pergunta que faz o leitor pensar sobre a vida em suas primeiras linhas de leitura. O narrador em primeira pessoa conta sua experiência de refletir sobre os peixes recém-pescados: “percebi que alguns ainda estavam vivos, frescos, e senti como uma falta de ar: aqueles peixes pediam água” (Santos, 2019, p. 45). Notamos que o “ar” que faltava para os peixes era o elemento água, o que sugere uma comparação entre o elemento ar e a vida.

A água é mostrada como algo primordial para a vida dos peixes que ainda estavam vivos, na crônica ressalta isso mostrando que falta dela para animais aquáticos ocasionaria na morte, o que faz o personagem penar que estava negando-os “dar o último suspiro” (Santos, 2019, p. 45). A experiência de pegar os peixes é apenas o pontapé para um questionamento introspectivo sobre a vida, sobre os inúmeros momentos do personagem ter pescado tantos outros peixes. A reflexão torna-se ainda mais profunda, levando o narrador a se perguntar sem o que ele não conseguiria viver. Vejamos:

A água era essencial para os peixes, e o que era de tal importância para mim? Sem o que eu não viveria? Será que, assim como aquela palha que unia os animais na hora da morte, estaria eu ligado a algo, a alguém, de forma que, sem isso, eu também fosse definhar até o silêncio do fim? O que há em cada momento vivenciado que me mantém de pé, dando-me suporte para que o vazio não me absorva? (Santos, 2019, p. 46)

Notamos que nesse momento, é levantadas inúmeras perguntas, notamos que, nesse momento, o foco deixa de ser a vida dos peixes com algo físico, passando a se tornar algo existencialista, ou seja voltando o pensamento para dentro de si e os questionamento perante a vida. Logo, percebemos que a água, ou a falta dela para os peixes é o elemento desencadeador que leva ao pensamento sobre sua própria vida, levando a pensar como cada pessoa carrega seu ponto fraco. Ainda, o narrador algo fundamental para a sobrevivência humana, “a água é para os peixes aquilo que o amor chega a ser para tantos humanos. Assim como o trabalho, a casa, a família, o ego que se satisfaz em si mesmo.” (Santos, 2019, p. 46), ou seja, o narrador afirma que o amor é essencial para humanos, mas não só, o texto mostra que o ser humano depende de inúmeros fatores para se manter vivo.

Notamos, ainda, que a cena se passa fisicamente em um espaço corriqueiro; a casa do narrador. Diferentemente da primeira crônica que a menina percorre diversos espaços, nessa, o tempo-espaço discorre na mente do narrador, evidenciando um plano filosófico e psicológico que chega a evocar os pensamentos de Sócrates, a mitologia grega com Prometeu e as reflexões machadianas.

Ao fim da crônica temos a frase que marca o desfecho “enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se debater” (Santos, 2019, 47). O fim da crônica mostra que a morte venceu, mas, sobretudo, mostra que a experiência transformou e colocou o personagem-narrador para pensar sobre a vida e no quanto os seres humanos são vulneráveis.

3. PROPOSTA DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

As crônicas podem ser um excelente texto para trabalhar em sala de aula, sobretudo por trazer elementos que na maioria das vezes é comum aos leitores, dessa forma, também, fazendo relação com as subjetividades dos alunos e propondo uma leitura que possa ser atualizada a partir dos arcaísmos presentes. Partindo desse viés, é possível trabalhar as duas crônicas analisadas, sumariamente, como proposta de aula para os discentes, nesse caso uma proposta para o 9º ano do Ensino Fundamental.

3.1 “É Ela A Fonte Da Vida?”

A crônica “É ela a fonte da vida?”, de Daynara Côrtes, já em seu título traz um questionamento que pode ser respondido a partir da subjetividade dos alunos. Dessa forma, a proposta de aula para essa crônica visa promover uma leitura subjetiva que incentive os estudantes a relacionarem o texto narrativo com suas experiências. Em um primeiro momento o professor deverá escrever uma pergunta no quadro: “qual é

sua fonte de vida?”, após isso, os alunos responderão com diversas respostas pessoais que trará perspectivas sobre o que é fundamental para a vida de uma pessoa.

Ademais, o texto deve ser compartilhado para todos os aulas, após isso o professor deverá fazer a leitura da crônica em voz alta para que todos conheçam as entonações necessárias. Os alunos poderão levantar opiniões e vivência a partir de perguntas norteadoras do professor, dentre elas: Vocês vivem em um lugar com muita água?; Qual a quantidade de água que você acha que sua casa gasta?; Vocês já viram o Rio São Francisco?; Já imaginaram viver sem água?; O que vocês fariam em uma situação que de falta de água?; Como vocês responderiam o título, “É ela a fonte da vida?”?; Como você imaginaram a paisagem do local da crônica?; Essas perguntas seriam o ponto de partida para que os alunos colocassem suas subjetividades durante a discussão do texto.

Ainda, como tarefa para casa, o professor poderá incentivar os alunos a investigarem os gastos de água em sua moradia. Sendo assim, teriam como tarefa, durante uma semana observar como a água está presente em seu dia a dia e quais são as medidas tomadas para que não haja desperdício. Retornando na semana seguinte, o professor deverá colocar em seu quadro o questionamento: “Como você cuida de sua fonte de vida?”

3.2 “Tu Vais Nos Deixar Morrer?”

A crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, de Éverton Santos também pode proporcionar uma experiência de leitura em que os alunos possam construir significados partindo de suas histórias e maneiras como veem a vida. Para essa aula sugere-se que o professor mostre uma imagem de peixes fora da água para os alunos, podendo também escrever

no quadro a frase: “peixe fora da água”. Após a escrita ou a exposição da imagem o professor deverá perguntar aos alunos: “qual elemento que vocês acham que ninguém consegue viver sem?”. Haverá inúmeras respostas vindo dos alunos, mas o professor irá se encaminhar em fazer a leitura da crônica.

No caso da crônica “Tu vais nos deixar morrer?”, o próprio texto traz questionamentos que podem ser levantados e respondidos a partir das vivências dos discentes. Algumas perguntas presente no texto são: “a água era essencial para os peixes, e o que era de tal importância para mim?”; “Sem o que eu não viveria?”; “E onde o ânimo para recomeçar?”; “substituir algo fundamental quando de nós é retirado?”; “Teremos mais sorte que os peixes?”. Essas perguntas podem ser aproveitadas para a conversação, entretanto, poderá intercalar ou substituir com perguntas como: “Qual seu sentimento ao ler a crônica?”; “Você já teve a experiência de pescar?”; “O que representa a água para você?”; “Qual imagem apareceu em sua memória durante a narrativa?”; “O que os peixes diriam se pudessem falar?”; “Você conhece os textos que o narrador cita no final da crônica?”.

No final, o professor poderá sugerir aos alunos refaçam o final da crônica adicionando elementos das suas vivências como local onde mora, um aquário, um lago, outros personagens ou algo que eles queiram. Outra possibilidade é os alunos trocarem os personagens que aparecem no texto por algum que eles conheçam, visto que na crônica de Éverton Santos parecem Sócrates, Prometeu e uma citação a Machado de Assis, evidenciando que esses autores são canônicos, mas quem da vivência dos alunos poderiam aparecer no texto?. Portanto, a crônica permite diversas formas de ser trabalhada, mas saindo um pouco da perspectiva de apenas ver o texto, o aluno poderá participar da significação de sentido, mas também construir sentido a partir de sua imaginação e das experiências que vive em sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusivamente, evocamos o pensamento de Antonio Candido (2011) ao dizer que “nas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação” (Candido, 2011, p. 177), ou seja, os textos literários são formas pujante de educar e instruir os alunos. Como vimos o gênero crônica pode ser trabalhado com os alunos de forma em que eles participem ativamente, não só da leitura, mas da significação dos elementos presentes adotados pelos autores.

No livro *Todas as águas* (2019) vislumbramos como, partindo de um mesmo tema cada um dos dois escritores escreveram coisas diferentes. Enquanto Daynara Côrtes aponta para a crítica social em sua crônica, Éverton Santos fala sobre o existencialismo, fazendo o leitor pensar nas suas ações. Dessa forma, os alunos que lerem esses textos podem inferir diferentes coisas, visto que o mesmo código pode ser decodificado de formas diferentes por pessoas diversas, como aponta Stuart Hall (2003). Diante disso, ao trabalhar a crônica e a possibilidade dos alunos interpretar ativamente, não apenas esperarem a interpretação do professor, a aula renderá inúmeras significações, inclusive atualizando aquilo que já era tido como significado pelo professor.

A crônica pode ser também uma ferramenta que escape, enquanto ensino, daquilo que pontua Rildo Cosson (2009) sobre as formas mecanizadas sobre o ensino de literatura. Ao permitir que o aluno contribua com suas experiências, dialoga com o que Anne Rouxel (2018), a leitura subjetiva, logo o discente contribui com suas emoções e o texto o convida para recodificar aquilo que é significado para determinado leitor. Dessa forma, ao fazer uma leitura subjetiva das crônicas, o aluno-leitor consegue ponderar sobre suas relações com o mundo e se sentir representado no texto e na discussão durante a aula.

Por fim, este trabalho conta com uma sessão de apresentação do e-book que traz uma pequena explanação sobre como é composto o livro, evidenciando, por meio de trechos, a temática abordada pelas crônicas do livro. A segunda sessão conta com as análises das crônicas escolhidas para esse trabalho, “É ela a fonte da vida?” e “Tu vais nos deixar morrer?”, e por último, uma proposta de abordagem em sala de aula dos textos analisados, pensando em aulas que os alunos possam dar significados aos textos partindo de sua subjetividade. Ademais, esperamos que esse trabalho possa favorecer as práticas de leitura, sobretudo estimulando a participação ativa dos estudantes, assim como o diálogo entre o texto e suas vivências.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

ARAÚJO, Cristiane Menezes de; BARBOSA, Sara Rogéria Santos. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. **Interdisciplinar**, Itabaiana, v. 17, edição especial ABRALIN/SE, p. 325-341, jan./jun. 2013.

CÔRTEZ, Daynara. É ela a fonte da vida? In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**: crônicas. 1. ed. Natal, RN: Lucgraf, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009. HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 387-404.

ISER, Wolfgang. **O jogo do texto**. In: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

RAMALHO, Christina. **A literariedade da crônica de Rubem Braga**. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura, Itabaiana, ano 5, v. 10, p. 361-376, jan./jun. 2010.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**: crônicas. 1. ed. Natal, RN: Lucgraf, 2019.

ROUXEL, Annie. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Brasília, n. 35, p. 18-25, 2018.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, jan./abr. 2012.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, jan./abr.

SANTOS, Éverton. Tu vais deixar morrer? In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**: crônicas. 1. ed. Natal, RN: Lucgraf, 2019.

A CRÔNICA NO E-BOOK *TODAS AS ÁGUAS*: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO

*Joice Sales Santos**

1. INTRODUÇÃO

A literatura desempenha um papel fundamental na formação humana, pois possibilita ao leitor ampliar sua compreensão acerca da realidade, desenvolver a sensibilidade estética e construir diferentes formas de interpretar o mundo. Nesse contexto, a crônica ocupa lugar de destaque na literatura brasileira por abordar acontecimentos cotidianos sob uma perspectiva crítica, poética, humorística ou reflexiva. Embora tenha origem no espaço jornalístico, esse gênero consolidou-se como uma importante manifestação literária, sendo reconhecido por sua linguagem simples, pela brevidade e pela capacidade de transformar situações comuns em experiências significativas para o leitor.

Segundo Candido (1992), a crônica representa um gênero que se aproxima da experiência cotidiana e do leitor comum, estabelecendo uma relação de intimidade por meio de temas aparentemente simples, mas carregados de significados. Da mesma forma, Davi Arrigucci Jr. (1987) destaca que a crônica possui uma natureza híbrida, transitando entre o jornalismo e a literatura, característica que amplia suas possibilidades de leitura e interpretação.

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola Municipal Zózimo Lima, Capela, SE. Graduada em Letras Português pela UNIT e em Pedagogia pela Unijales. Atua como professora da educação básica na rede municipal de Capela/SE. E-mail: joicysalles@hotmail.com.

No ambiente escolar, o trabalho com a crônica revela-se especialmente relevante por favorecer o desenvolvimento da competência leitora, da interpretação crítica e da produção textual. Em razão de sua linguagem acessível e da proximidade com situações vivenciadas pelos estudantes, esse gênero torna-se um importante instrumento para aproximar os alunos da literatura, rompendo com a ideia de que os textos literários são distantes da realidade cotidiana. Além disso, a leitura de crônicas estimula a observação, o senso crítico, a criatividade e o diálogo entre diferentes experiências sociais. Estudos voltados ao ensino da crônica ressaltam que esse gênero constitui uma ferramenta eficaz para promover práticas de leitura significativas, possibilitando a formação de leitores mais autônomos e reflexivos.

O e-book *Todas as águas* insere-se nessa perspectiva ao reunir crônicas que exploram experiências humanas, memórias, afetos, questões sociais e diferentes formas de perceber o cotidiano. A obra apresenta textos marcados pela sensibilidade narrativa e pela valorização das pequenas experiências da vida, convidando o leitor a refletir sobre temas universais a partir de situações aparentemente simples. Sua diversidade temática possibilita múltiplas interpretações, tornando-a um material significativo tanto para a leitura literária quanto para práticas pedagógicas voltadas ao ensino de literatura.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar três crônicas do e-book *Todas as águas*, considerando seus aspectos temáticos, linguísticos e literários, além de discutir suas contribuições para a formação do leitor. Complementarmente, propõe-se uma estratégia de abordagem em sala de aula que favoreça a leitura crítica, a interpretação textual e a produção de novas crônicas pelos estudantes, aproximando a literatura das experiências vividas no cotidiano escolar.

2. A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE LITERATURA

A crônica ocupa um espaço singular na literatura brasileira por estabelecer um diálogo constante entre o cotidiano e a experiência humana. Embora tenha surgido vinculada aos jornais, consolidou-se, como um gênero literário autônomo, capaz de transformar acontecimentos comuns em narrativas permeadas por sensibilidade, crítica social, humor, lirismo e reflexão. Sua linguagem acessível e sua extensão reduzida favorecem uma leitura dinâmica, sem perder a profundidade das questões abordadas.

Segundo Sá (1985), a crônica caracteriza-se pela capacidade de registrar os pequenos acontecimentos da vida cotidiana, atribuindo-lhes novos significados por meio da subjetividade do cronista. O autor destaca que esse gênero não busca apenas informar, mas interpretar a realidade sob um olhar sensível, aproximando o leitor das experiências humanas mais simples e, ao mesmo tempo, mais universais.

Candido (1992), por sua vez, considera a crônica um gênero que humaniza a literatura justamente por aproximá-la da vida comum. Para o crítico, a aparente simplicidade da crônica esconde uma elaboração estética que permite ao leitor refletir sobre diferentes aspectos da sociedade sem recorrer a discursos excessivamente complexos. Essa característica explica, em grande medida, a permanência da crônica entre os gêneros mais apreciados pelos leitores brasileiros.

Na mesma perspectiva, Arrigucci Jr. (1987) afirma que a crônica possui natureza híbrida, transitando entre o texto jornalístico e o literário. Essa condição permite ao cronista dialogar com fatos concretos e, simultaneamente, construir interpretações marcadas pela subjetividade, pela memória e pela imaginação. Assim, a crônica ultrapassa o registro fac-

tual para alcançar um caráter artístico que amplia suas possibilidades de leitura.

Outro aspecto relevante desse gênero é sua diversidade temática. As crônicas podem abordar acontecimentos históricos, relações familiares, experiências urbanas, lembranças da infância, questões políticas, problemas ambientais e inúmeros outros assuntos presentes na realidade social. Essa amplitude faz com que diferentes leitores encontrem pontos de identificação com os textos, favorecendo a construção de sentidos a partir de suas próprias vivências.

No contexto educacional, a crônica apresenta grande potencial pedagógico. Sua linguagem acessível contribui para o desenvolvimento da leitura literária, especialmente entre estudantes que ainda estão construindo o hábito da leitura. Além disso, por tratar de situações próximas da realidade dos alunos, esse gênero desperta interesse e estimula a participação em discussões, interpretações e produções textuais.

Ao discutir o ensino de literatura, Cosson (2021) ressalta que a leitura literária deve proporcionar experiências estéticas capazes de ampliar a compreensão que o estudante possui de si mesmo e do mundo. Para o autor, a escola deve favorecer práticas de leitura que ultrapassem a simples identificação de informações presentes no texto, promovendo interpretações críticas e a construção de significados pelos leitores.

Nessa mesma direção, Zilberman (2009) argumenta que o ensino de literatura precisa formar leitores autônomos, capazes de dialogar criticamente com os textos e relacioná-los às diferentes experiências sociais e culturais. A autora destaca que a literatura exerce importante função na formação cidadã, pois desenvolve a imaginação, a empatia e a reflexão sobre a realidade.

As orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reforçam a importância do trabalho com diferentes gêneros literários na escola, entre eles a crônica. O documento propõe práticas de leitura, interpretação, oralidade e produção textual que favoreçam a formação do leitor crítico, valorizando tanto os aspectos estéticos quanto os contextos históricos, culturais e sociais das obras literárias (BRASIL, 2018).

Nesse cenário, a utilização de crônicas em sala de aula constitui uma estratégia significativa para aproximar os estudantes da literatura. Além de possibilitar debates sobre temas contemporâneos, esse gênero favorece atividades de leitura compartilhada, análise de linguagem, identificação de recursos expressivos, produção escrita e reflexão sobre diferentes perspectivas da realidade. Dessa forma, a crônica contribui para o desenvolvimento das competências leitoras e para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e participativos.

2.1 Apresentação do e-book *Todas as águas*

O e-book *Todas as águas* (2019) é uma coletânea de crônicas organizada por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra. A obra reúne textos de 28 autores brasileiros e cabo-verdianos, que exploram diferentes dimensões da experiência humana por meio de narrativas breves, marcadas por linguagem sensível e por um olhar atento ao cotidiano. As crônicas abordam temas como memória, identidade, afetividade, questões sociais, natureza e relações humanas, tendo a água como eixo simbólico que conecta as diferentes narrativas.

Um dos aspectos que mais se destaca na obra é a capacidade de transformar situações corriqueiras em reflexões que dialogam com diferentes leitores. As narrativas valorizam a observação do cotidiano, os sentimentos humanos e as múltiplas formas de compreender o mundo, característica típica da tradição da crônica brasileira.

A organização do e-book permite uma leitura fluida, em que cada texto apresenta relativa autonomia, mas, ao mesmo tempo, dialoga com os demais por meio de temas recorrentes, como memória, tempo, solidariedade, pertencimento e relações humanas. Essa estrutura favorece tanto a leitura individual quanto o desenvolvimento de atividades pedagógicas, possibilitando que diferentes crônicas sejam exploradas conforme os objetivos de aprendizagem.

Sob a perspectiva educacional, *Todas as águas* oferece um material bastante pertinente para o ensino de literatura, uma vez que seus textos apresentam linguagem acessível sem abrir mão da riqueza estética. As crônicas possibilitam diferentes níveis de interpretação, incentivam o debate coletivo e aproximam os estudantes de questões presentes em seu cotidiano, contribuindo para o desenvolvimento da leitura crítica e da formação literária.

Além disso, a diversidade temática da obra permite estabelecer diálogos com diferentes componentes curriculares, favorecendo propostas interdisciplinares que relacionem literatura, história, geografia, filosofia, sociologia e temas contemporâneos, ampliando as possibilidades de aprendizagem em sala de aula.

A crônica “Carcará de terno”, de Aécio Silva Júnior, utiliza a figura simbólica do carcará para construir uma crítica social às desigualdades históricas presentes no sertão nordestino. Embora o texto se inicie com uma descrição aparentemente voltada à ave de rapina, percebe-se rapidamente que o autor emprega a metáfora do animal para representar indivíduos que exploram a vulnerabilidade alheia em benefício próprio.

Conforme Silva Junior (2019, p. 16) assim como essa fome obriga os animais indefesos a saírem de suas tocas na capoeira e se tornarem

presas fáceis, também a necessidade das famílias pobres as forçam a se auto-sabotarem, o que é prato cheio para o carcará político.

O trecho evidencia uma forte crítica às desigualdades sociais e aos mecanismos de exploração política presentes em contextos de vulnerabilidade. Ao estabelecer uma comparação entre os animais enfraquecidos pela fome e as famílias pobres, Silva Junior (2019) demonstra que a privação de condições básicas compromete a autonomia dos indivíduos, tornando-os mais suscetíveis à manipulação e à dependência. A metáfora do “carcará político” representa agentes que se beneficiam da miséria alheia para manter relações de poder, perpetuando práticas assistencialistas e clientelistas. Dessa forma, a crônica ultrapassa a dimensão literária e assume um caráter de denúncia social, levando o leitor a refletir sobre como a pobreza e a exclusão podem ser utilizadas como instrumentos de dominação política.

Logo no início, o cronista caracteriza o carcará como um ser “lutador e resistente”, mas também como um oportunista que “se alimenta da fome”. Essa construção rompe com a imagem tradicional da ave apenas como símbolo da resistência do sertão e lhe atribui um significado político e social. O predador deixa de ser apenas um elemento da fauna nordestina para representar aqueles que se fortalecem diante da miséria dos mais pobres.

A descrição da seca ultrapassa o aspecto geográfico e assume uma dimensão poética. Ao afirmar que “os pingos de chuva são reles lágrimas de uma nuvem”, o autor personifica os elementos da natureza, atribuindo sentimentos à chuva, ao vento e ao sol. Essa personificação intensifica a dramaticidade da narrativa e evidencia a dureza da vida sertaneja, em que até mesmo a natureza parece conspirar contra os habitantes. O cenário árido transforma-se, assim, em metáfora da exclusão social e do abandono histórico enfrentado pela população do semiárido.

Outro aspecto significativo é a crítica às estruturas de poder. Quando o narrador afirma que “os poderosos ‘donos’ há tempos atrás são também carcarás”, estabelece uma associação direta entre a ave predadora e aqueles que, historicamente, concentram riqueza, terra e poder político. O título da crônica, “Carcará de terno”, reforça essa ideia ao sugerir que os verdadeiros predadores nem sempre possuem garras ou penas, mas podem vestir roupas sociais, ocupar cargos de liderança e exercer poder econômico ou político. O terno simboliza respeitabilidade e autoridade, enquanto o comportamento permanece marcado pela exploração dos mais vulneráveis.

A linguagem empregada combina elementos literários e regionais. O autor utiliza descrições imagéticas, metáforas, personificações e um vocabulário que remete ao universo sertanejo, aproximando o leitor da paisagem da caatinga. Expressões como “marrom o cinza-pedra da caatinga”, “terra sem pai” e “verde louro” produzem imagens sensoriais que enriquecem a narrativa e reforçam sua dimensão estética.

Além da crítica social, a crônica convida o leitor à reflexão sobre as relações entre natureza, pobreza e desigualdade. A seca não é apresentada apenas como um fenômeno climático, mas também como consequência da ausência de políticas públicas e da manutenção de estruturas sociais excludentes. Dessa forma, o texto amplia seu alcance ao discutir questões históricas que ainda marcam a realidade do Nordeste brasileiro.

No contexto do ensino de literatura, a crônica apresenta grande potencial pedagógico. Ela permite o desenvolvimento de atividades interdisciplinares envolvendo Literatura, História, Geografia e Sociologia, promovendo discussões sobre o bioma Caatinga, os impactos das secas, a concentração fundiária, o coronelismo, a desigualdade social e a construção de símbolos na literatura brasileira. Além disso, possibilita a

análise de recursos expressivos, como metáfora, personificação, ironia e linguagem figurada, contribuindo para o desenvolvimento da leitura crítica e da interpretação textual.

Assim, “Carcará de terno” demonstra como a crônica ultrapassa o simples relato do cotidiano para transformar elementos da realidade em instrumentos de denúncia e reflexão social. A partir da figura simbólica do carcará, Aécio Silva

Júnior evidencia que, muitas vezes, os maiores predadores não pertencem à fauna do sertão, mas às estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a exclusão social.

Na crônica “Com a boca cheia d’água”, Ana Santana Souza transforma uma experiência comum o desejo despertado pela comida em uma reflexão sensível sobre memória, identidade e afetividade. A partir de uma linguagem leve e próxima do leitor, a autora demonstra como os alimentos ultrapassam sua função biológica e tornam-se elementos capazes de despertar lembranças, sentimentos e vínculos com a história de vida de cada indivíduo.

Segundo Souza (2019, p. 20), “o erotismo das águas da boca é da ordem da comida. Se juntar a fome com a vontade de comer, então, o desejo e o prazer, condições do erótico, se instalam, daí as enchentes que falei há pouco”.

Desde o início do texto, a cronista estabelece um diálogo direto com o leitor ao convidá-lo a imaginar a sensação de chegar em casa após uma manhã de fome e encontrar seu prato preferido. Essa estratégia aproxima o público da narrativa e desperta experiências compartilhadas, tornando a leitura mais envolvente. O uso de perguntas, como “Todo mundo tem um prato na lembrança. O seu qual é?”, cria um efeito de interação

que estimula a memória e a participação do leitor na construção dos sentidos do texto.

Um dos principais temas da crônica é a memória afetiva. A autora evidencia que determinados sabores e aromas permanecem vivos na lembrança, mesmo com o passar dos anos. Ao mencionar a farofa d'água com carne de sol, a galinha caipira e as comidas típicas do período junino, o texto valoriza práticas culturais e culinárias que fazem parte da identidade nordestina. Assim, a alimentação é apresentada não apenas como necessidade física, mas como patrimônio cultural e elemento de pertencimento.

Outro aspecto relevante é o emprego da expressão “encher a boca d'água”, utilizada tanto em seu sentido literal quanto figurado. A autora explora esse recurso para associar o ato fisiológico da salivação às emoções despertadas pelas lembranças da infância. A água, presente no título da obra e da crônica, adquire um significado simbólico, representando vida, emoção, memória e desejo, ampliando as possibilidades de interpretação do texto.

A linguagem utilizada caracteriza-se pela oralidade, pela simplicidade e pela espontaneidade, marcas tradicionais da crônica brasileira. Expressões populares, como “desjejum pobre de marré”, aproximam a narrativa do cotidiano e conferem autenticidade ao texto. Ao mesmo tempo, essa escolha linguística reforça a identidade cultural da autora e valoriza a diversidade das formas de expressão da língua portuguesa.

Sob o ponto de vista literário, a crônica demonstra que acontecimentos aparentemente simples podem revelar aspectos profundos da experiência humana. A comida deixa de representar apenas alimentação e passa a simbolizar afeto, convivência familiar, tradição e memória. Dessa maneira, a autora evidencia que as lembranças mais significativas da vida muitas vezes estão associadas aos pequenos gestos do cotidiano.

Na crônica “Das águas que fartam”, Ana Santana Souza utiliza a metáfora da água para construir uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais, a exclusão histórica do povo nordestino e a importância das políticas públicas para a transformação da realidade. Embora o texto tenha como ponto de partida a seca característica do sertão, a autora desloca o significado da água para um plano simbólico, atribuindo-lhe sentidos relacionados ao acesso à educação, ao trabalho, à cidadania e à inclusão social. Dessa forma, a água deixa de representar apenas um recurso natural indispensável à sobrevivência para tornar-se um símbolo das oportunidades que possibilitam o desenvolvimento humano.

Ao longo da narrativa, a autora recupera a memória coletiva do Nordeste, marcada pelos longos períodos de estiagem, pela migração forçada e pela exploração política da população sertaneja. A seca é apresentada não apenas como um fenômeno climático, mas também como instrumento historicamente utilizado para manter relações de dependência entre a população e as elites locais. Nesse contexto, a crônica denuncia o chamado “coronelismo” e a “indústria da seca”, evidenciando como a escassez de recursos foi utilizada, durante décadas, para fortalecer práticas clientelistas e perpetuar desigualdades sociais.

Entretanto, a narrativa rompe com a visão fatalista frequentemente associada ao sertão. A autora demonstra que as mudanças sociais não ocorreram em razão da alteração das condições climáticas, mas pela implementação de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades. Nesse sentido, a expressão “chover no futuro”, inspirada na obra de Manoel de Barros, representa metaforicamente a chegada de oportunidades capazes de modificar a vida da população nordestina. Programas sociais, expansão da educação pública, criação de institutos federais, universidades, cisternas e outras ações governamentais são apresentados como novas formas de “água”, responsáveis por ir-

rigar o desenvolvimento social e ampliar as perspectivas de futuro das populações historicamente marginalizadas.

Outro aspecto relevante da crônica é a valorização da educação como elemento transformador. A autora afirma que as formaturas representam verdadeiras “chuvas de futuro”, pois simbolizam a possibilidade de mobilidade social e rompimento do ciclo da pobreza. Ao destacar a presença crescente de filhos de trabalhadores nas instituições de ensino superior, a narrativa evidencia que o acesso à educação modifica não apenas a realidade individual, mas também fortalece a identidade coletiva e a esperança de comunidades inteiras.

Sob o ponto de vista literário, Ana Santana Souza emprega uma linguagem marcada pela oralidade, característica recorrente da crônica contemporânea, aproximando o leitor da realidade retratada. O uso de expressões regionais, referências culturais nordestinas, músicas populares, obras literárias e acontecimentos históricos confere autenticidade ao texto e reforça seu caráter crítico. Além disso, a autora utiliza constantemente metáforas relacionadas à água para estabelecer conexões entre elementos naturais e questões sociais, produzindo uma narrativa sensível, poética e politicamente engajada.

Souza (2019, p. 26), “mas as coisas mudaram de rumo. Não que a natureza tenha se apiedado do povo e desistido de rachar o chão”. Que nada! Seca, no sertão, é parte da gente, como dente, rim, olho ou outro órgão qualquer, só que doente. O trecho evidencia que a seca é apresentada como uma realidade permanente do sertão, integrando a experiência histórica e cultural de seus habitantes.

Entretanto, Souza (2019) demonstra que os principais desafios enfrentados pela população não decorrem apenas da natureza, mas também das desigualdades sociais e da ausência de políticas públicas eficazes.

Assim, a autora convida o leitor a compreender que a convivência com a seca é possível quando existem investimentos em educação, inclusão social e desenvolvimento regional, rompendo com a visão determinista que associa o sertão apenas à miséria e à escassez.

Assim, “Das águas que fartam” ultrapassa a descrição da seca nordestina para discutir temas como justiça social, cidadania, memória, educação e inclusão. A crônica evidencia que as maiores secas enfrentadas pela população não são apenas aquelas provocadas pela ausência de chuvas, mas também aquelas decorrentes da falta de oportunidades, do abandono estatal e das desigualdades sociais. Nesse sentido, a obra convida o leitor a compreender que o verdadeiro desenvolvimento depende da garantia de direitos fundamentais, capazes de fazer “chover” dignidade, conhecimento e esperança para todos.

3. AS CRÔNICAS NA SALA DE AULA

Em especial, a crônica “Carcará de terno”, de Aécio Silva Júnior, revela como elementos da fauna e da paisagem nordestina podem assumir significados simbólicos para representar relações de poder, desigualdade e exploração social. A metáfora do carcará ultrapassa a descrição de uma ave típica da caatinga e passa a representar indivíduos e estruturas que se beneficiam da vulnerabilidade dos mais pobres. Dessa forma, o texto promove uma reflexão sobre problemas históricos ainda presentes no sertão brasileiro, como a concentração de poder, a exclusão social e os efeitos da seca sobre a população.

Além de seu valor estético, a crônica apresenta significativo potencial pedagógico. Sua linguagem acessível, aliada à profundidade das questões abordadas, favorece o desenvolvimento da leitura literária, da interpretação crítica e da produção textual. O trabalho com esse gênero em sala de aula permite que os estudantes estabeleçam relações entre

literatura, realidade social e experiências pessoais, fortalecendo a formação de leitores autônomos e participativos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância do trabalho com diferentes gêneros discursivos no ensino de Língua Portuguesa, enfatizando práticas de leitura que promovam a análise crítica, a interpretação de múltiplos sentidos e a produção de textos em diferentes contextos comunicativos (BRASIL, 2018). Nesse contexto, a crônica apresenta grande potencial didático por reunir características literárias e jornalísticas, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de leitura, análise linguística e reflexão sobre temas contemporâneos.

Além do desenvolvimento das competências linguísticas, as crônicas favorecem a formação ética e cidadã dos estudantes. Ao abordar questões como desigualdade social, identidade, memória, meio ambiente, relações humanas e direitos sociais, esse gênero estimula o diálogo, a empatia e o respeito às diferentes perspectivas. A leitura compartilhada pode ser acompanhada de rodas de conversa, debates, produção de resenhas, seminários e atividades de escrita criativa, permitindo que os alunos expressem suas opiniões e relacionem os acontecimentos narrados com suas próprias vivências.

No caso específico da coletânea *Todas as águas*, as crônicas oferecem inúmeras possibilidades pedagógicas por explorarem diferentes significados simbólicos da água e refletirem sobre aspectos da realidade brasileira. A crônica “Das águas que fartam”, de Ana Santana Souza, por exemplo, permite discutir temas como desigualdade regional, políticas públicas, cidadania, educação, inclusão social e memória histórica. A metáfora da água ultrapassa seu sentido literal e representa oportunidades de transformação social, tornando-se um recurso significativo para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares envolvendo Língua Portuguesa, História, Geografia e Sociologia.

A leitura dessa crônica pode ser articulada com diferentes estratégias metodológicas. Inicialmente, o professor pode promover uma leitura coletiva do texto, incentivando os alunos a identificarem as metáforas presentes na narrativa e os sentidos atribuídos à palavra “água”. Em seguida, podem ser propostas discussões sobre a realidade do semiárido brasileiro, os impactos das desigualdades sociais e a importância da educação como instrumento de mobilidade social. A análise também pode ser enriquecida com músicas, poemas, reportagens e documentários que abordem a temática da seca e das transformações sociais no Nordeste, ampliando o repertório cultural dos estudantes.

Outra possibilidade consiste na produção de crônicas pelos próprios alunos, tomando como ponto de partida situações vivenciadas em sua comunidade ou problemas sociais presentes em seu cotidiano. Essa prática favorece o desenvolvimento da autoria, da criatividade e da capacidade argumentativa, ao mesmo tempo em que fortalece a compreensão das características estruturais do gênero. Ao escrever suas próprias crônicas, os estudantes exercitam a observação da realidade, a organização das ideias e a utilização de recursos expressivos para comunicar suas reflexões.

Dessa forma, o trabalho com crônicas na sala de aula contribui não apenas para o ensino da literatura e da língua portuguesa, mas também para a formação de leitores críticos, sensíveis e participativos. Ao aproximar literatura e realidade, esse gênero promove experiências significativas de aprendizagem, possibilitando que os estudantes compreendam o texto literário como espaço de reflexão sobre a vida, a cultura e a sociedade, consolidando a leitura como prática de construção do conhecimento e de exercício da cidadania.

4. LEITURA SUBJETIVA A PARTIR DO E-BOOK TODAS AS ÁGUAS

A leitura subjetiva em sala de aula tem como objetivo colocar o estudante no centro da experiência literária, trazendo suas emoções, repertórios pessoais, vivências e memórias para que interajam inteiramente com o texto. Quando trabalhamos o gênero crônica — que, por si só, já se trata de um recorte sensível do cotidiano e da subjetividade da realidade —, criar estímulos adequados é indispensável para que a conexão aconteça de forma mais profunda.

Sendo o leitor-modelo aquele que guarda na memória tudo o que já leu, atualizando o texto naquilo que ele requer através da leitura, o leitor real se aproxima mais de nosso aluno, pois “vive na leitura uma experiência que o afeta, quer se trate de adesão ou de hostilidade” (Rouxel, 2018, p. 20).

A leitura subjetiva vai além da decodificação de texto; ela faz com que o aluno se torne participante ativo, ressignificando a obra a partir de suas próprias vivências, emoções e culturas. Nesse sentido, as crônicas de Ana Santana Souza e Aécio Silva Junior transitam profundamente entre a denúncia social, as memórias sensoriais, as músicas e as metáforas cotidianas. A seguir, dividiremos o estudo por eixos temáticos de cada uma das crônicas analisadas e traremos, como sugestões, perguntas norteadoras para colocar o estudante no centro da interpretação:

A partir da crônica “Com a boca cheia d’água” (Ana Santana Souza, 2019, p.17-21)

Foco: Relações familiares, estímulos internos e externos e memória afetiva.

Pergunta 1: A cronista cita que “comidinhas caseiras” são capazes de nos fazer salivar, mesmo que já estejamos satisfeitos. Pensando no seu

cotidiano, qual é o alimento ou prato que pode transportar você diretamente para a sua infância ou fazer você se lembrar de alguém que ama muito?

Pergunta 2: A autora Ana Santana Souza garante que “água na boca nem sempre tem relação direta com comida”, associando a expressão também ao desejo pela arte. Em quais momentos da sua vida — diante de uma música, de um gol do seu time, de um abraço ou de uma conquista — você sentiu a mesma sensação de “boca cheia d’água”, de pura expectativa e emoção?

A partir da crônica “Das Águas que fartam” (Ana Santana Souza, 2019, p. 22-27)

Foco: Empatia, reavaliação de conceitos e alteridade.

Pergunta 1: A autora apela à música *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, para demonstrar a dor de quem necessita sair da sua terra natal na esperança de uma vida melhor. Tente se colocar na mesma situação de alguém que se vê obrigado a deixar sua vida, sua família, cidade ou estado. Seria fácil deixar tudo para trás? Já que não poderia levar nada material, o que levaria na memória?

Pergunta 2: A referida crônica amplia o significado de “água”, criando novos conceitos como água-inclusão, água-trabalho e água-escudo. Trazendo para a realidade do seu bairro e da sua escola, qual desses conceitos de água você percebe mais próximo à sua vida hoje? E qual deles você acredita que ainda está em seca para você e seus colegas?

Pergunta 3: O texto cita que, na maioria das vezes, só damos valor a algo quando passamos pela escassez ou pela falta. Trazendo para a sua realidade, você já passou por alguma situação em que só percebeu

a verdadeira importância de algum objeto, de um momento especial ou até mesmo de uma pessoa após a perda? Conte como se sentiu.

A partir da crônica “Carcará de Terno” (Aécio Silva Junior, 2019, p.13-16)

Foco: posicionamentos éticos, imaginação moral e metáforas do cotidiano.

Pergunta 1: O carcará de terno é uma ave de rapina que se aproveita da fragilidade dos outros no período da seca. O autor cria uma metáfora dessa ave com o político que lucra com a dor alheia. Você percebe atividades semelhantes, seja no seu dia a dia ou no noticiário, que lembrem a ave carcará de terno? Qual é o seu sentimento quando o mais forte se aproveita da vulnerabilidade do mais fraco?

Pergunta 2: O cronista descreve que a paisagem da caatinga muda de cor e fica nua durante a estiagem (sem folhas), porém os cactos permanecem verdes e cheios de vida. Você consegue identificar quem são os cactos na sua vida? Ou seja, aquelas pessoas que, mesmo diante das adversidades e dos períodos de seca da vida, permanecem verdes e cheias de esperança, igual aos cactos?

Pergunta 3: Aécio Junior conclui o texto fazendo uma reflexão sobre como a pobreza extrema e, conseqüentemente, a fome encurralam as vontades e escolhas do povo. Como você acha que a educação e o acesso aos seus direitos podem se tornar um “escudo” para proteger o povo das estratégias de caça desses “carcarás” da sociedade atualmente?

Diante do exposto, ao levar essas perguntas a sala de aula, permita que o aluno expresse suas respostas das mais variadas formas, não exclu-

sivamente oralmente ou escrita tradicional. O educando pode responder compartilhando um objeto que simbolize sua resposta, através de uma música que tenha relação com o texto, ou desenhando. Portanto, o diálogo entre o leitor e obra, faz com que a leitura ganhe vida por meio de um processo de ressignificação. A leitura subjetiva concentra-se na transição da leitura mecânica para a leitura crítica. Versa da investigação do ato de ler não como mera decodificação de signos, mas como um processo de compreensão profunda, no qual o estudante é excitado a interpretar o texto e a vinculá-lo ativamente suas próprias experiências e repertório cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das crônicas do e-book *Todas as águas* evidencia a riqueza do gênero crônica como forma de expressão literária capaz de transformar acontecimentos cotidianos em profundas reflexões sobre a sociedade, a cultura e a condição humana. Ao reunir narrativas marcadas pela sensibilidade, pela crítica social e pelo olhar atento à realidade, a obra demonstra que a literatura pode desempenhar um importante papel na formação de leitores críticos e conscientes.

A proposta de abordagem pedagógica apresentada neste artigo demonstra que a leitura de crônicas pode ser articulada com diferentes componentes curriculares, promovendo práticas interdisciplinares que envolvam Literatura, História, Geografia, Sociologia e Língua Portuguesa. Essas atividades contribuem para ampliar a compreensão dos estudantes acerca das múltiplas dimensões da realidade brasileira, estimulando o diálogo, a argumentação e o pensamento crítico.

Conclui-se, portanto, que o e-book *Todas as águas* constitui um importante recurso para o ensino de literatura, oferecendo textos capazes de despertar o interesse dos alunos e de promover reflexões relevan-

tes sobre o cotidiano, a identidade, a cultura e as relações humanas. Ao aproximar literatura e realidade, as crônicas reafirmam o papel da escola na formação de leitores sensíveis, críticos e capazes de compreender a literatura como instrumento de conhecimento, expressão e transformação social.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019.

ROUXEL, Annie. **Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Porto Alegre, Associação Brasileira de Literatura Comparada, n. 35, p.20, 2018. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/497/540>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA JÚNIOR, Aécio. Carcará de terno. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as águas**: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. p. 15-18.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Ana Santana. Das águas que fartam. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (org.). **Todas as** águas: crônicas. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2019. p. 24-29.

TODAS AS ÁGUAS. E-book. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38785172/Todas_as_%C3%A1guas. Acesso em: 3 jul. 2026.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ANÁLISE DA CRÔNICA “A ÁGUA DO BANHO” DE AÉCIO SILVA JÚNIOR

*Kamilla Dida**

INTRODUÇÃO

A literatura desempenha um papel fundamental na formação crítica, estética e humana dos leitores, possibilitando diferentes interpretações da realidade por meio da linguagem e da subjetividade. Nesse contexto, conforme o ensino de literatura ultrapassa a simples análise de aspectos estruturais dos textos, promovendo experiências de leitura que valorizam as emoções, as vivências e os múltiplos sentidos construídos entre obra e leitor. O e-book *Todas as Águas* (2019), organizado por Christina Ramalho, Ítalo Ramalho e Rafael Senra, conta com 27 escritores, os quais abordam o que significa a água para eles e relatam, nas quarenta e cinco crônicas, as diversas utilidades deste elemento vital na existência dos seres vivos. Os autores convidam o leitor a dar bons mergulhos a cada onda surfada, a cada crônica lida.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a crônica “A Água do Banho” de Aécio Silva Júnior, na qual o autor evidencia os elementos literários ao abordar experiências comuns por meio de uma linguagem poética, clara e subjetiva, favorecendo, assim, as interpretações que

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Escola Municipal Prof. Maria da Glória Santos e Escola Municipal Prof. Isaac Menezes, Nossa Senhora das Dores, SE. Especialista em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística pela FANESE. Graduada no curso de Letras-Inglês e Letras-Português na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é Professora de Português e Inglês nas instituições públicas e privadas.

dialogam com as memórias os sentimentos, as experiências individuais e sua analogia subjetiva com um dos hábitos essenciais aos seres humanos: o banho.

Neste viés, o artigo também faz contribuição para o ensino da literatura na perspectiva da leitura subjetiva e busca-se compreender como a obra favorece a construção de sentidos pelos leitores, valorizando a experiência estética e o protagonismo do sujeito no processo de leitura, em consonância com abordagens contemporâneas do ensino de literatura.

1. A CÔNICA LITERÁRIA

A crônica literária é um gênero textual que se caracteriza pela abordagem de acontecimentos do cotidiano de forma reflexiva, crítica ou bem-humorada. Geralmente publicada em jornais, revistas e meios digitais, a crônica apresenta linguagem simples e acessível, aproximando o leitor de situações comuns da vida diária. Apesar de partir de fatos reais ou observações do dia a dia, esse gênero permite ao autor utilizar recursos literários, como a subjetividade, a descrição e a narrativa, tornando o texto mais expressivo e envolvente.

Por sua vez, a crônica destaca-se como um gênero que transforma acontecimentos cotidianos em reflexões sensíveis sobre a vida, despertando no leitor uma percepção mais profunda da realidade.

Como afirma Antonio Candido:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe

permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.” (Candido, 2003, p. 13).

Dessa forma, ao tratar de situações comuns sob um olhar sensível e reflexivo, esse gênero aproxima a literatura da experiência cotidiana do leitor, favorecendo diferentes interpretações e a construção de sentidos.

Ao longo da história da literatura brasileira, a crônica conquistou grande relevância por retratar costumes, comportamentos e aspectos sociais de diferentes épocas. Autores como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino contribuíram significativamente para a consolidação desse gênero, demonstrando sua capacidade de transformar acontecimentos simples em reflexões profundas sobre a vida e a sociedade.

Conforme Ramalho (2010), a crônica configura-se como um gênero literário do cotidiano, caracterizado pelo hibridismo entre a linguagem coloquial, o diálogo com o leitor, o humor e a brevidade. No entanto, sua relevância literária ultrapassa a simples representação de fatos corriqueiros. É por meio de um olhar sensível e atento que o cronista transforma situações aparentemente banais em reflexões de maior profundidade, atribuindo-lhes dimensões simbólicas, estéticas e poéticas.

Portanto, a crônica deixa de ser apenas um registro referencial do cotidiano para constituir-se como uma manifestação literária capaz de suscitar múltiplos sentidos e promover uma reflexão crítica sobre a experiência humana.

2. TODAS AS ÁGUAS

“Terra, Planeta Água. Terra, planeta Água!”

(Guilherme Arantes).

O livro *Todas as águas* (2019) foram organizados por Christina Bielinski Ramalho, em parceria com Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra Coelho. Esta coletânea reúne quarenta e cinco crônicas de vinte e sete autores de diferentes regiões do Brasil e de países de língua portuguesa. A obra foi publicada em 2019, um e-book, tem como eixo temático a água e é explorada em seus vários sentidos: afetivo, existencial, natural, simbólico e social.

Assim, o e-book parte da ideia de que a água é um elemento universal e, ao mesmo tempo, profundamente ligado às experiências individuais. Cada cronista desenvolve um olhar particular sobre o tema, criando um conjunto diversificado de narrativas.

Diante disto, os principais temas são: a água como transformação, a água como símbolo da vida, a água como memória, a água como afetividade, a água como passagem do tempo, a água como sustentabilidade, questões sociais e ambientais e pluralidade de vozes.

A partir deste pressuposto, *Todas as águas* é uma obra de caráter coletivo que utiliza a água como fio condutor para discutir sentimentos, lembranças, identidade e questões ambientais. A diversidade de autores e estilos faz da coletânea uma leitura rica, capaz de unir reflexão, sensibilidade e consciência social em torno de um elemento essencial à vida: a água! Preservar a vida também é a preservação da água!

3. “A ÁGUA DO BANHO”: UM ESTUDO

A Água de Banho é uma crônica com 29 linhas distribuídas em 6 parágrafos. O texto foi escrito por um itabaianense jovem chamado Aécio Júnior, médico veterinário, escreve poesias e crônicas e atua na área de pesquisas sobre ética animal e ambiental, além de integrar projetos de incentivo à leitura e produção de textos. Apaixonado pelo universo veterinário e das letras faz do sertão seu material de trabalho e estudo e nele se inspira cada dia mais. Um dos autores de Jovens Cronistas do Sertão (2017). Ele cita um ato do cotidiano: o banho, um objeto de reflexão!

Assim, leremos a crônica:

Após um fatídico dia de trabalho, milhões de pessoas voltam para suas casas e com o peso de mil elefantes tiram seus sapatos e jogam-nos onde dá. Pastas para um lado, corpo para o outro, o que importa nesse momento é achar um local onde a alma encontre repouso.

Depois de tal ritual o famigerado banho é o próximo passo. Seja ele de chuveiro ou banheira, ou ainda de canequinha, o banho é o momento de glória do ser humano moderno. Ele proporciona coisas que hoje em dia estão cada vez mais raras: privacidade, tempo para si mesmo e liberdade para ser o que cada um quiser. No banho pode-se ser um cantor pop famoso ou um pirata a navegar. Pode-se falar alto, cantar, chorar, conversar consigo mesmo e até dançar. Sejam grandes, médios ou pequenos os banheiros são a alma de uma casa, pois a alma é o princípio vital da vida e também assim é o banheiro e o banho.

O ser humano vive sem sala, sem quarto, outros cômodos podem ser substituí-los ou servir como tais, mas o banheiro é intransferível e imprescindível e sem ele a permanência do cidadão não vai à frente.

E a água torna o banho ainda mais fundamental.

Com ela nos limpamos, tiramos nossos porres não só de álcool como os porres da vida.

A água do banho nos acalma, nos chama à reflexão das coisas empíricas. Do cabelo à ponta do dedão do pé ela percorre todo o nosso corpo, nos conhecendo melhor que qualquer um. Por entre as dobras e depressões do nosso corpo-templo particular ela passa levando as sujidades e molhando os poros de cada milímetro da nossa pele.

A água do banho é divina, é libertadora, é benta. Ela tem poder de nos levar para lugares onde queremos, nos relaxa, esfria a nossa cabeça e refresca o nosso coração, lavando a alma e levando até o ralo as mazelas de mais um dia de labuta no planeta água cuja água cada vez menos se encontre em seu estado divino, pura.

A crônica *Água de Banho* constrói sua expressividade por meio de diferentes figuras de linguagem que ampliam os sentidos do texto e conferem poeticidade a uma experiência cotidiana. O autor transforma o ato rotineiro do banho em um momento de reflexão, descanso e renovação, atribuindo à água e ao banheiro significados que ultrapassam sua função prática.

Logo no início, observa-se a presença da hipérbole em: “com o peso de mil elefantes tiram seus sapatos”. A expressão exagera o cansaço das pessoas após um dia de trabalho, intensificando a sensação de esgotamento físico e emocional.

O autor emprega também a enumeração em “Pastas para um lado, corpo para o outro” e, posteriormente, em “Pode-se falar alto, cantar, chorar, conversar consigo mesmo e até dançar”. Essas sequências de ações ampliam a ideia de liberdade proporcionada pelo banho, reforçando a multiplicidade de experiências possíveis nesse espaço íntimo.

Outro recurso marcante é a metáfora, presente em diversos momentos do texto. Quando afirma que “os banheiros são a alma de uma casa”, o autor não atribui ao banheiro apenas uma função física, mas o transforma simbolicamente no espaço vital do lar. Da mesma forma, a expressão “corpo-templo particular” metaforiza o corpo humano como um espaço sagrado, valorizando-o como lugar de cuidado e respeito.

A anáfora aparece na repetição da expressão “A água» no início de diferentes períodos, como em “A água torna o banho ainda mais fundamental”, “A água do banho nos acalma” e “A água do banho é divina, é libertadora, é benta”. Essa repetição produz um efeito de ritmo e enfatiza a importância da água como elemento central da narrativa.

No trecho “Ela tem poder de nos levar para lugares onde queremos”, identifica-se novamente uma metáfora, pois o autor não se refere a um deslocamento físico, mas à capacidade da imaginação e das emoções despertadas durante o banho. Da mesma forma acontece na expressão “lavando a alma” amplamente utilizada na língua portuguesa para representar o alívio, a renovação e a superação das dificuldades vividas.

Também merece destaque o uso da gradação na sequência “é divina, é libertadora, é benta». A organização crescente desses adjetivos intensifica o valor simbólico atribuído à água, elevando-a de um elemento cotidiano a um agente de purificação física, emocional e espiritual.

A crônica apresenta ainda uma antítese ao contrastar o desgaste provocado pelo cotidiano com o conforto oferecido pelo banho. O cansaço e a rotina de trabalho contrapõem-se à tranquilidade, ao relaxamento e à renovação proporcionados pela água, evidenciando a oposição entre sofrimento e bem-estar.

Observa-se também a personificação (prosopopeia), uma das figuras predominantes na crônica. A água recebe características humanas em trechos como: «A água do banho nos acalma, nos chama à reflexão», «ela percorre todo o nosso corpo, nos conhecendo melhor que qualquer um» e «ela passa levando as sujidades».

A linguagem é reflexiva, suave e acessível. O texto combina observações bem-humoradas com reflexões mais profundas, aproximando-se do leitor por meio de situações reconhecíveis do cotidiano.

Dessa forma, as figuras de linguagem presentes na crônica não exercem apenas função estética, mas contribuem para a construção da subjetividade do texto, favorecendo múltiplas interpretações e aproximando o leitor da experiência literária. Ao recorrer à metáfora, à personificação, à hipérbole, à enumeração, à anáfora, à gradação e à antítese, o autor amplia os sentidos do banho, convertendo-o em uma experiência de cuidado, liberdade, memória e renovação, aspecto que torna a crônica particularmente significativa para o ensino da literatura na perspectiva da leitura subjetiva.

Destarte, a crônica é capaz de transformar um acontecimento comum em uma reflexão sobre a condição humana. Ao observar um gesto cotidiano com atenção e sensibilidade, o texto leva o leitor a perceber que momentos simples podem revelar aspectos importantes da identidade, das emoções e da relação das pessoas com o tempo e com a própria vida.

4. PROPOSTA DIDÁTICA

O ensino de literatura deve privilegiar a experiência estética do leitor antes da análise técnica. O professor deve restabelecer o aluno no centro da leitura e acolher na sala de aula suas reações que irão orientar os

processos interpretativos, a noção do sujeito leitor. A análise da crônica permitiu compreender que a leitura literária ultrapassa a identificação de aspectos estruturais do texto, pois envolve a interação entre a obra e a experiência do leitor. Essa perspectiva encontra respaldo nas contribuições de Annie Rouxel, ao defender uma didática da literatura centrada na formação do leitor e na valorização da leitura subjetiva, em que as interpretações são construídas a partir do diálogo entre o texto, a sensibilidade e as vivências de cada sujeito. (Langlad; Rezende apud Rouxel, 2013)

Essa perspectiva também dialoga com Rildo Cosson, que propõe a importância do letramento literário como prática capaz de desenvolver leitores críticos, autônomos e participantes e sensíveis. “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.” (Cosson, 2014, p. 17). Todavia, o professor é o mediador da leitura, ou melhor, ele cria as condições para que o aluno consiga dialogar com o texto e produza seus sentidos.

Ou seja, o texto só tem existência, se depois da leitura, for modelado pelo leitor: o leitor está presente no texto que produz. Assim, “cada leitor constitui sua própria rede de indícios, não é o mesmo texto que é lido.” (Bayard 1992, p. 20).

A proposta didática elaborada buscou articular esses pressupostos teóricos à prática pedagógica, privilegiando a experiência estética, o diálogo, a interpretação compartilhada e a produção de textos pelos estudantes. Assim, o trabalho com a crônica deixa de se restringir à análise de características do gênero e passa a constituir uma oportunidade de desenvolver a competência leitora, a reflexão crítica e a expressão da subjetividade.

Exemplo de uma proposta didática:

A Crônica <i>Água de banho: um estudo</i> (da coletânea <i>Todas as águas</i>)
Público-alvo: Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
Tempo estimado: 5h aulas de 50 minutos
Objetivos de Aprendizagem • Objetivo principal: Compreender, por meio da análise da canção, a importância do autocuidado e da saúde como um estado de bem-estar físico, mental e emocional, identificando recursos linguísticos presentes no texto e refletindo criticamente sobre os hábitos e o estilo de vida contemporâneo. • Objetivos secundários: - Desenvolver a leitura literária a partir da experiência do leitor; - Identificar os sentidos simbólicos da água na narrativa; - Compreender a crônica como gênero que transforma situações cotidianas em reflexão; - Produzir interpretações pessoais fundamentadas no texto; - Estimular a escrita de crônicas inspiradas nas experiências dos estudantes.
Desenvolvimento 1. Aula motivacional (1ª aula) Iniciar com perguntas voltadas aos estudantes: - Existe algum momento do dia em que você fica sozinho para pensar? - O que significa um banho para você? É só um hábito de higiene ou é um momento para relaxar? - A água desperta alguma lembrança importante? - Gosta de cantar ou refletir no banho? As respostas podem ser registradas no quadro, formando um mapa mental em torno da palavra água. Depois, apresente o título da crônica (<i>Água de banho: um estudo</i>) e solicite que os alunos que reflitam.

2. Hora da leitura (2ª aula)

O professor, sozinho, ou com a ajuda dos seus alunos lerão em voz alta, preservando pausas e fazendo entonação.

Após a leitura, em consonância com Rouxel (2004), evitar iniciar com perguntas de interpretação fechada, mas, sim proponha questões abertas, como:

- O que mais chamou sua atenção?
- Que sentimentos o texto despertou?
- O banho, no texto, representa apenas higiene?
- Houve algum trecho com o qual você se identificou?

Nesse momento, todas as respostas fundamentadas no texto devem ser acolhidas.

3. Análise literária da crônica (3ª aula)

Organizar os alunos em grupos para identificar elementos como:

- humor e ironia;
- figuras de linguagem;
- reflexão sobre o dia-a-dia;
- representação da água;
- relação entre corpo e memória.

Cada grupo apresenta sua interpretação, mostrando os trechos que sustentam suas conclusões.

4. Produção de Textual (4ª aula)

Solicitar que cada estudante escreva uma crônica inspirada no termo água com simbolismo, humor e ironia. Com isto transformar essa experiência leitora com gênero crônica. Após a escrita, promover uma roda de leitura voluntária.

5. Roda de leitura voluntária

Apresentação e leitura das crônicas produzidas pelos alunos.

Avaliação

A avaliação deve analisar:

- Participação nas discussões;
- Entendimento do gênero textual crônica;
- Desenvoltura durante a leitura;
- Aptidão em construir interpretações fundamentadas;
- Qualidade da argumentação oral;
- Criatividade e produção da crônica.

Mais do que verificar respostas “certas”, a avaliação busca acompanhar a formação do leitor literário. Essa proposta coloca o estudante no centro da experiência de leitura, em consonância com Annie Rouxel, favorecendo uma abordagem em que a interpretação nasce do diálogo entre o texto, as vivências dos leitores e a mediação do professor.

Do mesmo modo, as contribuições de Rildo Cosson e Antonio Candido reforçam a importância do letramento literário e o objetivo de entender a crônica literária como prática capaz de desenvolver autores e/ou leitores críticos, autônomos e participantes, em vez da busca por uma única leitura considerada correta como datas históricas, memorização de conteúdos e exercícios mecânicos.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender o estudo da crônica como gênero literário e suas contribuições para o ensino de literatura, tomando como objeto de estudo a crônica “A Água do Banho”: um estudo, integrante da coletânea Todas as águas. A análise evidenciou que a crônica, ao transformar situações ordinárias em objeto de reflexão, estabelece uma relação de proximidade com o leitor, permitindo que experiências aparentemente simples sejam ressignificadas por meio da linguagem literária. Nesse sentido, conforme Antonio Candido (2003), o texto revela a água como um elemento simbólico que remete à memória, à renovação, à intimidade e às transformações da existência humana.

A leitura da crônica demonstrou que sua riqueza não está apenas em seus aspectos formais, mas, sobretudo, na pluralidade de sentidos que possibilita. Essa compreensão aproxima-se da concepção de leitura defendida por Annie Rouxel (2013), para quem a literatura deve ser vivenciada como uma experiência estética e subjetiva, em que o leitor ocupa uma posição ativa na construção dos sentidos do texto. Nessa

perspectiva, o ensino da literatura deixa de privilegiar respostas únicas e interpretações previamente estabelecidas para reconhecer o papel das vivências, da sensibilidade e da subjetividade dos estudantes no processo de leitura. As contribuições de Rildo Cosson (2014) também se mostraram fundamentais ao reforçarem a importância do letramento literário como prática social capaz de formar leitores críticos, autônomos e culturalmente participativos.

A proposta didática apresentada procurou materializar esses pressupostos teóricos por meio de práticas de leitura que valorizam a escuta das interpretações dos estudantes, o diálogo coletivo, a reflexão sobre o cotidiano e a produção de textos autorais. Dessa forma, o trabalho com a crônica ultrapassa o estudo de suas características estruturais, favorecendo o desenvolvimento da competência leitora, da sensibilidade estética, da argumentação e da expressão da subjetividade, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a literatura como espaço de fruição, reflexão e formação integral do sujeito.

Em suma, “A Água do Banho”: um estudo constitui um importante recurso para o ensino de literatura por aproximar o texto literário da experiência cotidiana dos estudantes e favorecer práticas de leitura mais significativas. Ao adotar uma abordagem fundamentada na leitura subjetiva e no letramento literário, o professor contribui para a formação de leitores capazes de dialogar criticamente com os textos, reconhecer a pluralidade de interpretações e compreender a literatura como um espaço privilegiado de construção de sentidos, de desenvolvimento da sensibilidade e de ampliação da compreensão sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **“A vida ao rés-do-chão.”**. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume São Paulo: Ática, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMALHO, Christina. **ALiterariedade da Crônica de Rubem Braga**. Ano 5. São Paulo. 2010.

RAMALHO, Christina. **Todas as águas: crônicas**. / Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho, Rafael Senra. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019. 168 p.; e-Book (PDF).

RAMALHO, Christina; HAUSSMAN, RAPHAEL. **POR UM TEXTO TODO MEU**. Teoria e prática em produção textual. Livro 3. Natal/RN, LucGraf, 2018.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

APRECIÇÃO ESTILÍSTICA E CRÍTICA DE “CARCARÁ DE TERNO”, DE AÉCIO SILVA JÚNIOR, E A FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA

*Leidiane Rodrigues Gaia**

INTRODUÇÃO: A CRÔNICA LITERÁRIA COMO GÊNERO HUMANIZADOR

Comumente define-se crônica literária como sendo um texto curto escrito em prosa, que parte de eventos do cotidiano para reflexões mais intensas, seja no contexto das críticas sociais ou das análises literárias. Historicamente o gênero foi consolidado na imprensa periódica brasileira, ocupando um espaço único e peculiar na tradição literária do país, mesmo sendo categorizada como menor. Em virtude desse laço com a área jornalista apresenta um hibridismo estético entre jornalismo e literatura, atrelando uma visão intimista a fatos corriqueiros (Carvalho, 2010). E foi justamente estes aspectos de se originar do simples, do momentâneo que estipulou suas atribuições valorativas, aproximando o leitor ao extrair profundidade e significação das trivialidades diárias. E como aponta Antonio Candido em *A vida ao rés-do-chão* - prefácio da antologia de crônicas *Para gostar de ler: Crônicas*, posteriormente, republicado em um livro de ensaios – que o fato da crônica ser considerada um gênero menor é justamente o que a torna tão adjacente da vivência diária e acessível ao leitor.

* Pós-Graduada Stricto Sensu pela UFS (universidade Federal de Sergipe), Campus Itabaiana, ingressa pelo programa Profletras. Escola Estadual de Ensino Médio Nezinho Pereira, Inhapi, AL. Graduada em Letras pela UFAL.

É precisamente nesse contexto da proximidade com o cotidiano e na ausência de vaidade ou ambição que reside sua força estética e social. Ao deleitar-se sobre a cúpula da trivialidade e o momentâneo, a crônica ascende sutilmente a sensibilidade e os sentidos extraídos do texto, avizinhando o leitor ao colher significados expressivos de coisas superficiais do dia a dia, tornando-se uma agente humanizadora, parafraseando Antonio Candido, como se vê abaixo:

[...] Por meio dos assuntos, da composição, aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significação e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 2003, p. 89)

Esse feito catalisador de extrair sentido da naturalidade; o centramento no nível do chão, dando preferência aos detalhes miúdos, a cenários comuns, extraindo grandeza, poesia e singularidade do que parece insignificante; a busca da oralidade na escrita, rejeitando sintaxe complexa e vocabulários suntuosos, todos esses aspectos fazem da crônica um gênero literário genial, que surpreende e penetra o leitor, conquistando durabilidade, relevância e imersões no mundo literário. Ainda conforme a Antonio Candido (2003, p. 89) a crônica “ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”.

Retornemos ao fato de a crônica apresentar um hibridismo transitório entre o território jornalístico (Carvalho, 2010), com atributos mais

reais tendenciados ao coloquialismo, e a esfera literária com estilo mais ficcional, expressivo e linguagem sofisticada. Essa união desafia o seu criador no processo de criação e o instiga ao uso de recursos linguísticos que transitam entre os sentidos denotativos e conotativos da língua, atingindo sua intencionalidade e conferindo maior profundidade e significância ao texto. A crônica bem construída consegue penetrar fundo nos sentimentos humanos, na experiência cotidiana e/ou realizar uma profunda crítica social.

Em vista disso, o presente artigo propõe-se a análise da crônica “Carará de Terno”, de autoria de Aécio Silva Júnior², sob a ótica do emprego de recursos linguísticos para enriquecer o texto, operar sobre a realidade e lhe conferir mérito literário. A obra em evidência exemplifica como o gênero crônica pode aliar a denúncia sociopolítica regionalista ao refinamento poético, metamorfoseando aspectos do espaço natural do sertão em uma incisiva simbologia das relações de poder e opressão. Além disso, também adicionaremos contribuições sobre o ensino de literatura, em especial das crônicas, em sala de aula com a pretensão de formar leitores literários.

1. APRESENTAÇÃO SINTÉTICA DO E-BOOK *TODAS AS ÁGUAS: CRÔNICAS*

A crônica aqui eleita integra o e-book *Todas as águas: crônicas*, organizado pela professora Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra, e publicado em 2019 pela editora Lucgraf (Natal-RN). A coletânea reuniu distintas vozes que percorreram a fluidez e os copiosos significados que o elemento “água” evoca no contexto, imaginário e/ou real, social e cultural brasileiro. Apresentando, assim, um mosaico com uma variedade de produções de cronistas contemporâneos. Um

² Escola Estadual de Ensino Médio Nezinho Pereira, Inhapi, AL

“encontro de rios” que provocou uma “Pororoca de ideias” que enaltecem o mundo das palavras e encharcam a nossa literatura de variados textos e encham de vislumbre o olhar do leitor. Como ilustram os organizadores da obra, “as crônicas que encontrarão também são rios disfarçados, mares fantasiados, barcos em forma de palavras”. (2019, p. 7)

A obra conta ainda com um cuidadoso diálogo estético entre a palavra e a escrita, as ilustrações e os registros fotográficos feitos pela estudante francesa de design Adèle Gaboreau. Nela, também nos deparamos e mergulhamos com diversos temas que adentram os âmbitos social, cultural e histórico. Incluída nesta arquitetura editorial, “Carcará de Terno” desponta como um texto alinhado a literatura engajada nordestina ao manifestar uma crítica sociopolítica regional e um apelo social, concomitantemente revigora o gênero por meios da manipulação de aspectos linguísticos estruturais e gramaticais formais.

2. ANÁLISE DE “CARCARÁ DE TERNO”

Na construção estrutural e de sentido da crônica, Aécio Silva Junior serviu-se como um dos principais procedimentos a penetração e a coerção de três campos semânticos diferentes. Sua artimanha consiste em manipular o vocabulário de maneira que as palavras permeiam as ciências da natureza, a geografia climática e o arranjo político-institucional da região Nordeste. Mas antes, vamos a leitura de “Carcará de Terno”:

Ave de rapina da família dos falconídeos, ele impera no sertão e se faz presente na vida do sertanejo, da mais rica até a mais pobre criatura do interior nordestino. Com certa fama de vivente lutador e resistente, o carcará se alimenta da fome e, para tal, usa da covardia quando a oportunidade lhe aparece. Um oportunista que se aproveita dos desfavorecidos e deles sustenta-se,

vive numa terra onde os pingos de chuva são reles lágrimas de uma nuvem que a seca não deixa molhar.

Quando ela chora, e se chora, seu pranto não chega ao chão, pois o vento quente acha muita ousadia de sua parte manchar de marrom o cinza-pedra da caatinga e o sol quente com um falso cavalheirismo seca suas lágrimas e impede assim, que elas matem a sede dos pobres moribundos dessa terra sem pai, cujos poderosos “donos” há tempos atrás são também carcarás. E é dessa secura que o carcará se vale, chegando a estiagem as crias já fracas e vulneráveis são seu almoço e as cobras coloridas seu jantar. Ambas já não têm o verde da caatinga para lhe alimentar ou servir de camuflagem.

Exceto pelos cactos, que continuam altivos a exhibir o verde louro, o restante da mãe flora vira um mar de tons cinza e deixa nua a planície denunciando seus filhos rebeldes que não se adaptaram à cor da mãe natureza e por ela serão devorados. Com esse cenário não seria leviano dizer que a seca é uma benção para o carcará, pois é dela que o mesmo sobrevive. Também dela sobrevive outra espécie de carcará. Este usa terno, anda de carro e negocia, mas também ele usa da falta de chuvas para alimentar-se de frágeis presas, os pobres. Suas táticas de caça têm nome, chama-se indústria da seca: perca de lavoura, dependência de compra de água, dívidas e fome: com decretos de situação de emergências, urgências, calamidades, emendas e empréstimos, além de obras faraônicas que são usadas para desviar dinheiro o papo dessas aves de rapina são alimentados com a miséria de suas presas, o povo.

Os carcarás de terno, por sua vez, alegam serem eles levados a fazer isso pela necessidade. O carcará político visa acabar com a fome dos seus irmãos (ainda que para isso, centenas deles tenham que viver na pobreza para justificar novos investimentos, liberação de verbas e não diminuir a dependência, claro) e

aí vemos a semelhança entre os dois carcarás, ambos matam por uma suposta causa nobre, matam para se manter no topo da cadeia (seja ela alimentar ou de poder). Se o carcará de pena espera sua presa ficar fraca pela fome e se alimenta de todas as fontes disponíveis, seja um rato no chão, um peixe na poça ou uma ave (sua parente) no ar, o carcará de terno também alimenta a fome e dela se alimenta. Ambos costumam agir para benefício próprio, mas, se a presa é grande eles sabem unir força aos da mesma corja e assim derrubá-las. A fome é seu poder de controle, seu maior trunfo.

Assim como essa fome obriga os animais indefesos a saírem de suas tocas na capoeira e se tornarem presas fáceis, também a necessidade das famílias pobres as forçam a se auto-sabotarem, o que é prato cheio para o carcará político. A fome traz mais que a fraqueza do corpo, trás a fraqueza da moral. Não há “certo” quando se tem fome, não há “ser moral” quando os filhos choram de fome na cozinha. A fome não é ética, ela é fraca e dependente. É como uma viciada em cocaína que não hesitar em usar a arma que futuramente lhe matará, por isso o usuário sabota a se mesmo. Assim o povo com fome de tantas coisas usa o seu voto como vale alimentação, vale saco de cimento, vale água, vale botijão de gás, vale sobre-vi-vên-cia.

Através da fome o carcará de terno caça os necessitados, estes despidos do manto protetor da mãe Estado que lhe vira as costas a cada seca, assim como faz a caatinga com seus filhos rebeldes que não seguem os padrões de sua cor cinza-indiferente. Assim é o carcará de terno, o carcará hodierno, o carcará “de bem”. (Silva Jr, 2019, p. 13-15)

É perceptível que o dinamismo do texto se dá a partir da disposição e cruzamento desses eixos semânticos. No campo da natureza/biologia, voltado para a fauna/flora e sobrevivência nesses meios, temos léxicos

como: ave de rapina, falcões, cadeia alimentar, presas, caça, camuflagem, cobras, natureza, cactos, caatinga, terra, animais, fome, papo, entre outras. Na esfera da geografia climática do sertão direcionada para a escassez e o sofrimento, atmosfera vulnerável, nos deparamos com termos como: sertão, seca, estiagem, sol quente, sertanejo, pobre, fome, papo, desfavorecidos, lágrimas, chora, pranto, cinza-pedra, moribundos, fracas, vulneráveis, nua, fraqueza, calamidade, sobrevivência etc. Por fim, no campo significativo da política-institucional associado à sociedade, à burocracia e/ou à corrupção, podemos incluir as seguintes expressões: poderosos “donos”, “carcará de terno”, carro, negocia, indústria, decretos, emendas, empréstimos, obras faraônicas, desviar dinheiro, fome, político, papo, verbas, poder, investimento, povo, voto e estado. Logo, toda a estrutura textual gira em volta desses campos semânticos que constroem o sentido geral do texto.

Adicionalmente, certas palavras atuam transitoriamente nos eixos, pertencendo ao mesmo tempo às três esferas, funcionando como elementos edificantes da crítica social. Dispomos de dois principais, os termos “FOME” e “PAPO”. O vocábulo “FOME” percorre no sentido biológico original, a necessidade física de se alimentar, ultrapassa o rol geográfico, neste sendo causada pelo fenômeno climático da seca, e desemboca no uso político como ferramenta de controle e domínio social dos mais carentes. A fome se torna artefato potencial, maior trunfo para governantes mal intencionados que pretendem se manter no controle e no poder. Similarmente, o léxico “PAPO” transita originalmente como parte anatômica da ave de rapina, que se enche de comida na seca, cenário que permite a ação dos predadores, para o “papo” do político corrupto que acumula capital ilícitos, que se fartam da miséria do povo, suas presas.

Ante o exposto, continuaremos nossa análise partindo para o recurso estilístico principal, aquele que permeia todo o texto. A crônica, em sua

crítica social, é estrutura a partir de uma metáfora³, explicitada já no título “Carcará de Terno”. O carcará⁴, animal real, e o político corrupto são vistos pelo mesmo símbolo imagético, o prototípico do predador. O cronista determina que ambos se aproveitam da vulnerabilidade dos outros, animais e pessoas, em proveito próprio, ambos matam para se manter no topo da cadeia, seja ela alimentar ou de poder. Assim, dispõe que a ave “se alimenta da fome” e “usa da covardia quando a oportunidade lhe aparece”, se valendo da seca para atacar presas indefesas e frágeis, “chegando à estiagem as crias já fracas e vulneráveis são seu almoço”. Da mesma forma age o político que “usa da falta de chuva para alimentar-se de frágeis presas, os pobres”. Afirmando que parte dos governantes tiram vantagens das secas que castigam o solo e a população nordestina, desviando dinheiro destinado para benefícios sociais, iguala-os ao animal, “o papo dessas aves de rapina são alimentados com a miséria de suas presas, o povo”.

É nesse contexto que reside a crítica do texto. A ação do bicho faz parte do seu instinto animal para sobreviver, já o homem se veste de desumanização se aproveitando da escassez e da falta de chuva para enriquecer, para se perpetuar no poder, fato que o autor denominou de “indústria da seca”, pois o fenômeno climático se transformou em um negócio lucrativo para as elites políticas a quem chamou de “carcará hodierno”. E isso porque ferramentas que deveriam ser usadas para mitigar o sofrimento do povo – medidas e decretos de emergências, emendas para

3 Pertencente ao grupo das Figuras de Palavras ou Figuras Semânticas, a metáfora é uma figura de linguagem que representa uma comparação implícita (sem usar termos comparativos) entre dois elementos, onde uma palavra ou expressão apresenta sentido diferente do literal, um sentido simbólico ou conotativo.

4 Nome científico: *Caracara Plancus* – espécie de ave de rapina da ordem dos *Falconiformes*. Mede em torno de 50 a 60 cm, tem bico encurvado, alto e cortante e apresenta um penacho preto na cabeça. Considerado um parente distante dos falcões, o Carcará é um animal solitário e oportunista, pois se alimenta de quase tudo que encontra.

obras, liberação de verbas – são deliberadamente desviadas para benefício particular, corrupção institucionalizada.

Dentro do universo semântico das figuras de linguagem, podemos destacar ao menos mais duas de que o cronista se serve para a construção textual: a personificação/prosopopeia⁵ e a ironia⁶. A personificação é usada para atribuir representação dramática à natureza, simulando as mazelas sociais e humanas na própria paisagem sertaneja. Assim, discorre que as nuvens choram e o fenômeno climático que assola o sertão impende que a chuva molhe o chão – “os pingos de chuva são reles *lágrimas de uma nuvem* que a seca não deixa molhar o chão”. Vejam que a personificação das nuvens e da seca vem através de aspectos que refletem o sofrimento dos sertanejos. O sol também assume uma postura de cúmplice da opressão, “o sol quente com um falso *cavaleirismo*, ao secar as lágrimas das nuvens, representando a hipocrisia humana. E a caatinga adota a personalidade de mãe cruel e severa que “deixa nua a planície denunciando seus filhos rebeldes”, e é capaz de os devorar. Essa humanização da natureza já prepara o leitor para a similar personificação do Estado, que mais à frente aparece no texto como sendo uma mãe desumana e omissa, “*despidos do manto protetor da mãe Estado que lhe vira as costas a cada seca*”, enfatizando a negligência estatal para com os mais necessitados.

A ironia aparece como a mola propulsora do desfecho da crônica. Previamente o autor utiliza essa figura de linguagem para alfinetar e desmascarar as argumentações do “carcará político” que justifica as ações, pedidos de liberação de verbas e investimentos, como sendo

5 Figura de linguagem pertencente ao grupo das figuras de pensamento que consiste em atribuir características, ações ou sentimentos humanas a seres inumanos, objetos ou abstrações.

6 Figura de linguagem (figuras de pensamento) que consiste em dizer o oposto do que se pensa, ou seja, se utiliza de uma palavra ou expressão com sentido antagônico para dar mais destaque ao discurso.

necessárias para sanar “a fome dos seus irmãos (ainda que para isso, centenas deles tenham que viver na pobreza[...])” para que ele conserve a dependência dos sertanejos e se assegure no poderio. E o ponto culminante do sarcasmo sucede-se no final do texto: “Assim é o carcará de terno, o carcará hodierno, o carcará *“de bem”*”. A ironia neste ponto, evidenciada pelo uso das aspas, é empregada para criticar o falso moralismo e a hipocrisia daqueles que lucram com a perpetuação das mazelas sociais que assolam o sertão nordestino e sua população. Depois de feitas estas breves observações no terreno das figuras de linguagem, adentremos aos diálogos que a crônica faz com outros textos. Aqui, em especial, destacamos a rica intertextualidade que o texto estabelece com a cultura brasileira, em especial com a cultura nordestina e a Música Popular Brasileira (MPB), quando faz referência direta à famosa canção “Carcará”, escrita pelo compositor maranhense João do Vale⁷, em parceria com José Cândido, em 1964, início da Ditadura Militar⁸, e bastante conhecida na voz da intérprete e célebre Maria Bethânia.

Carcará
Lá no Sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião
Carcará quando vê roça queimada
Sai voando e cantando
Carcará
Vai fazer sua caçada

7 João Batista do vale (1934-1996) – Reconhecido como o “Poeta do Povo”, João do Vale nasceu no Maranhão, de origem simples, mas apaixonado por música, tornou-se músico, cantor e compositor brasileiro. Suas canções misturam ritmos e aspectos nordestinos com crônicas sociais e foram eternizadas por grandes vozes da MPB.

8 Regime autoritário instaurado no Brasil em março de 1964 e perdurando até 1985, período marcado por intensa censura, perseguição, prisão, tortura, morte e restrições de direitos políticos para quem fizesse oposição ao governo vigente.

Carcará
Come inté cobra queimada
Mas quando chega o tempo da invernada
No sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim não passa fome
Os burrego que nasce na baixada
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Não vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem
Carcará
Pega, mata e come
Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho num pode andar
Ele puxa no imbigo inté matar
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Não vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Carcará
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Não vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem
Carcará

Pega, mata e come (Vale; Cândido, 1964)

Tal como na música, onde o “carcará lá no sertão...É um pássaro malvado... Carcará pega, mata e come”, o escritor mantém a concepção de ave de rapina implacável, predadora, que mata para se alimentar e que se aproveita covardemente das oportunidades que aparecem. Todavia, cria uma inovação semântica ao empregar o termo para definir o personagem institucionalizado que veste terno.

Para encerrar a apreciação do texto, chamamos a atenção para o uso que o cronista faz de um recurso gráfico simples, mas que confere à crônica literariedade poética. E este artifício nada mais é do que a separação silábica, neste caso expressiva. Ao encerrar o penúltimo parágrafo do texto, listando os bens básicos de consumo que são convertidos, obrigatoriamente pela carência imposta ao cidadão que perde sua capacidade de escolha ética, em moeda de troca pelo voto, “vale alimentação, vale saco de cimento, vale água, vale botijão de gás”; o autor conclui com a fragmentação da palavra “*vale so-bre-vi-vên-cia*”. A separação silábica com hífens obriga o leitor a desacelerar a leitura, pronunciando de acordo com o compasso gráfico, simulando o ritmo da respiração arquejante, ofegante, com dificuldades para respirar ou no limite do esgotamento físico. A segmentação da palavra reflete a esfacelamento da dignidade humana e dos direitos básicos do cidadão necessitado, que se ver coagido pela corrupção eleitoral institucionalizada da comercialização do voto, a abandonar seus princípios morais para sobreviver de migalhas imediatas.

É por todos esses aspectos linguísticos, estilísticos, poéticos, transição do simples e natural para a crítica social, para o universal, que a crônica é um gênero literário tão interessante, com espaço institucionalizado na literatura e na preferência dos leitores “comuns” e dos amantes da leitura.

3. LETRAMENTO LITERÁRIO: PROPOSTA DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Adaptar um texto com elevado grau de posicionamento crítico como a crônica “Carcará de Terno” no contexto da sala de aula requer um robusto conhecimento do letramento literário e uma sólida mediação didática, principalmente diante de um certo apagamento imposto ao ensino de literatura em nossas escolas. Conforme defende Rildo Cosson (2009) esse ensino esbarra em entraves como “falta de um objeto próprio de ensino” (p. 23) que vença a “noção conteudista” (p. 23); carência de abordagem pedagógica que quebre “o círculo da reprodução ou da permissividade” (p. 23), e “permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige” (p. 23); e por fim, uma compreensão de que “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (p. 23). O fato é que o processo de ensino e aprendizagem precisa dar à literatura sua devida importância e permitir que ela exerça sua real função: humanizar através do manejo construtivo das palavras.

Sob essa ótica, Antonio Candido (2011) preconiza que a literatura é uma necessidade universal e essencial inerente aos indivíduos, integra o cotidiano das pessoas e opera como agente crucial de humanização e emancipação crítica. Sendo assim, se a literatura “corresponde a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p. 177). Nesse sentido, negar aos estudantes, principalmente das camadas sociais menos favorecidas, o acesso à compreensão profunda do texto literário denota perenizar e reproduzir a exclusão social e a má distribuição de bens essenciais e culturais, crítica abordada no enredo da crônica aqui referenciada. Ainda segundo Candido (2011) “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (p. 193).

Dando continuidade aos pensamentos críticos de Antonio Candido nessa defesa da literatura como um bem necessário para o desenvolvimento, social, ético e intelectual do homem, com um “grande poder humanizador”, vale ressaltar seu conceito de humanização:

Entendo aqui por humanização (já tanto tenho falado nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

Contudo, para que a literatura desempenhe seu papel humanizador na educação básica, faz-se necessário que se dissolva impreterivelmente o ensino pautado em abordagens cronológicas e regras gramaticais, que, em sua maioria, ofertam textos fatiados. De preferência, que o contexto escolar trabalhe o processo de leitura atrelado à teoria da subjetividade, assegurando ao estudante o direito de reconstruir os sentidos do texto a partir de suas acepções de vida, com base em suas vivências e afeições. Ou seja, afastar o aluno dessa representação passiva e abrir caminhos para uma atuação e formação ativa e responsiva. A leitura literária exige a ativação de um espaço interior de diálogo, em que a experiência ficcional altera e amplia a percepção da realidade do próprio leitor. E, como aponta Rildo Cosson (2009), “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (p. 27).

Nessa conjuntura o posicionamento e os procedimentos adotados pelo professor são essenciais para a efetivação da leitura literária e para a formação do leitor. O docente não pode se deixar influenciar por tradicionais metodologias que cultuem os cânones literários, transformando as obras em objeto de veneração inviolável e/ou perpetue a redução do ensino de literatura à cronologia dos movimentos literários. Cabe ao professor elaborar diversos meios para estabelecer comunicação real, um entrosamento que projete significação entre o texto e o aluno. Como bem sustenta Cosson:

[...] é seu dever (do professor) explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos (Cosson, 2009, p. 29)

O professor não pode atuar como um mero entregador de textos; ele precisa realizar a leitura prévia e verticalizada da obra, posicionando-se como um leitor aprofundado em suas reflexões estéticas e filosóficas. Somente um professor-leitor, capaz de perceber as sutilezas da interpenetração semântica e das marcas expressivas do texto, neste caso em específico da crônica, possui o instrumental necessário para mediar e estimular a formação do leitor literário autônomo dentro da escola.

Diante disso, para a projeção da crônica “Carcará de Terno” em sala de aula, sugerimos a formulação de sequências didáticas baseadas nas contribuições de Cosson (2009), que sugere um processo sequencial que envolva “três modos de compreender a leitura: antecipação, decifração e interpretação” (p. 40) e com base na metodologia dos *Círculos de Leitura*, encontradas em *Círculos de leitura e letramento literário* (2014) e *Como criar círculos de leitura na sala de aula* (2021).

A proposta é uma sequência estruturada em etapas, em que, na primeira etapa, os alunos devem ter uma preparação (antecipação), um primeiro contato com um traço do texto, que, nesse cenário, poderia ser a reprodução da canção “Carcará”, já citada anteriormente, ou uma discussão inicial para sondar o que os alunos sabem sobre a ave carcará e sobre a realidade da seca no sertão nordestino. A segunda etapa (decifração) deve convidar o estudante a conhecer a crônica, o que pode se dar através de uma leitura prévia do professor, seguida de provocações reflexivas e um debate democrático que garanta a manifestação da subjetividade dos envolvidos. Nesta fase deve-se destrinchar o texto, buscar os fatos do cotidiano, investigar as palavras e seus campos semânticos, as figuras de linguagem, os recursos linguísticos e estilísticos e os sentidos construídos, as intertextualidades ou conversas com outros textos (sugestão de texto para dialogar: canção “Chuva de Honestidade”, de Flávio Leandro). E na última etapa, momento de concretizar a aprendizagem (interpretação), que se pode dividir a experiência em dois pontos focais: textualização e avaliação. A primeira trata-se de uma produção criativa, em que se produza uma resposta estética ao texto lido (pode ser um cordel, uma foto poema ou até mesmo outra crônica). E por fim, o compartilhamento das produções para a turma, momento em que se concretiza a apreciação. Assim, o processo de ensino englobou o engajamento, a capacidade de articulação crítica e a exteriorização subjetiva de cada aluno e viabiliza uma aprendizagem concreta e dinâmica.

DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

A apreciação da crônica “Carcará de Terno” salienta quão grande é o gênero crônica, distante daquela definição do ilustre Antonio Candido (2003) de configuração menor, mas em consonância com seu pensamento da ampla dimensão social que alcança, representando um solo farto para o campo das pesquisas linguísticas e constituinte significa-

tivo de aproveitamento nas intervenções pedagógicas inovadoras que visam a transformação. É inegável como o autor da crônica conseguiu construir uma crítica social acentuada sobre os meios sistêmicos que reproduzem a desigualdade social, o clientelismo político e a negligência estatal que assolam a região nordeste, fazendo uso da junção de eixos semânticos diferentes e se servindo de recursos linguísticos expressivos.

Por conseguinte, o estudo deste texto na educação básica, no chão da sala de aula, de preferência por meio dos círculos de leitura, proporciona que o ensino de Língua Portuguesa viabilize a literatura o exercício do seu papel, facilitando que ela exerça com nobreza sua função social, humanizar, além, é claro, de assegurar ao estudante o direito à leitura/literatura. Ademais, se realmente queremos formar leitores literários críticos e atuantes socialmente, capazes de identificar os “carcarás de terno”, os “carcarás hodiernos”, precisamos promover o letramento literário e transformar o ato de ler em uma prática consciente de cidadania.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. pp. 171-193.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2021.

FURTADO, Flávio Leandro. *Chuva de Honestidade*. Musixmatch, [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/flavio-leandro/chuva-de-honestidade> . Acesso em: 1 jul. 2026.

RAMALHO, Christina. *A literariedade da crônica de Rubem Braga*. Revista Interdisciplinar. Ano 5, v.10, jan-jun, 2010.

SILVA JÚNIOR, Aécio. Carcará de terno. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael (Org.). *Todas as águas: crônicas*. Natal/RN: Lucgraf, 2019.

VALE, João do; CÂNDIDO, José. *Carcará*. Rio de Janeiro: Philips, 1964. 1 faixa sonora.

“DAS ÁGUAS QUE FARTAM” AO “SER TÃO PURO”: UMA ANÁLISE DO ELEMENTO ÁGUA EM DUAS CRÔNICAS

*Patrícia Anjo da Silva Almeida**

1. INTRODUÇÃO

No artigo será realizada uma análise de duas crônicas de autores brasileiros, que abordam o elemento água em diferentes apresentações a partir da utilização de diferentes recursos linguísticos, dentre eles figuras de linguagens. As duas crônicas integram a Coletânea “*Todas as águas: crônicas*” organizada por Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho, Rafael Senra, 2019. Feitas as análises partiremos para algumas reflexões sobre o ensino de literatura com foco na presença da crônica na sala de aula, de modo a demonstrar como o discente tenha o contato prévio como leitores e leitoras de crônica.

O objeto de estudo são as crônicas de Carlos Alexandre Nascimento Aragão e de Ana Santana Souza. A primeira, “Ser Tão Puro”, de Aragão embasa a água no sentido literal; a segunda, “Das águas que fartam”, de Souza estabelece uma relação entre a água e as oportunidades para o sertanejo.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar como a água é representada nas duas crônicas, identificando, quais sentidos são construídos pelas figuras de linguagem utilizadas. Feito isso, esses efeitos de sentido nas duas produções serão comparados.

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Colégio Estadual Delmiro de Miranda Britto, Canindé de São Francisco, SE.

Iniciamos destacando que a crônica é um gênero textual muito utilizado para relatar diversos tipos de histórias, especialmente as do cotidiano. Por apresentar características como brevidade, linguagem leve e comunicativa é capaz de atrair o leitor tanto por sua literalidade como pelas simbologias, que traz de acordo com Antônio Candido (1993 apud Ramalho, 2012, p.137), a crônica é definida de forma canônica da seguinte forma:

Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade: e sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Candido, 1993, p.24 apud Ramalho, 2012, p.137)

Com o passar dos tempos, a crônica foi expandindo e ampliando a sua função, uma vez que grandes autores passaram a se interessar pelo gênero. No Brasil, chegou por meio de folhetins com textos breves, que eram publicados em jornais por escritores consagrados, como Machado de Assis, por exemplo. De acordo com Candido (2003, p.89)

Crônica não é um “gênero maior”. [...]

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. [...]. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação

sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 2003, p.89)

É justamente essa humanização que encontraremos nas crônicas dos dois cronistas brasileiros em foco. Mesmo possuindo abordagens ao elemento água baseadas em contextos diferentes, elas nos permitirão perceber como o gênero permite que se aborde e problematize a questão da água em suas diversas dimensões, sob múltiplas perspectivas. Além disso, identificaremos quais recursos estilísticos utilizados nas crônicas, principalmente para apresentar questões paradoxais, envolvendo as relações do homem com a água.

De acordo com Sabino (1965, p. 174 apud Araujo; Barbosa 2013, p. 327), a magia da crônica é “recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida [...] visa ao circunstancial, ao episódico” e numa “perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico”. Diante disso, pode-se afirmar que, pelas características do gênero crônica, é possível destacar a sua relevância literária quando relata, de forma inventiva e sensível, histórias diversas do cotidiano, sob diferentes perspectivas que despertam o interesse do leitor, quando se percebe, nas situações apresentadas, uma construção de sentidos que sai além do circunstancial. A crônica ganha, assim, literalidade.

Antônio Candido (2011), em *Vários Escritos* apresenta seu conceito de literatura.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de cunho poético, ficcional ou dramático em todos

os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste e até as formas mais complexas e difíceis das produções escritas das grandes civilizações. (Candido, 2011, p. 176)

Diante disso, é possível afirmar que as pessoas produzem literatura com base em suas vivências, contextos históricos e sociais, utilizando-se de recursos linguísticos diversos, como as figuras de linguagem para expor suas subjetividades de forma literária, através de diversos gêneros. E a crônica se insere nesse contexto de criação.

As crônicas literárias se distinguem das jornalísticas pelo trabalho com a linguagem simbólica. Para compreendermos as figuras de linguagens presentes nas crônicas — como recurso de construção desse caráter mais simbólico — é importante entendermos o conceito de sentido literal e figurado. Segundo Ramalho e Haussman (2018)

A linguagem figurada é o modo como caracterizamos o uso da língua que explora não apenas o sentido imediato do que se quer dizer, mas o potencial de impacto e fixação que o uso de alguns recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos e estruturais pode provocar em relação à recepção do que se diz ou escreve. (Ramalho E Haussman, 2018, p. 27)

Nesse sentido, é possível perceber a importância das figuras de linguagem num texto literário, especialmente na crônica, pois elas apresentam o potencial capaz de enriquecer o texto através das inúmeras possibilidades de explorar a linguagem figurada.

Lembremos que o sentido literal, ou denotativo, corresponde ao significado primeiro e objetivo de uma palavra, isto é, ao seu uso mais direto. Já o sentido figurado, ou conotativo, atribui à palavra

um valor simbólico, que pode variar conforme o contexto e a intenção dos sujeitos envolvidos.

Feitas essas considerações, passamos às análises.

2. “SER TÃO PURO”, DE CARLOS ALEXANDRE NASCIMENTO ARAGÃO

Carlos Alexandre Nascimento Aragão² é professor de Língua Portuguesa no Centro de Excelência 28 de Janeiro, em Monte Alegre de Sergipe. Desenvolve pesquisa em Língua Portuguesa com foco na Análise do Discurso e coordena projetos no campo da poesia, tais como: “A Poesia indo à Escola”, “Plêiade Cavalo-do-Cão” e “De Mãos dadas com a Poesia”. É Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras e da Academia Aquidabãense de Letras, Cultura e Artes. Foi um dos coordenadores adjuntos do projeto “Jovens Cronistas do Sertão”.

A crônica em análise, intitulada “Ser Tão Puro” foi publicada, como dissemos, no livro *Todas as águas – crônicas*, organizado por Christina Ramalho Ítalo de Melo Ramalho Rafael Senra, em 2019 (editora LucGraf, RN). O texto é apresentado de forma breve, organizado em 26 linhas distribuídas em cinco parágrafos. O autor apresenta uma narrativa intimista, em que fala de sua relação pessoal com a água, utilizando-se de figuras de linguagem, para fazer uma reflexão sobre a importância da água em sua vida e nas das pessoas.

A narrativa descreve de forma subjetiva e encantadora as ações promovidas pela água, antes mesmo de citá-la, fazendo uso do pronome “ela”. O narrador também, fala da forma como a água chega em sua vida, deixando o seu dia mais agradável. O autor faz uso de um estilo linguístico focado em diversas figuras de linguagem², especialmente

2 Biografia retirada do livro *Todas as águas – crônicas*, organizado por Christina Ramalho Ítalo de Melo Ramalho Rafael Senra, em 2019 (editora LucGraf, RN)

a comparação, a metáfora, a antítese e a personificação, entre outras. Carvalho (2018, p. 40) define a antítese da seguinte forma:

É uma “figura de pensamento” de fácil compreensão, pois se trata do recurso de apresentar ideias que se opõem. A presença da antítese em um texto pode, por exemplo, ter um efeito didático, na divisão que caracteriza uma abordagem crítica a algum tema. (Carvalho, 2018, p. 40)

Vejamos o primeiro parágrafo:

No silêncio intrínseco do meu eu, ela aparece para reanimar minha incompreensível vida. Sempre vem cheia de energia, tornando o meu dia mais agradável. Ao penetrar no branco do algodão doce, colorindo de cinza o horizonte, rompe as teias açucaradas e desce como uma linda bailarina. Ao tocar ao solo se quebra em minúsculas partículas que saem saltitando como uma criança ao ser agraciada com um pirulito. Seu charme de bailarina se desfaz. Inicia a corrida até o lugar onde ficará reservada por algum tempo. Pena que a sua liberdade logo se transformará em um aprisionamento. Ficaré por algum tempo servindo a todos, mas outros seres agirão com malvadeza.

Logo no primeiro parágrafo, notam-se as marcas de subjetividade, quando o narrador situa a água como uma referência simbólica, utilizando-se da figura de linguagem personificação, capaz de reanimar sua “Incompreensível vida”. Ainda nessa introdução, percebem-se outras figuras de linguagem como o zeugma, a assonância, a comparação, em que ele diz que “as minúsculas partículas que saem saltitando como uma criança ao ser agraciada com um pirulito...”, além da metáfora e da antítese. Ao final do parágrafo, o narrador faz uma declaração sobre a forma como os seres agem com relação à água, até então não citada, literalmente.

Seu charme de bailarina se desfaz. Inicia a corrida até o lugar onde ficará reservada por algum tempo. Pena que a sua liberdade logo se transformará em um aprisionamento. Ficar por algum tempo servindo a todos, mas outros seres agirão com malvadeza.

O segundo parágrafo é iniciado por um zeugma, onde o narrador apresenta as limitações da água com relação as ações dos homens, no sentido de que ela não é responsável — nem pode agir — pelas suas atitudes impensadas, o que podem resultar em consequências gravíssimas, como a falta de água, por exemplo. Seguida de uma frase de impacto, com uso de interjeição.

Continua utilizando-se da comparação e inclui o paradoxo. Vejamos no trecho abaixo:

Não pode reagir por não ter força fora dos seus limites. És útil a todos! Perigosa ao ser desafiada. Sua função a enobrece, criando laços estreitos entre o homem e a vida. Viver sem sua existência é padecer no purgatório. Tão necessária quanto o ar que respiramos. Rica em energia, suave como a brisa do mar.

Nota-se que o autor se utiliza de argumentos para convencer o leitor sobre a importância da água, bem como as consequências da ausência dela. O texto apresenta o poder e a fragilidade desse recurso indispensável à vida de todos os seres, que, segundo o narrador, age com malvadeza, em sua maioria, o que implica diretamente com a sua escassez.

No terceiro parágrafo, o texto traz um argumento novo: a intertextualidade³ com a ciência, a filosofia e a religião. Primeiro, explica a composição

3 É o diálogo entre dois ou mais textos, onde um faz referência, absorve ou transforma outro.

química da água, relacionando a fórmula com Homem, ser pensante, e Oração, apontando a necessidade de conexão com Deus.

Formada por dois elementos químicos que no campo filosófico se traduzem em Homem, ser pensante capaz de transformar mundos, e Oração, ação necessária à vida humana que conduz a conexão entre o homem e Deus.

É interessante como o autor aprofunda os argumentos na medida em que traz elementos novos, que impactam e despertam o interesse do leitor quanto ao final da crônica, ao passo que até o momento o elemento água só aparece pelas inferências durante todo o texto. No quarto parágrafo, ele cita a ordem alfabética das letras H e O para justificar seus argumentos e provar, cientificamente, que está falando da água, pois a diferença de posição entre as duas letras resulta⁴ em dois, numeral presente na fórmula da água, que passa a ser revelada no texto de forma explícita pelo autor

O “H”, oitava letra do alfabeto, e o “O”, décima quinta letra, se energizam ao serem ligadas pelo número 2 e tornam-se um só corpo: água.

Por fim, o narrador utiliza-se da gradação para apresentar as características da água. Em seguida, a voz narrativa faz um questionamento, seguido de um posicionamento e apresenta uma hipótese.

Incolor, límpida, insípida, maltratada, poluída e ameaçada pelo ser que mais precisa dela. O que fazer? Não sei, pois todos sabem que é preciso cuidar e o caminho percorrido é inverso. Talvez o fato de imaginarmos que é infinita nos posi-

4 Recursos expressivos que fogem do sentido literal (denotativo) para enriquecer o texto.

cione em um lugar de conforto que no amanhã será desconfortável.

A abordagem subjetiva que relata situações pessoais; as relações com a ciência e a religião, que fortalecem os seus argumentos e convencem o leitor; o uso de recursos linguísticos como as figuras de linguagens, especialmente a metáfora e a antítese, que são capazes de despertar as emoções do leitor e a provocá-lo a refletir sobre suas ações relacionadas à água, elemento indispensável à vida, todos esses aspectos, em conjunto, permitem que reconheçamos a literalidade da crônica.

3. “DAS ÁGUAS QUE FARTAM”, DE ANA SANTANA SOUZA⁵

Nascida e criada entre os rios Barra Nova e Seridó, em Caicó-RN não aprendeu a nadar, mas aprendeu das águas correntes a não se deixar empoçar demais. Ligando um fio d’água a outro, conseguiu fazer graduação, mestrado e doutorados nas Letras-UFRN. Com o nome aprendido na escola (em casa era Ana Maria) assina os textos acadêmicos: artigos, capítulos e livros (por causa de um deles — *A nação guesa de Sousândrade* — virou Membro da Academia Maranhense de Letras); com o nome de batismo poético, Ana de Santana, assina a poesia que, feito chuva fininha, molha um tico de terra em Danaides (2005), *Em nome da pele* (2009) e *À unha* (2016).

Em se tratando da crônica em análise, “Das águas que fartam”, observa-se que a autora utiliza-se de figuras de linguagem para fazer considerações sobre a relação da água como bem comum e essencial a todos, apresentando a realidade do sertanejo face à falta de água. Além disso, traz uma reflexão sobre como os políticos lidam com essa escassez. Doravante, utiliza o elemento água como simbologia para

5 Biografia retirada do livro *Todas as águas – crônicas*, organizado por Christina Ramalho Ítalo de Melo Ramalho Rafael Senra, em 2019 (editora LucGraf, RN)

representar, também, os benefícios trazidos pelo governo para a população sertaneja.

Antes de introduzir sua abordagem, de forma intimista, a narradora convida o leitor a conhecer um pouco o sertão através da música “Triste Partida” do poeta nordestino Patativa do Assaré, na voz de Luiz Gonzaga, considerado o rei do baião. Vejamos.

Se não sabe ou esqueceu, segue uma dica que, rapidinho, lhe dará uma amostra: ouça as músicas que narram o flagelo da seca. Há uma penca delas, muitas faziam o ouvinte se debulhar em lágrimas. Sugiro que você, antes de prosseguir na leitura, escute, pelo menos, Triste partida, de Patativa do Assaré, na voz de (<https://www.youtube.com/watch?v=-onNm-67BqE>). Luiz Gonzaga

Em seguida, traz uma reflexão de forma emotiva e humana, características utilizadas no gênero crônica, sobre a realidade do sertanejo que vivencia a falta de água. Porém, a narradora deixa claro que não é da água, no seu sentido literal, que ela falará.

Não tem quem não se comova com as histórias de famílias que debandaram da terra natal em busca de melhores dias. Mas não é da seca que quero falar. Falarei das águas que faltam apenas para empoderar a presença, dar a ver as águas que fartam. Não é quando perdemos algo que lhe damos mais valor? Se você nem sabe da existência de uma coisa, ou, por outra, nunca ficou sem ela, vai lá sentir sua falta? Pois pronto, é por aí que segue esta prosa. Só que tem um detalhe: a água que me interessa aqui não é água-água, água no sentido exato da palavra

A narradora apresenta o contexto das consequências da falta de água no sertão, de como resulta em mortes, tanto de pessoas quanto de ani-

mais, plantas e, também, da fé. Logo após, fala da riqueza desse mesmo lugar quando as águas chegam dos céus, trazendo vida, esperança e perspectiva de vida. Inclusive, relaciona a falta ou a chegada da água como recompensa ou castigo divino, segundo as crenças.

A falta d'água, estiagem, seca, como queiram, mata. E não mata só gente não. Mata bicho, planta, fé. É triste a partida, é triste a permanência, mas, se o negócio é chuva, então, colega, o paraíso é na terra. Parece que Deus resolveu perdoar os pecados e abriu as torneiras do céu. Sim, isso mesmo, tudo coisa lá de cima. E haja reza pedindo clemência. Quando começam as chuvas no sertão, meninada grita embaixo das bicas: “abaixe a mão, mãe de Deus”. Por décadas, creditamos nossas águas ou a falta delas, nessa ordem, à recompensa ou ao castigo divino.

Além disso, relata a forma de como o sertão que era visto por outras regiões do Brasil, como um lugar de seca, fome e miséria. Além de apontar a seca como indústria, ou seja, essa realidade alimentava a política coronelística, em que por meio de algumas caridades, as pessoas “vendiam” o seu voto. Aponta que essa temática fez muito sucesso em diversas áreas como jornalismo, arte, política, dentre outras. Inclusive, traz uma reflexão sobre o que a seca gerava para muitos, menos emprego e benefícios para os afetados.

A estética da seca compôs versos, familiarizou personagens, revolucionou o cinema, lotou casas de shows, enfim, colecionou de tudo, entre belezas (quase sagradas) e misérias. A estiagem só não rendia mesmo era estudo e emprego para os ressequidos do sertão de dentro, daquela parte que carece de tudo. Nesses rincões, a fome expulsava a vida. Os retirantes se danavam no meio do mundo em busca de trabalho, mas só conseguiam mes-

mo era vaga de escravo. Era “de pió a pió”, igual a cantiga da perua, como diria Jackson do Pandeiro.

Nota-se que a autora associa a vida dos retirantes nordestinos à escravidão, pois ao chegar em terras alheia — expulsos de sua própria terra pela seca — não há uma realidade favorável para eles, a não ser trabalho e mais trabalho “escravo”. Além da xenofobia, preconceito sofrido pelos nordestinos por parte de pessoas de outras regiões brasileiras.

Mais adiante, a narradora aponta uma esperança para o sertanejo. Não é que a seca tivesse acabado, pois diz que a seca é como se fosse parte do ser humano, no caso do sertanejo, não há como dissociar a seca do sertão, mas trata-se de se pensar em novas oportunidades para os sertanejos, representadas pela autora pelo termo “água”. Nesse sentido, Santana faz uso de figuras de linguagens para falar introduzir uma temática nova comparada à água. Trata-se de benefícios sociais criados pelo governo para propiciar melhores condições de vida e perspectivas para o futuro dos sertanejos. Vejamos no trecho a seguir

Essas chuvas de futuro têm nome: bolsa família, minha casa minha vida, cisternas, institutos federais, universidades, programas de inclusão de tudo quanto é minoria e mais um rosário de medidas que não dá para desfiar agora, mas que dá para comparar com aqueles torós que faz o sertanejo ter esperança de que o inverno vai ser bom.

Percebe-se a amplitude do termo água e de como ela é utilizada na literatura para representar várias temáticas a depender do contexto e da produção de sentido do autor. No caso da crônica em questão, a autora inicia associando o termo água à escassez, tanto no sentido literal quanto ao figurado. Depois, faz associação às oportunidades.

Dessa forma, é notável o uso da antítese pela autora para abordar diversas temáticas que emergem através da palavra água, que possui inúmeros sentidos, a depender do seu contexto e da intencionalidade do autor. No caso de Santana, percebe-se que ela aborda a escassez e a abundância, através do termo água, com propriedade, pois há uma subjetividade exposta. Ela se coloca como uma sertaneja que vivencia todas as questões abordadas na crônica.

Nós sertanejos, todo ano, principalmente depois de uma seca, desejamos, com todas as nossas forças, que as chuvas caiam o suficiente para encher as cisternas, avolumar a correnteza dos rios e sangrar açudes. Sabemos que é preciso uma temporada de chuvas para isso acontecer, mas vibramos com cada biqueira que escorre.

A narrativa da crônica continua discorrendo sobre a escassez e a abundância das águas. Agora, ela dá ênfase maior ao formato como os políticos se utilizam da realidade dos sertanejos para garantirem seus votos

Os coronéis se espicharam com tudo. Falavam em nome da família, da deles, claro, como sempre. Em pouco anos, reuniram séculos de estiagem e a fome começou a nos espreitar em cada esquina. Ficamos meio atordoados, é verdade.

A autora conclui a narrativa falando sobre a realidade do sertanejo que já progrediu muito com políticas públicas voltadas a melhorias de vida do sertanejo e sobre a importância de conhecer a história do seu povo, pois — apesar de toda essa realidade, em muitos casos — parece que algumas pessoas se esquecem da realidade vivida pelos seus familiares e acabam tomando atitudes incoerentes

Pera! Melhor não exagerar, tem nordestino pobre desmemoriado ou que nasceu ontem que não sabe o que significa ter que deixar

seu lugar, seu povo, seus costumes, para viver em outras terras. É por não cultivar a memória do seu povo que ele se revolta com imigrantes que vêm se refugiar no Brasil. Essa é a mais feia e miserável falta de água. Apesar dos bons frutos, ainda há motivos para uma estética da escassez. Ainda é preciso, e talvez nunca deixe de sê-lo, entoar o canto da falta, pintar o desespero de quem só tem filhos para criar e mais nada, dançar sobre o chão de pedra da ignorância.

Apesar das melhorias trazidas para o sertanejo em forma de políticas públicas, aponta que são necessárias “muitas chuvas”, ainda, para que o sertanejo possa continuar vivendo em suas terras da melhor forma possível, usufruindo de suas riquezas naturais e de conhecimento, sem precisar ser retirante em seu próprio país, inclusive, consciência de classe.

É indispensável muita chuva nas escolas para que o pobre saiba exigir seus direitos e o remediado e o rico entendam que só viveremos em paz quando não houver pobreza. Muita água haverá de correr ainda para que esse mesmo povo sofrido exercite a empatia. Esse nível de igualdade e consciência ainda demoraremos a alcançar, mas se não houver resistência, se não exigirmos medidas para a volta das águas que regam o futuro, e com mais intensidade, nunca chegaremos lá. É preciso reinventar a chuva com nosso suor, lágrimas e salivas. Pensemos como Clarice Lispector em *Água viva*: “o que vai ser já é”.

Diante das análises da crônicas *Ser Tão Puro* e *Das águas que fartam*, respectivamente de Carlos Alexandre e Ana Santana, percebe-se que os autores fizeram uso de alguns elementos em comum nos textos literários, como o termo água e a utilização de figuras de linguagens — a metáfora, comparação, antítese, especialmente — objetivando provo-

car reflexões sobre a importância da água, tanto no sentido literal quanto figurado, em diversos contextos e realidades.

Na primeira crônica, nota-se que o autor apresenta questões subjetivas, faz uso de figuras de linguagem, fundamentação científica e abordagens religiosas para convencer o leitor sobre a importância da água, no sentido literal, para sobrevivência. Percebe-se uma sequência lógica de situações e de argumentos, com inclusão de elementos novos, que prendem a atenção do leitor, de imediato, por despertar curiosidade. Além de provocar reflexões sobre como as pessoas fazem uso da água em seu cotidiano e sensibilizá-las quanto a essa prática.

Na segunda crônica, por sua vez, a autora utiliza o termo água no sentido figurado para apresentar inúmeras temáticas relacionadas ao sertanejo, desde a escassez de água, propriamente dita, como a escassez de oportunidades de trabalho, conhecimento, políticas públicas voltadas a realidade do sertão. Além de como os alguns políticos utilizaram e continuam utilizando “a indústria da seca”, em prol de interesses próprios, como o voto eleitoral, por exemplo.

Vale dizer que as estratégias linguísticas utilizadas pelos autores, firmadas em subjetividade e utilização de figuras de linguagem, cumpriram seu papel na construção de sentido, uma vez que, contextualizaram o elemento água em seu sentido literal e figurado, respectivamente. Enquanto a primeira ocupou-se de abordar a água como elemento indispensável à vida, a segunda voltou-se para utilizar a água para representar escassez e abundância de direitos do sertanejo.

Através dessa análise, nota-se a literalidade presente nos textos literários *Ser Tão Puro e das águas que fartam* através da subjetividade dos autores, bem como dos recursos estilísticos utilizados por eles para abordar um mesmo termo, no caso a água, porém com sentidos e obje-

tivos distintos, pois cada um apresentou contexto e intencionalidades opostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CRÔNICA NA ESCOLA

Através da realização da análise dos textos literários *Ser Tão Puro e das águas que fartam*, com foco em suas abordagens e utilização de recursos estilísticos, que possibilitaram dimensionar o elemento água em diversas perspectivas e contextos, foi possível reafirmar a relevância do gênero crônica no contexto escolar por contribuírem de forma significativa para o letramento literário.

Nesse sentido, é importante considerar o que defende Cosson (2009) sobre a forma como a escola trabalha a literatura. Para o autor, o simples ato de ler não pode ser compreendido como letramento literário. É necessário ir além, e utilizar o potencial da literatura na formação crítica e humana do leitor, de modo que ele seja inserido em práticas de leitura que lhe permitam compreender, interpretar e vivenciar os textos de forma significativa.

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (Cosson, 2009, p.26)

Percebe-se a necessidade de um tempo maior dedicado à literatura, tendo em vista que a maioria dos estudantes só tem acesso a livros na

escola. Além do que nem todas as escolas possuem biblioteca ou sala de leitura, o que aumenta a urgência de se trabalhar a literatura literária no contexto da sala de aula para incentivar os alunos a essa prática, a fim de oportunizá-los a vivenciar esse universo, de modo que se tornem leitores críticos, capazes de relacionar suas experiências de mundo ao letramento literário.

Assim, diante da evidente e imperiosa urgência em pensar a aproximação entre educação e literatura e entre literatura e educação, [...] é necessário reafirmar a constatação de Cyana Leahy (2000), quando diz que a educação literária requer mudanças nas macroestruturas de poder educacional e, simultaneamente, que três pontos parecem relevantes para a transformação das práticas de educação literária: garantir a (ou se esforçar pela) apropriação das ferramentas críticas para o fortalecimento do leitor; democratizar as salas de aula de literatura; e reconhecer o poder político-pedagógico da literatura. (Dalvi, 2013, p. 76)

É importante destacar que a literatura oralizada já faz parte do universo dos estudantes, uma vez que em seu contexto familiar é comum, na maioria dos casos, a presença da narrativa oral que vai sendo passada de geração em geração. Dessa forma, é necessário rever, urgentemente as práticas leitoras no contexto escolar, selecionar textos de forma estratégica, como a crônica, por exemplo, a fim de incentivar a leitura, aproximar os leitores a esse universo leitor e promover o letramento literário. Vejamos o que diz Menegassi, 2010.

A leitura também consiste em uma prática social porque o sujeito leitor e o sujeito autor revelam na leitura marcas da individualidade e do lugar social de onde provêm. Então, estabelece-se, durante o ato de ler, uma relação de intersubjetividade entre leitor e texto, determinada sempre pelo contexto de sua rea-

lização. Neste sentido, essa relação pode simplesmente ser direcionada pelo professor, quando este não tem o conhecimento dos vários conceitos de leitura. Por isso, é fundamental ao professor saber quais os conceitos de leitura que perpassam o sistema educacional brasileiro, para poder identificar e saber orientar o aluno de maneira adequada na construção da leitura. (Menegassi, 2010, p.25)

Portanto, a crônica é um gênero capaz de promover práticas de leitura que articulam linguagem à subjetividade do leitor, possibilitando a ele autonomia, sensibilidade e reflexão crítica, ao aproximá-lo da sua realidade e ampliar sua compreensão de mundo. Nesse sentido, cabe à escola e ao professor possibilitar vivências literárias que vão além da simples decodificação do texto, solidificando a literatura como um direito, uma prática social e um importante instrumento de formação e transformação humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristiane Menezes de; BARBOSA, Sara Rogéria Santos. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. Interdisciplinar, Itabaiana, ano VII, v. 17, p. 327, jan/jun 2013, p. 327. Disponível em: CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE LEITORES Cristiane Menezes de Araújo1 Sara Rogéria Santos Barbosa2 – Pesquisar.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, Antônio. Para gostar de ler; crônicas. V. 5. São Paulo: Ática, 2003. P. 89.

CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2011, p.117.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: Teoria e Prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 26.

DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia de.; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.). Leitura de Literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. p. 76.

MENEGASSI, Renilson José (Org.). *Leitura e Ensino*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 25.

RAMALHO, Christina. *Todas as águas: crônicas*. / Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho, Rafael Senra. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019, p. 22-30.

_____. *Por um texto todo meu: teoria e prática em produção textual: livro 3*. / Christina Ramalho; Raphael Haussman. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2018, p. 27 e 40.

OS MÚLTIPLOS OLHARES DO COTIDIANO: A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE EXPRESSÃO SUBJETIVA EM SALA DE AULA

*Priscylla Silva Godoy**

*Washington Luís de Almeida Santos***

1. INTRODUÇÃO

Pautada por uma linguagem de fácil apreensão e com a temporalidade marcada por fatos do dia a dia, a crônica se estabelece como um gênero de extensão concisa se a compararmos, por exemplo, ao romance, haja vista a capacidade deste último de, no escopo de uma mesma trama, articular múltiplos conflitos e situações dramáticas. Ainda que se estabeleça esse contraponto entre os dois tipos de narrativa, e mesmo que a efemeridade seja a característica predominante da crônica, registros históricos de viagens, relatos do cotidiano e impressões pessoais sobre situações corriqueiras – frequentemente “deixadas de lado” – são elementos que suscitam a escrita cronística, o que permite considerar que “tudo” cabe em uma crônica.

É por caber “tudo” na crônica que o leitor se sente mais próximo e íntimo desse gênero, já que o dia a dia é sensibilizado por uma linguagem que, embora despretensiosa, fala, com certa profundidade de significa-

* Mestranda do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Graduada em Letras Português/Inglês – UFAL. Professora do Instituto Federal de Alagoas – IFAL. priscylla.godoy@ifal.edu.br

** Graduado em Letras Vernáculas. Pós-graduado em Cultura da Língua Espanhola. Mestrando do Profletras da Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana-SE. Servidor Público SEDUC/AL, Professor na Escola Estadual Prof. José Félix de Carvalho Alves. wassantos395@gmail.com

do, aquilo que está próximo da nossa forma de ser mais natural, revelando sua capacidade de humanização (Candido, 2003). Vale lembrar que o modo como as situações do cotidiano são aprofundadas pela linguagem da crônica foi sendo incorporado pelos autores da literatura, ao longo do tempo, haja vista o caráter meramente informativo que ela possuía até a Idade Média. É, pois, a partir do século XIX, que a crônica ganha “maior valor simbólico” e se desprende dessa “função informativa” (Ramalho, 2012, p. 137-138), sobretudo no Brasil, quando, em forma de folhetins, integrava os jornais do período oitocentista.

Alcançar um alto valor simbólico partindo do que é corriqueiro é o que atribui literariedade à crônica. Despertar em uma manhã de sol, ouvir o canto dos pássaros, tomar um café na sacada de um apartamento e ver o movimento acelerado da cidade são situações que, ao integrarem o enredo de uma crônica, por meio do trabalho com a linguagem, permitem que o leitor transponha o sentido referencial do que está escrito para uma dimensão poética. Dessa forma, ele deixa a condição de um mero receptor de informações para adentrar uma experiência estética de fruição.

De acordo com Ramalho (2013, p. 362), “após ler-se uma crônica literária tem-se a impressão de que algo além do cotidiano (ou seja, algo que parte dele, mas nele não se esgota) permanece e desafia”. Partindo dessa afirmação, a análise que aqui será feita versará sobre uma crônica extraída do *e-book Todas as Águas*, que tem como organizadores Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra e foi publicado em 2019 pela editora Lucgraf. O livro, composto por crônicas de escritores oriundos de todas as regiões do Brasil e de duas escritoras cabo-verdianas, utiliza o elemento água como ponto de partida para a criação dos textos que, para além da apresentação de um mero elemento de uso corriqueiro, a ela conferem uma carga de simbologia que ultrapassa os limites da denotação para assumir uma gama de sentidos

construídos a partir de diferentes experiências, confirmando a impressão de que fala Ramalho (2013) sobre a crônica literária, apontada no início deste parágrafo.

Na crônica “Chuva, chuvas”, de Éverton Santos, analisar-se-á o emprego de recursos linguísticos que aproximam o texto do leitor. Essa proximidade promove uma imersão na simbologia poética construída pelo autor, que evoca as distintas experiências e sentidos que a chuva, como fenômeno, pode proporcionar a indivíduos em diferentes realidades. Além disso, a análise nos levará às considerações abordadas por Candido (1995), Rouxel (2012) e Cosson (2014) a respeito da importância que a literatura demanda no processo de humanização do ser e da importância da prática da leitura do texto literário com vistas a promover a expressão do sujeito leitor no desenvolvimento do letramento literário.

2. O DIZER SEM DIZER TUDO: O ZEUGMA E A ELIPSE COMO RECURSO ESTILÍSTICO?

O pensamento mítico sempre fez parte da concepção de mundo apresentada pelas grandes civilizações humanas na Antiguidade. Na cultura ocidental, a tradição grega se insere como o centro da formação epistêmica, tornando-se o fundamento principal do pensamento construído nas várias áreas do conhecimento, da Antiguidade à atualidade. Dentro desse contexto, para simbolizar o fluir do pensamento que é capaz de moldar a percepção do outro sobre a realidade, a oceânide Peitho – filha dos titãs Tétis e Oceano – mitifica a persuasão no imaginário grego (Bravo, 2020). Essa alegoria estabelece a comunicação persuasiva como base para o que vem a ser o desenvolvimento da retórica clássica, no contexto em que as concepções de mundo e de seu funcionamento deixam seu caráter mítico para integrar o pensamento filosófico. Bravo (2020, p. 12) afirma que “Ser hábil no persuadir, portanto, não era visto

como mérito do orador ou resultado de sua dedicação à arte da Retórica, mas indício de sua participação nas honras da deusa”. No entanto, a partir do surgimento do método filosófico, a persuasão passa a integrar a faculdade da razão humana, perdendo sua caracterização divina.

A Retórica que, em seu surgimento na Antiguidade Clássica, estava voltada para a funcionalidade jurídica e política da *pólis*, passa por profundas mudanças no que se pretende estudar e analisar e expande-se para o que vai além do discurso pautado estritamente por argumentos lógicos e emocionais. Integrando o pensamento da cultura grega, Aristóteles desenvolve sua Retórica apresentando nela partes que compõem o discurso. A terceira delas é a *elocutio* (elocução, léxis ou estilo), é nela que a língua e o estilo se unem na sistematização das figuras de linguagem. “A elocução é, pois, o ponto em que a retórica encontra a literatura. Todavia, antes de ser uma questão de estilo, diz respeito à língua como tal” (Reboul, 2004, p.61 *apud* Dos Santos, 2008, p. 87). Pela abordagem traçada até agora concluímos que é no encontro entre a retórica e a literatura que se pode identificar o surgimento da utilização de figuras de linguagem como recurso estilístico de um texto, seja ele oral ou escrito. “A retórica, [...] embora tivesse grande importância, não era uma disciplina científica para a antiguidade como a estilística é para a modernidade. Tratava-se do ato de saber falar para persuadir, envolver e convencer nas esferas política e judiciária” (Costa, 2013, p. 51). Por outro lado, considerando a teoria de Leo Spitzer analisada por Costa (2013, p. 54), a Estilística, que vai se instaurar como disciplina ligada à Linguística,

forma uma ponte entre a Filologia e a Literatura. Spitzer parte de reflexões psicologistas de entendimento do estilo como desvios da linguagem em relação ao uso comum. Nesse sentido, o estilo de um escritor reflete seu mundo interior, a sua vivência. Influenciado pela concepção de linguagem como expressão do pensa-

mento, o método de Spitzer acreditava ser possível, por meio de análise sistemática e exaustiva de traços estilísticos, chegar-se à intenção do autor.

Esses recortes teóricos acerca do que a tradição helênica apresenta – desde as alegorias míticas até as conceituações filosóficas – e do que a estilística moderna assume como objeto de estudo, foram apresentados para que possamos considerar que, da retórica clássica à estilística moderna, as figuras de linguagem sempre integraram o plano das diversas formas de expressividade como forma de singularizar o que cada sujeito pretende enunciar, sobretudo no contexto da escrita literária.

É, então, no campo literário, que a elipse e o zeugma – a primeira que, classificada como “figura de construção” é “identificada pela ausência de um termo oracional que, mesmo não mencionado anteriormente, é de fácil entendimento” (Ramalho; Haussman, 2018, p. 59); o segundo, “é um tipo especial de elipse, que se caracteriza pela omissão de termos já anteriormente referenciados” (Ramalho; Haussman, 2018, p. 60) – herdado, da Retórica e da Estilística, o objetivo de estabelecer, em uma narrativa, a concisão que se espera na construção de uma crônica, além de a ela atribuir a elegância e os efeitos de sentido pretendidos pelo autor, revelando seu estilo de escrita.

Utilizando-se da concisão textual, Éverton Santos estrutura a narrativa de sua crônica, “Chuva, chuvas”, em apenas três parágrafos, que juntos totalizam dezoito linhas, o que confere ao texto uma leitura fluída e breve, mas com profundidade de sentidos pela utilização de recursos estilísticos que vão metaforizar a existência (ou inexistência) da chuva – e o que dela decorre – associada à existência do ser. Observemos, neste momento, as marcas de concisão do texto. Nos dois primeiros parágrafos da crônica:

Eu considere que água que cai do céu não tem apenas uma interpretação. Para quem no aconchego do lar, chuva é vida; para quem em situação de rua, é perigo de vida. Para quem toma banho de chuva, é purificação; quando a chuva é ácida, corrosão. Chuva, quando cai no rio, o transborda, é bonança; chuva sobre o mar não o adoça, não faz diferença. Porque chuva não é uma coisa só, existe a metafísica da chuva.

Eu considere que chuva, quando cai no sertão, é vida nova por alguns meses antes da nova seca; quando cai na cidade, por vezes é inundação e caos. Se chove quando morre alguém, dizem estar lavando os pecados ou que é o céu que chora; mas se chove em dia de praia, em feriado prolongado, diz-se que é azar, gera-se frustração. É que chuva não chove de um jeito só, cada gota tem um peso: tanto é que, se pouca, garoa; se muita, tempestade. (Santos, 2019, p. 48)

Na transcrição desse trecho, observemos como o emprego da elipse, que omite o verbo “estar” (segundo e terceiro períodos do primeiro parágrafo), e do zeugma, que omite o substantivo “chuva” (terceiro período do primeiro parágrafo e nos dois últimos períodos do segundo parágrafo), atribui fluidez à leitura inicial do texto. Candido (2003, p. 89) afirma que “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”, nesse contexto, a fluidez adquirida pelo emprego das duas figuras de construção supracitadas leva o leitor a adentrar na dimensão da linguagem breve das informações da crônica, assim como está inserido nas breves conversas e ações do dia a dia. Dessa forma, esse mesmo leitor é chamado a perceber como o texto lido “se ajusta à sensibilidade de todo o dia” (Candido, 2003, p. 89) levando-o a permanecer interagindo com o mesmo texto.

Observando ainda o aspecto da brevidade, o narrador, manifestado em primeira pessoa, não tem pretensão de se debruçar numa longa des-

crição subjetiva da chuva, o que levaria a uma extensão maior do texto. Embora se utilize dos predicativos atribuídos aos sujeitos das orações, – “vida”, “perigo de vida”, “purificação”, “corrosão” –, ilustrando uma linguagem antitética, o objetivo da utilização desse recurso reside na tentativa de confirmar o que foi atestado no primeiro período do primeiro parágrafo: “Eu considere que água que cai do céu não tem apenas uma interpretação”. E mesmo que haja uma gradação apresentada nas definições que o narrador atribui à chuva, apontando para a confirmação do que ele vai reforçar – “Porque chuva não é uma coisa só” –, apresentar essas diferentes acepções constitui um recurso utilizado para trazer ao texto, não apenas um tipo de leitor, mas diversos leitores que se encontram nas diferentes situações em que a chuva ocorre: “Para quem no aconchego do lar”, “para quem em situação de rua”, “Para quem toma banho de chuva”, “quando a chuva é ácida”. Além disso, a escolha da elipse e do zeugma permite que o leitor chegue à mimese da fluidez da chuva que, como fenômeno, não escolhe onde vai cair, pois, sendo chuva, apenas segue seu fluxo natural: “quando cai no rio”, quando cai “sobre o mar”, “quando cai no sertão”, “quando cai na cidade”, quando cai ao morrer alguém, quando cai em um “dia de praia”.

Isso posto, notamos que o escritor, “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (Candido, 2003, p. 89). Assim, ao optar pela ausência de adjetivações e se utilizar de períodos curtos, o autor do texto confirma aquilo que se espera na composição da crônica: aproximar a literatura da vida de cada leitor.

3. O “EU” COMO FENÔMENO DE MÚLTIPLOS ESPECTROS

Produzir uma narrativa, hoje, no campo literário, vai muito além de apenas contar uma história, haja vista a capacidade de essa narrativa ser

apresentada com diferentes camadas, que sobrepostas, reúnem uma gama de significados e sentidos pretendidos pelo autor e que vão ser construídos pelo leitor.

Essas camadas são criadas pelo autor, que escolhe seus narradores e personagens, cada um com sua voz. Cada ação e cada cena tem um sentido que compõe um todo, o que leva o leitor da passividade à emoção, do amor ao ódio, da expectativa à realização etc. Cabe ao leitor ir e vir entre essas camadas de significados para entender os sentidos e os significados criados pelo autor do texto literário (Pichler, 2025, p. 142).

Dessa forma, ao escrever um texto literário, o autor sabe que deve se utilizar de recursos responsáveis por conduzir o leitor à observação de todas essas camadas. Durante a leitura, o leitor será levado à identificação dos sentidos pretendidos pelo autor no momento da escrita, mesmo que este saiba que não terá controle sobre as significações construídas por aquele após a colocação do ponto final do texto.

Embora o autor seja “dono” do que está escrito no texto, este não se configura como acabado, finalizado, pois continua sempre aberto aos significados e sentidos que a ele serão atribuídos. A construção de novos e diferentes significados, que é permitida pela plurissignificação presente no texto literário, deve-se ao uso predominante da linguagem figurada. E por que se utilizar desse tipo de linguagem na produção de um texto literário? Porque “fazer uso da linguagem figurada, desde que sem exageros, é um modo de se investir na própria fixação dos sentidos que um texto contém” (Ramalho; Haussman, 2018, p. 27) e assim, atribuir literariedade a esse texto e permitir que o leitor possa usufruir de uma experiência de fruição estética. Essas considerações justificam as acepções que estão sendo feitas na presente análise a partir das informações que o texto nos apresenta.

Voltando à crônica “Chuva, chuvas”, o foco agora será a análise do emprego de três das figuras de linguagem que podem ser identificadas no texto: a metáfora, comparação (ou símile) e o paradoxo. Vejamos, antes, como elas são definidas: o “**Paradoxo** é o nome que se dá à figura que explora, na linguagem, as contradições do mundo, aproximando antíteses ou situações, ações e personagens divergentes a partir de algum eixo que o une” (Ramalho; Haussman, 2018, p. 42); a “**comparação** ou **símile** é a figura de pensamento por meio da qual se aproximam referentes diversos entre os quais se identificam semelhanças. O uso do conectivo “como” [...], entre outros, permite rapidamente a identificação dessa figura de linguagem” (Ramalho; Haussman, 2018, p. 48); já a

metáfora, talvez a “figura de linguagem” mais importante e recorrente na produção textual, define-se, basicamente, como recurso que explora o uso de comparações implícitas por meio das quais é possível aproximar referentes aparentemente desconexos entre si. Por ser uma “comparação implícita”, a metáfora exige que se perceba essa comparação por meio de uma leitura mais aprofundada, que nos levará à reflexão e à posterior compreensão dos referentes que permitiram que essa comparação fosse feita (Ramalho; Haussman, 2018, p. 27).

Considerando o exposto, retomemos a análise da crônica “Chuva, chuvas” nos atendo, agora, ao terceiro e último parágrafo do texto. Leiamos:

Considerarei, por fim, que nem eu, nem o outro, nem a chuva somos somente um: depende de quando e como passamos. E nem sob a mesma chuva formamos um, pois somos uma variedade de uns, como gotas de uma mesma chuva, em seu espectro de múltiplo fenômeno, que não se reduz a um só pensar (Santos, 2019, p. 48).

O parágrafo é iniciado com o mesmo verbo (considere) conjugado no mesmo tempo e na mesma pessoa como são iniciados os dois anteriores, dessa vez, com o emprego do sujeito elíptico. Essas afirmações repetidas em sequência traçam um convite para que o leitor se mantenha na leitura do texto considerando que o que está sendo narrado constitui uma comprovação de algo que foi experienciado pelo narrador, de algo que ele decide compartilhar com base na própria realidade, realidade essa que pode estar sendo vivenciada também pelo leitor.

O polissíndeto e a anáfora que se seguem após a consideração do narrador: “nem eu, nem o outro, nem a chuva” dão início ao que vem a ser a intenção do autor, que é metaforizar a relação existente entre o fenômeno da natureza (chuva) e o fenômeno biológico (o “eu”/ser). Ao concluir que, “somos uma variedade de uns, como gotas de uma mesma chuva, em seu espectro de múltiplo fenômeno, que não se reduz a um só pensar”, a comparação empregada entre a “variedade de uns” e as “gotas” da chuva criam um paradoxo que interpela o leitor a uma profunda reflexão acerca da existência humana, traduzida como um fenômeno plural e singular, como uma unidade do ser constituída pela coexistência de sua própria diversidade, que existe em um mesmo tempo e em um mesmo espaço.

Por fim, a essa interpretação o leitor pode chegar partindo das próprias acepções e/ou experiências que vai construindo no decorrer da leitura e de acordo com o seu conhecimento de mundo, no entanto, é o próprio texto que abre esse caminho a ser traçado, se lembrarmos, por exemplo, dos trechos presentes nos dois primeiros parágrafos: “água que caiu do céu não tem apenas uma interpretação”; “Porque chuva não é uma coisa só”; “É que chuva não chove de um jeito só, cada gota tem um peso”; nos quais notamos que a diversidade a ser atribuída aos elementos comparados (chuva/existência do ser) já era prenunciada como forma de levar o leitor a concordar com a informação final do texto: cada

“eu” é um fenômeno por existência mantendo relação com todas as outras versões de si mesmo.

A forma como o autor da crônica leva o leitor a transitar pela gradação das informações até chegar à metáfora final permite traçar um paralelo com a estratégia de Rubem Braga na crônica “O pavão”. Nela, de acordo com a análise de Ramalho (2013), o narrador apresenta considerações a respeito da ave, construindo metáforas por meio da associação entre o pavão, o artista e o ser que ama: “O pavão é um arco-íris de plumas”, “um arco-íris é o luxo do grande artista”, “o amor gera um arco-íris”, “o bom artista é um pavão” e “o ser que ama é um pavão” (Braga, 1999). Desse modo, conclui-se que, “se o bom artista é um pavão e o amante também o é, por que ambos realizam o fenômeno de alcançar o esplendor (arte e amor) com apenas um mínimo de elementos (poucas cores e luz do olhar da amada), o amante é, também, um artista, cuja arte final é o amor” (Ramalho, 2013, p. 371). Identificamos, com isso, que, assim como Rubem Braga, Éverton Santos utiliza a progressão temática como recurso estilístico para conduzir o leitor na identificação das metáforas estabelecidas. Essa construção culmina no efeito de sentido proposto pela própria escrita da crônica, que consiste em apropriar-se do que é comum para permitir ao leitor ressignificar o seu olhar sobre o cotidiano.

4. A EXPRESSÃO DO “EU” EM SALA DE AULA POR MEIO DO TEXTO LITERÁRIO

Se fôssemos definir o termo “literatura”, enquanto arte que se manifesta por meio da palavra, poderíamos partir de diversas acepções atribuídas por vários teóricos e suas correntes. Nesta seção, iremos considerar os conceitos atribuídos à literatura por Antonio Candido (1995) como ponto de partida para a abordagem que escolhemos traçar. Em seu texto “O Direito à Literatura”, Candido (1995) constrói uma abordagem comparativa entre as necessidades básicas inerentes ao ser humano e

lista a literatura como uma dessas necessidades fundamentais que não deveriam ser negadas a nenhum indivíduo. Em suas palavras, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (Candido, 1995, p. 186). Por ser tão necessária no processo de humanização de um indivíduo é que ela se torna um direito indispensável a todo e qualquer sujeito.

Considerando essa indispensabilidade, a escola não pode afastar esse direito do aluno. Sobre afastar, não nos referimos apenas ao ato de negar o acesso do estudante ao texto literário (quando o professor opta pelo trabalho com textos de linguagem utilitária como prioridade), o afastamento ocorre também, quando, ao trabalhar com o texto literário, o professor o utiliza como uma mera ferramenta de avaliação, transformando a leitura em um fardo, em um ato de obrigação para se conseguir aprovação. Ao se referir ao trabalho com a literatura, de forma específica, no ensino médio, Cosson (2014, p.21) afirma que

o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes.

Quando se afirma que a inserção na cultura contemporânea é feita prioritariamente por meio da imagem e do som, uma “necessidade” do jovem contemporâneo de estar imerso no uso das telas, o contato com

o texto literário é ainda mais distanciado do aluno, cujo acesso à literatura como prática de lazer capaz de formá-lo culturalmente não integrará âmbito de suas perspectivas. Com isso, reforça-se a “necessidade universal e imperiosa” atribuída à literatura por Candido (1995), corroborando o direito indispensável de contato com a arte por meio da palavra.

Isso posto, observamos que há um impasse acerca do trabalho com o texto literário em sala de aula. Sobre esse processo, Annie Rouxel (2012) apresenta um estudo acerca da expressão do sujeito leitor e traça uma abordagem distinguindo a leitura analítica da leitura cursiva no processo de formação do leitor do texto literário. A primeira, a autora conclui ser o tipo de leitura que “pretende formar um leitor capaz de responder às injunções do texto, e esse leitor não tem nenhuma voz enquanto sujeito sobre o assunto” (Rouxel, 2012, p. 275). A segunda por sua vez, é uma “Leitura autônoma e pessoal, ela autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras. Favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais” (Rouxel, 2012, p. 276). Este segundo tipo de leitura deve ser, portanto, considerando o caráter humanizador da literatura, priorizado na utilização do texto literário em sala de aula, porque, com a sua prática, tem-se o objetivo de levar o sujeito leitor a reconhecer a sua própria individualidade, pois sai do plano da dimensão objetiva do texto para incentivá-lo a identificar, por meio da leitura, seus dilemas pessoais. Esse processo será possível desde que o professor assuma a condição de mediador da leitura, não detendo para si o sentido único e completo do texto. Partindo disso, utilizando a crônica analisada nas seções anteriores, descreveremos a seguir uma proposta didática que atenda aos objetivos esperados pela prática da leitura cursiva abordada por Rouxel (2012) e o que se espera da escola no desenvolvimento do letramento literário apontado por Cosson (2014).

Para motivar o leitor a agir como sujeito leitor, propomos, antes do contato deste com o texto, trabalhar com os sentidos dos alunos, convi-

dando-os a recuperar memórias afetivas enquanto ouvem os diferentes sons que a chuva pode produzir, por meio da reprodução de áudios com esses efeitos. Em seguida, imagens podem ser apresentadas para ilustrar as situações que estarão descritas na crônica. Esse momento servirá de ponto de partida para iniciar uma discussão, podendo ser em roda de conversa, na qual serão acolhidas as considerações dos alunos a respeito do que a chuva pode representar para cada um. Esse momento inicial será seguido da apresentação do texto que terá a leitura feita pelo professor, para que os estudantes possam observar as entonações e ritmos da leitura, identificando as marcas da estrutura anafórica pela repetição da mesma expressão no início de cada parágrafo e as que aparecem no interior deste.

Finalizada a leitura feita pelo professor, o momento seguinte deve ser o da leitura individual e silenciosa realizada pelo aluno. Durante esse momento, o professor pode indicar o uso da técnica do diário de leitura, pois este, de acordo com Rouxel (2012, p. 275), permite “observar a existência de uma relação pessoal com a obra lida e de traços do processo de elaboração identitária. O jovem leitor exprime suas reações diante do texto e se interroga sobre aquilo que sente”. Por meio desse diário, o aluno poderá tecer as relações que encontra entre o texto e sua realidade, demonstrar o que identifica como estranhamento e qual a sua reação diante dos recursos estéticos utilizados pelo autor.

Em seguida, como o aluno já se expressou individualmente pela leitura individual, o professor pode iniciar a mediação de uma interpretação mais aprofundada a partir da própria estrutura do texto, mostrando os aspectos da interpretação coletiva que é permitida por meio do processo de execução do letramento literário. A esse respeito, Cosson (2014, p. 40-41) afirma que, “por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto”. Nesse sentido, propomos orientar os alunos na identificação do foco narrativo e discutir como o autor emprega subjetividade ao texto ao escolher um narrador em primeira pessoa. Além disso, o professor pode mediar a interpretação focando na análise das antíteses empregadas (“chuva é vida”/“é perigo de vida”; “é purificação”/“é corrosão”; “é bonança”/“não faz diferença”) e discutir sobre o efeito de sentido produzido pela metáfora que vai conduzindo o leitor até chegar na conclusão de que nós, seres humanos, assim como a chuva, não somos apenas um elemento indivisível.

Concluídas as etapas de leitura, propomos uma atividade de escrita de uma crônica como forma de permitir que o sujeito leitor possa atuar também como sujeito autor. A escrita dessa crônica, deve partir da escolha de um elemento do cotidiano que tenha a possibilidade de a ele ser conferido diferentes significados quando o associarmos a diferentes situações em que esse elemento possa existir. Essa atividade promove o desenvolvimento da resposta criativa ao acesso à construção e fusão de sentidos que o sujeito leitor obteve por meio da leitura cursiva. Com a descrição dessa proposta, pretendemos elucidar que a leitura do texto literário em sala de aula deve funcionar como processo fundamental na formação de sujeitos leitores. É um processo fundamental porque,

na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2014, p. 30)

Dessa forma, toda a comunidade escolar entenderá que a leitura, “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, [...] é um lugar de existência” (Rouxel, 2012, p. 278), e por assim dizer, ao promover a construção da subjetividade do aluno, por meio da experiência de humanização que a literatura permite, a leitura literária amplia a visão de mundo do estudante e o auxilia na tomada de posição face aos dilemas que tanto ele quanto a sociedade enfrentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas, pudemos observar que a crônica, como texto literário, nos permite transitar por muitas vias de significações, que podem estar presentes em uma mesma escrita. Essas vias, que são construídas pelo autor, podem ganhar novas formas a partir dos sentidos que o leitor constrói no momento da leitura, depois de ser conduzido pelos recursos linguísticos utilizados, como por exemplo, as figuras de linguagem identificadas e apresentadas nas análises.

Além disso, concluímos que, para a formação do sujeito leitor, é indispensável a prática da leitura cursiva, em sala de aula, como base desse processo, uma vez que, uma simples decodificação de palavras em um texto não permite o desenvolvimento do que se considera ser o letramento literário, pois é preciso que o leitor seja integrado ao texto, reconhecendo neste, um possível espaço de expressão da sua subjetividade e de identificação da sua própria experiência de vida, mesmo que por meio de uma linguagem de natureza simbólica. Nesse sentido, por meio da análise aqui tecida, constatamos que, ao utilizar a leitura da crônica “Chuva, chuvas” em sala de aula, desde que haja a mediação correta, o estudante será capaz de se reconhecer no texto – ao transitar pelas camadas metafóricas da narrativa – e vivenciar uma experiência estética para além de uma simples decodificação de palavras, o que permitirá a esse estudan-

te relacionar suas experiências cotidianas ao que está sendo representado na narrativa.

Portanto, a crônica, por estar mais próxima do leitor pela representação de experiências cotidianas, é capaz de levar esse leitor a se expressar subjetivamente por meio da leitura de um texto. Se isso ocorre, a literatura terá cumprido sua função: formar culturalmente o sujeito que será capaz de se organizar socialmente, criticar o meio em que vive e se impor na construção do seu próprio pensamento.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 120.

BRAVO, Rodrigo. A Arte da Retórica: por uma poética da tradução do discurso filosófico. In: ARISTÓTELES. **Arte da Retórica**. Tradução de Rodrigo Bravo. 1a. ed. - São Paulo: Editora Madamu, 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: __. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-193.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Viviane Godoi da. **As marcas de oralidade como recurso estilístico nas crônicas de Joaquim Ferreira dos Santos**. 2013. 207 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DOS SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo. REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004. **Educação On-line**, n. 3, 2008.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano.

3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995. Disponível em: <https://www.assisprofessor.com.br/documentos/livros/hesiodo_teogonia.pdf> Acesso em: 3 jul. 2026.

PICHLER, Conrad. **Ensino médio: 1ª série: livro do professor: literatura**. Curitiba: Sae Digital, 2025. v. 1.

RAMALHO, Christina. Retratos do cotidiano: a crônica em três vozes. **Revista Leitura**, n. 49, p. 135-156, 2012.

_____. A literariedade da crônica de Rubem Braga. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 11, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1278>. Acesso em: 25 jun. 2026.

RAMALHO, Christina; HAUSSMAN, Raphael. **Por um texto todo meu: teoria e prática em produção textual: livro 3**. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2018.

RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael. **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. Natal/RN: Lucgraf, 2019. e-Book (pdf).

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 145, p. 272-283, 2012.

SANTOS, Éverton. Chuva, chuvas. In: RAMALHO, Christina; RAMALHO, Ítalo de Melo; SENRA, Rafael. **Todas as águas: crônicas**. 1. ed. Natal/RN: Lucgraf, 2019. e-Book (pdf). p. 48.

